



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

MARIA ALICE SILVA FURTADO

PLANTAS MEDICINAIS E CURA TRADICIONAL
EM SANTIAGO, CABO VERDE:
UMA ETNOGRAFIA NO MERCADO DO PLATEAU



Salvador

2022

MARIA ALICE SILVA FURTADO

**PLANTAS MEDICINAIS E CURA TRADICIONAL
EM SANTIAGO, CABO VERDE:
UMA ETNOGRAFIA NO MERCADO DO PLATEAU**

Dissertação apresentada ao programa de pesquisa e Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Fátima Tavares

Salvador

2022

UFBA/ Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Biblioteca Anísio Teixeira

Furtado, Maria Alice Silva.

Plantas Medicinais e Cura Tradicional em Santiago Cabo Verde: Uma etnografia do Mercado do Plateau/ Maria Alice Silva Furtado – 2022.

111 f. : il.

Orientadora: Professora Dra. Fátima Tavares.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2022.

MARIA ALICE SILVA FURTADO

**PLANTAS MEDICINAIS E CURA TRADICIONAL
EM SANTIAGO CABO VERDE:
UMA ETNOGRAFIA NO MERCADO DO PLATEAU**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Bahia.

Salvador
Agosto 2022



Universidade Federal da Bahia
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA (PPGA)

ATA Nº 11

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA (PPGA), realizada em 16/08/2022 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM ANTROPOLOGIA no. 11, área de concentração Antropologia, do(a) candidato(a) MARIA ALICE SILVA FURTADO, de matrícula 2020114352, intitulada Plantas Medicinais e Cura Tradicional em Santiago, Cabo Verde: Uma Etnografia no Mercado do Plateau. Às 14:00 do citado dia, por videoconferência, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. Dra. FATIMA REGINA GOMES TAVARES que apresentou os outros membros da banca: Prof. Dr. MARCELO MOURA MELLO e Prop. Dra. ANDRÉA DE SOUZA LOBO. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo(a) candidato(a), tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Dra. ANDRÉA DE SOUZA LOBO, UnB

Examinadora Externa à Instituição

Dr. MARCELO MOURA MELLO, UFBA

Examinador Interno

Dra. FATIM REGINA GOMES TAVARES, UFBA

Presidente

MARIA ALICE SILVA FURTADO

Mestrando(a)

DEDICATÓRIA

À
Memória da minha querida mãe, que embora nunca teve oportunidade de conhecer uma letra do alfabeto, soube inculcar em mim o desejo e vontade de estudar e aprender cada vez mais.

AGRADECIMENTOS

São tantas, e tão especiais ...

Primeiro agradeço à Deus, sem ele, eu sou nada. Obrigado Senhor!

À minha família, Jacinto Miranda, meus filhos, Jacinto Miranda Júnior, Jalice Miranda e Camila Alicia Miranda, por me apoiarem desde a primeira hora quando decidi fazer o meu Mestrado no Brasil. Pela coragem e força que me transmitiram, por telefone, rede social, durante o período de confinamento, da pandemia covid19.

Aos meus irmãos e irmãs, Teresa, Dunda, Arlinda, Joaquim, Moreira, Afonso, Canginha e Bia, aos meus cunhados(as), sobrinhos(as) e sobrinhas(as), primos(as), pela preocupação e encorajamento.

À minha orientadora Fátima Tavares, sempre atenta, compreensiva e competente para uma orientação de qualidade. Muito obrigada.

Aos meus caros amigos, António Pedro Maurício dos Santos (Tony Santos) e Francisco Tavares, pelo apoio e encorajamento, para efetivação dessa caminhada.

Ao amigo Professor Ricardo Fidalgo, obrigada especial pelo apoio na escrita do crioulo.

Aos amigos Manuel Furtado (Poeta), Rui Alexandre, (Alex) Obrigada pelo apoio.

Aos meus entrevistados, um muito obrigada pela confiança, amizade paciência e tempo dedicado para conversarem comigo, transmitindo informações que efetivou esse trabalho.

À todos amigos, destaco aqui meus conterrâneos africanos no Brasil, meu sobrinho Joel Airina, Jair, Carlos Jeovane, Patrik, pela recepção e apoio, e em Cabo Verde meu amigo Alexandre Adoh pelo grande apoio, meus amigos, Mano Carlos, Abu, minhas amigas Rosaly, Titina, Vera e Elisângela, pelo apoio e encorajamento.

Ao Professor Doutor Lourenço Gomes, pelo apoio e encorajamento transmitido desde início do meu projeto de Mestrado.

À Coordenadora de PPGA, Professora Cecília Anne, pelo apoio dado para minha instalação em Salvador, e fazer tirocínio na sua turma de graduação, onde aprendi muito sobre os Povos Originários do Brasil.

À todos os meus Professores e colegas da turma do PPGA, 2020, pela partilha de conhecimentos, solidariedade e entreajuda. Aos professores que aceitaram fazer parte da minha banca de defesa, muito obrigada.

Ao programa de bolsa CAPES, pelo apoio financeiro concedido, Agradeço.

Deus abençoe a todos vocês, por me possibilitarem essa experiência enriquecedora e gratificante fazendo-me crescer como ser humano e profissionalmente.

“As plantas e ervas medicinais são recursos de
Deus para nossas vidas.”¹

Autora: Toinha Vicentina

¹ Disponível em: https://www.pensador.com/autor/antonia_vicentina_de_araujo. Acesso em 26/06/2022.

RESUMO

O uso de Plantas Mediciniais na cura de enfermidades é prática reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que relata que cerca de 80% da população mundial fazem uso. Cabo Verde, desde a chegada dos seus primeiros habitantes faz-se o uso de “remédio de terra” ou cura tradicional, principalmente, baseada nas plantas medicinais, para cura das doenças. Vários são os motivos que concorrerem para tal, como a falta de estrutura de saúde pública, com médicos insuficientes para cobrir toda população e a distribuição da população e pobreza nesse país arquipélago. O objetivo primordial dessa pesquisa foi investigar a importância do uso de plantas medicinais e cura tradicional para os santiaguenses e seu reconhecimento na saúde e património cultural desse povo. Na elaboração deste trabalho realizei entrevistas semiestruturadas e diálogo livre com vários mediadores, agentes que lidam direta e indiretamente na circulação das plantas medicinais que são disponibilizadas no Mercado do Plateau, importante espaço de vendas de plantas medicinais na ilha de Santiago. Foram entrevistadas as “Vendedeiras” de plantas medicinais e outros mediadores como o Gestor do Mercado, Clientes, Produtores e Curandeiros. Também foi realizada pesquisa bibliográfica sobre o tema, referente a Cabo Verde e Brasil, para melhor alcançar os objetivos preconizados. A pesquisa identificou que a população de Santiago reconhece a importância das plantas medicinais na sua vida e utiliza-as tradicionalmente, “remédio de terra” no tratamento de várias doenças, em forma de chá, banho, purificação do ar, aromatização de espaços, suco, cataplasma, suador etc. Por outro lado, da parte do Estado Cabo-verdiano não existem políticas públicas que valorizem e salvaguardem as plantas medicinais e a cura tradicional. No Ministério de Saúde é notória uma reserva dos responsáveis dessa área em trabalhar no sentido de implementar essa prática como reforço de saúde nas comunidades santiaguense. Por isso, os interlocutores desta pesquisa reclamam uma atenção especial dos serviços responsáveis de saúde, no sentido de os apoiar com formações, financiamento para que possam prestar melhor serviço aos seus utentes pacientes. Da mesma forma, também não existe uma política de patrimonialização à curto prazo. Constatei que este é um tema pouco estudado em Cabo Verde, com escassez de documentos escritos, dificultando em parte, a minha pesquisa. Também a pandemia da covid-19 exigiu de mim um redobrar de esforço, readaptação da pesquisa, adaptar novas formas de estudar, com uso das novas tecnologias.

Palavras-chave: Plantas Mediciniais; Cura Tradicional; “Remédio de Terra”, Mercado do Plateau; Vendedeiras de Plantas Mediciniais.

ABSTRACT

The use of Medicinal Plants in curing diseases is a practice recognized by the World Health Organization (WHO), which reports that about 80% of the world population use them. Cape Verde, since the arrival of its first inhabitants, the use of “earth medicine” or traditional healing, mainly based on medicinal plants, has been used to cure diseases. There are several reasons that contribute to this, such as the lack of public health structure, with insufficient doctors to cover the entire population and the distribution of the population and poverty in this archipelago country. The primary objective of this research was to investigate the importance of the use of medicinal plants and traditional healing for the people of Santiago and its recognition in the health and cultural heritage of this people. For the elaboration of this work, I carried out semi-structured interviews and free dialogue with several mediators, agents who deal directly and indirectly with the circulation of medicinal plants that are available at the Municipal Market of Praia/Mercado do Plateau, an important sales space for medicinal plants on the island of Santiago. The “Sellers” of medicinal plants and other mediators such as the Market Manager, Customers, Producers and Healers were interviewed. A literature review was also conducted on the subject, referring to Cape Verde and Brazil, to better achieve the established objectives. The research identified that the population of Santiago recognizes the importance of medicinal plants in their lives and traditionally uses them, "earth medicine" in the treatment of various diseases, in the form of tea, bath, air purification, aromatization of spaces, juice, cataplasm, inhalation, among others. On the other hand, on the part of the Cape Verdean State, there are no public policies that value and safeguard medicinal plants and traditional healing. At the level of the Ministry of Health, it is notorious the reluctance of those responsible for this area in working towards implementing this practice as a way of health reinforcement in Santiago communities. Therefore, the interlocutors of this research demand special attention from the responsible health services, in order to support them with training, funding so that they can provide better service to their patient users. Likewise, in cultural terms, there is also no short-term patrimonialization policy. I found that this is a subject that has not been studied much in Cape Verde, with a scarcity of written documents, inhibiting my research. The covid-19 pandemic also demanded a redoubled effort from me, readapting research, adapting new ways of studying, using new technologies.

Keywords: Medicinal Plants; Traditional Healing; "Earth Medicine", Plateau Market; Medicinal Plant Sellers.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1	Mapa de localização geográfica de Cabo Verde	20
Figura 2	Mapa da divisão administrativa de Cabo Verde	26
Figura 3	Mapa administrativa de Santiago	28
Figura 4	Centro Histórico da Praia	30
Figura 5	Rua pedonal de Plateau, Cidade da Praia Cabo Verde	32
Figura 6	Aula de ginastica rítmica nas portas do Mercado do Plateau	33
Figura 7	Mercado Municipal da Praia, atualmente	34
Figura 8	Mercado Municipal da praia construído em 1924	35
Figura 9	Foto do mercado da Praia datada de 1907	35
Figura 10	Mercado Plateau Antigo e Atual	37
Figura 11	Mercado Plateau, ganha mais um piso	38
Figura 12	Hortelã, Planta Medicinal	55
Figura 13	Xali, Plantas medicinais	56
Figura 14	Alecrim, Plantas Medicinais	57
Figura 15	Agrião, Planta Medicinal	57
Figura 16	Babosa, Plantas Medicinais	58
Figura 17	Arruda, Plantas Medicinais	59
Figura 18	Malva, Plantas Medicinais	59
Figura 19	Erva Doce, Planta Medicinais	60
Figura 20	Gengibre	60
Figura 21	Óleo de Eucalipto	61
Figura 22	Azeite de Purgueira	61
Figura 23	Losna, Planta Medicinal	62
Figura 24	Tchai de Rubera, Planta Medicinal	62
Figura 25	Pila Babosa	64
Figura 26	Localidade de S. Jorge dos Órgãos, campo de cultivo do João	64
Figura 27	Senhor João, no seu campo de produção de Plantas Medicinais	65
Figura 28	Matos de Alecrim no campo de João	66
Figura 29	Plantas Medicinais no campo João	67
Figura 30	Entrada do lado da Avenida Amílcar Cabral e Escada de acesso ao 1º piso	75
Figura 31	Espaço de venda de plantas de ornamentação	75
Figura 32	Final da escada, primeiro andar, vendedeiras de frutas e plantas medicinais	76
Figura 33	Corredor que dá acesso às vendedeiras de plantas medicinais	76
Figura 34	Espaço de venda de Plantas Medicinais	77
Figura 35	Organização do espaço, arrumação das mesas e disposição das vendedeiras	77
Figura 36	Organização do espaço, das mesas e disposição das vendedeiras	77
Figura 37	Primeiro andar, (espaço cerimonial, culturais e cobertura do Mercado)	78
Figura 38	Vendedeiras ambulantes em torno do Mercado	80
Figura 39	Venda de Plantas Medicinais em espaço não autorizado	81
Figura 40	Espaço cultural do Mercado do Plateau, inaugurado em 2016	82
Figura 41	Vendedeira Lulucha	85
Figura 42	Vendedeira Joana	86

Figura 43	Vendedeira Lenira	86
Figura 44	Vendedeira Janira	87
Figura 45	Vendedeira Bebe	88
Figura 46	Vendedeira Elcy	89
Figura 47	Vendedeira Salomé	91
Figura 48	Vendedeira Mãezinha	92
Figura 49	Regina Pereira, cliente assídua na compra de Plantas Mediciniais	95

LISTA DE QUADRO

Quadro 1	Vendedeiras de Plantas Mediciniais do Mercado do Plateau	83
----------	--	----

LISTA DE ABREVIATURA

AVC	Acidente Vascular Cerebral
CMP	Câmara Municipal da Praia
ESF	Estratégia Saúde da Família
IAHN	Instituto do Arquivo Histórico Nacional
INIDA	Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário
INPS	Instituto Nacional De Previdência Social
IPC	Instituto do Património Cultural
OFCV	Ordem dos Farmacêuticos de Cabo Verde
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONGs	Organizações não Governamentais
PCI	Património Cultural Imaterial
PICs	Práticas Integrativas e Complementares
PNPIC	Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares
PPGA	Programa Pós-Graduação em Antropologia
SUS	Sistema Único de Saúde
T&CM	Medicina Tradicional e Complementar
UFBA	Universidade Federal de Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – De Cabo Verde ao Mercado do Plateau	20
1.1. Cabo Verde: alguns apontamentos	20
1.2. A ilha de Santiago	27
1.3. Plateau e o Mercado	30
CAPÍTULO II – Plantas Medicinais e Cura Tradicional	42
2.1. Questão sanitária e cura tradicional na história de Santiago	42
2.2. Plantas Medicinais e Patrimônio	47
2.3. Produtores e condições de produção	62
2.4. Plantas Medicinais, cura tradicional e a Covid-2019	69
CAPÍTULO III - As Vendedeiras do Mercado de Plateau	74
3.1. O Mercado e as plantas medicinais	74
3.2. As Vendedeiras	82
3.3. A Clientela	93
CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIAS	106

INTRODUÇÃO

As plantas medicinais representam recursos de grande importância na vida dos povos, principalmente na cura tradicional ou terapêutica popular, sendo até o século XIX o principal recurso para cura das enfermidades. Com o desenvolvimento das ciências, principalmente a química, a partir do século XX, aconteceram mudanças significativas em relação ao uso das plantas medicinais, deixando de ser utilizado de forma natural para transformação sintética, misturada a outros produtos. Mudança essa que, no início, sendo considerada uma revolução dentro da medicina, trouxe muitas expectativas em relação à cura de muitas doenças e seguramente uma diminuição de outras formas mais tradicionais de cura. No entanto, apesar dessas mudanças, houve continuidade no uso natural das plantas medicinais, embora não no mesmo nível de antes, o que pode se justificar pelas condições de cada país. (BELLO *et al.*, 2002).

Em Cabo Verde, particularmente em Santiago, desde seu povoamento fez-se uso de plantas medicinais na cura, de forma tradicional, no tratamento de várias enfermidades, como destaca Vieira (1999). Segundo Nélida Rodrigues (1991), essa forma tradicional de cura é popularmente denominada de “remédio de terra”², que também é o usado pela população santiaguense, que corresponde ao medicamento feito no contexto da cura tradicional. Ela explica que o uso do termo “remédio de terra” é expressão da população local para designar a feitura por curandeiros ou a manipulação doméstica de plantas e outros recursos para a cura das doenças, segundo a tradição oral, fazendo parte do cotidiano santiaguense.

No passado, devido à falta de médicos e outras fragilidades do país, essa forma de cura foi exclusiva, mas com a melhoria das condições de saúde e desenvolvimento da medicina, diminuíram essas práticas. Vieira, (1999).

Ao longo da pesquisa pude identificar a importância das plantas medicinais e até mesmo sugerir que houve um aumento do seu uso na forma tradicional de cura, conforme relatos de interlocutores. Um dos motivos constatados é aparecimento de novas doenças acompanhadas de uma fraca resposta da medicina convencional, como exemplo da covid-19 - na falta de ciência, os Cabo-verdianos, e santiaguenses em particular, usaram plantas medicinais no combate à pandemia.

² Segundo Nélida Rodrigues, (1991) o termo “remédio de terra” é o termo popular, sinónimo do termo medicina tradicional ou popular que é mais conhecido na linguagem académica e pelos antropólogos e outros intelectuais

A pandemia, por sua vez, constituiu um entrave às pesquisas e estudos científicos medicinais, ou de outras áreas, pois o momento era de isolamento. Eu sou testemunha desse entrave: como estudante do PPGA/UFBA, 2020, mestranda, residi em Salvador da Bahia, Brasil, no início de março para cursar as disciplinas do curso ao longo de 2020 e retornar a Cabo Verde em 2021 para o seguimento da pesquisa. Mas, em Fevereiro de 2020 a covid-19 tinha chegado ao Brasil. Foram tomadas medidas de prevenção - Confinamento total, uso de máscaras e álcool gel, fecho das fronteiras, aulas paralisadas. Passei a viver numa solidão sem precedentes, psicologicamente sem condições para produção científica. Pelo acréscimo, perdi minha querida mãe a 30 de julho de 2020, sem poder assistir e dar um último adeus; momentos que foram atenuados graças à iniciativa da Coordenação do PPGA/UFBA, em manter os encontros semanais, “Seminário de Antropologia,” todas às sextas-feiras de manhã, via Google Meet; e outra dinâmica, via Skype, implementada pela minha orientadora, Fátima Tavares, no nosso grupo de orientandos, “conversas antropológicas” feitas quinzenalmente, nas sextas de tarde. Sexta-Feira, para mim, era o dia mais importante da semana, e sua chegada parecia uma eternidade. Encontros virtuais, mas com “peso” físico, momentos importantes que serviram para repensar meu projeto, ouvindo sugestões para adaptar à nova realidade pandêmica, pois a base da pesquisa antropológica estava no trabalho de campo, situação que ficou comprometida com a covid-19.

Não sendo possível realizar o trabalho de campo de acordo com o projeto inicial, fiz novo cronograma de pesquisa: cursei as disciplinas em 2021 e simultaneamente continuei a refazer o projeto de pesquisa em novos termos. Inicialmente o tema era mais amplo, focado na cura tradicional em Cabo Verde, especificamente em Santiago, com objetivo de compreender a prática de cura tradicional e valor terapêutico das plantas medicinais na sociedade cabo-verdiana, sua percepção e reconhecimento enquanto patrimônio cultural (material e imaterial).

Santiago foi a ilha escolhida para a realização do trabalho de campo, tendo como foco principal de pesquisa os “Curandeiros” residentes nessa ilha, buscando saber qual o papel das plantas medicinais nesse processo de construção da memória em torno das curas tradicionais. A dificuldade de se realizar uma pesquisa face a face nas condições da pandemia da covid-19 era notória, pois os “curandeiros” na maioria são pessoas idosas, faixa etária de grande risco, e residem mais distantes da cidade, fazendo com que eu também estivesse em risco. Tive, então, que redimensionar a pesquisa que passou a configurar-se como uma etnografia do Mercado do Plateau, mantendo o foco no mesmo

objetivo, o de compreender a importância das plantas medicinais e seu reconhecimento enquanto patrimônio cultural de Santiago, Cabo Verde. Por isso, torna-se necessário a discussão em torno da sua valorização - se por meio da regulamentação em políticas públicas de saúde e de patrimonialização, como no Brasil; ou por outros caminhos. Essa foi e continua a ser a minha inquietação, pois como Cabo-verdiana e antropóloga vejo uma indiferença em relação à valorização de uma prática tão importante para os cabo-verdianos. Assim, desde o primeiro momento que tomei decisão de fazer a minha pesquisa sobre as plantas medicinais e cura tradicional em Santiago, Cabo Verde, um dos meus objetivos foi visibilizar a importância e os desafios contemporâneos dessas práticas e contribuir para fomentar o desenvolvimento de políticas públicas na saúde, estimulando o reconhecimento e preservação da memória cultural e patrimonial dessas práticas, ao lado da cura convencional. Com esse propósito, abordo a questão de patrimonialização cabo-verdiana, em especial relacionada ao uso de plantas medicinais e cura tradicional, já que para haver continuidade e inovação é necessário o reconhecimento por meio de políticas de valorização.

Assim, pude “ajustar” uma metodologia “adequada” ao contexto da pandemia, trabalhando a parte teórica por meio da internet, consultando trabalhos que forma posteriormente organizados numa planilha, mais tarde pesquisa bibliográfica em bibliotecas de Santiago. Convém salientar que tive dificuldade em encontrar literatura das ciências sociais sobre o tema. Os documentos existentes sobre uso de plantas medicinais em Santiago e Cabo Verde em geral estão nas áreas da Biologia (Botânica) e Ciências Naturais (Química). Isso contribuiu para um redobrar de esforços em consultar bibliográfica estrangeira, especialmente brasileira.

O uso de plantas medicinais envolve uma cadeia de agências humanas e não humanas que Bruno Latour (2012) designa por mediadores. Neste caso concreto, mediadores possibilitam a circulação das plantas medicinais por vários caminhos, passando pelos produtores, chegando ao Mercado e aos seus usos curativos, dentre outros. Os mediadores são considerados meios de transmissão e modificação nas suas correspondências com outros agentes - funcionam como uma caixa aberta, com variações.

[...] Os mediadores não podem ser contados como apenas um, eles podem valer por um, por nenhum, por vários ou infinitudes. O que entra nele não define exatamente o que sai; sua especificidade precisa ser levada em conta. Os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado [...] (LATOURE, 2012, p. 65).

A pesquisa visou rastrear alguns mediadores que possibilitam a circulação das plantas medicinais na cura tradicional em Santiago. Enquanto pesquisadora, não “seleciono” mediadores, ao longo da pesquisa no Mercado busquei identificar mediadores que fazem parte de uma malha de uso de plantas medicinais. São diferentes profissionais envolvidos nesse processo: produtores, transportadores, vendedeiras, clientela (curandeiros e clientes assíduos, esporádicos, turistas etc.); trabalhadores do Mercado (gestores, administradores e demais funcionários).

Por isso, numa segunda etapa da pesquisa, com a queda de casos de covid-19 fiz a etnografia no Mercado do Plateau, Cidade da Praia, Ilha de Santiago, com as principais mediadoras, as vendedeiras de plantas medicinais, pois elas eram pessoas mais “acessíveis”, considerando os cuidados com a biossegurança, o que possibilitou a realização de entrevistas e conversas com certa distância. Ainda no Mercado me aproximei de duas produtoras, uma que faz “pila de babosa” e outra que cultivava plantas medicinais. Também visitei João no seu campo de cultivo, que segundo as vendedeiras, é um dos principais produtores de plantas medicinais que abastece o Mercado do Plateau, localizado em S. Jorge, Concelho de S. Lourenço, Ilha de Santiago³. Para complementar, conversei com dois clientes/usuários das plantas medicinais, uma jovem curandeira e a equipa que chefia a gestão do Mercado do Plateau, na pessoa do seu Gestor e seu Gestor adjunto.

Mas também deve-se incluir nesse processo as condições em que estão implicados os mediadores não humanos - pelas quais se é possível efetivar essa circulação, como: o processo de cultivo (geografia, clima, condições de produção etc.); de transporte (situação das estradas, condições dos veículos etc.); do Mercado (condições físicas, sanitárias, de gerenciamento, de comercialização dos produtos etc.); das políticas públicas de valorização (turística, patrimonial) do Mercado (e do seu entorno) e de seus produtos, dentre outras possibilidades.

O trabalho está estruturado em três capítulos: o primeiro, composto por três subitens, aborda a geografia e história dos espaços importantes da pesquisa – Cabo Verde, Ilha de Santiago, Cidade da Praia e o Mercado do Plateau. Considerando que o lócus de realização do trabalho de campo é o Mercado do Plateau, e sua relevância para a

³ O trabalho de campo realizado insere-se na perspectiva de Gerhardt et al. (2009), isto é, fazer um observação participante, produção de imagens, entrevistas (semiestruturadas e conversas informais), com intuito de perceber o uso das plantas medicinais na cura tradicional a partir dos mesmos e responder às inquietações que me levaram a partir para esse desafio.

circulação das plantas medicinais na cidade, o capítulo abarca vários aspectos deste local: seu valor patrimonial, cultural e económico. Tratei com realce das alterações arquitetónicas feitas ao longo das décadas, sendo a mais marcante a remodelação de 2016, que marcou profundamente a vida do Mercado, particularmente do setor de venda das plantas medicinais.

No segundo capítulo foram abordados quatro pontos. Inicialmente apresento a questão sanitária e da cura tradicional ou do uso do “remédio de terra” na história de Cabo Verde, em particular da ilha de Santiago. Em seguida trato da (falta de) política de valorização e patrimonialização das plantas medicinais e cura tradicional, numa abordagem crítica e comparativa com o Brasil. Abordo o papel da OMS nessa valorização e a nula colaboração de Cabo Verde na implementação das políticas de uso dessas práticas no reforço do sistema de saúde. Sugiro caminhos a seguir no sentido da valorização desses elementos tão importantes do património e saúde. No terceiro ponto falo dos produtores e as condições de produção das plantas medicinais a partir da perspectiva de João, o produtor por mim entrevistado, no seu campo de produção. Por fim apresento as plantas medicinais mais usadas na ilha de Santiago e seus usos na feitura de “remédio de terra” curando várias doenças, em especial a covid-19.

No terceiro e último capítulo apresento dados de pesquisa de campo realizado no Mercado do Plateau, destacando as vendedeiras das plantas medicinais e suas histórias de vida.

Por último, na conclusão faço as minhas observações sobre os principais aspectos desenvolvidos no trabalho, sugestões para melhor valorização das plantas medicinais e cura tradicional, assim como todos aqueles que trabalham com essas práticas, proporcionando benefícios para a saúde e património santiaguenses, consequentemente de Cabo Verde.

CAPÍTULO I

De Cabo Verde ao Mercado do Plateau

Este capítulo traz a caracterização de Cabo Verde e especificamente dos espaços onde realizei o trabalho de campo. Trata da localização geográfica de Cabo Verde, da ilha de Santiago, Cidade da Praia, Plateau e o Mercado. Para melhor compreensão do leitor, abordei aspectos da história do país, abarcando a descoberta, povoamento, tráfico de escravos, formação identitária e cultural, situação sanitária. Enfim, são dados introdutórios, mas o suficiente para abrir o caminho para uma boa leitura e compreensão do trabalho.

1.1. Cabo Verde: alguns apontamentos

Figura 1 - Mapa de localização geográfica de Cabo Verde.



Fonte: <https://map-list.blogspot.com/2017/12/cabo-verde>.

Cabo Verde é um arquipélago composto por dez ilhas e oito ilheus, sendo nove ilhas habitadas (Santo Antão, S. Vicente, S. Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, Santiago, Fogo e Brava) e uma não habitada (Santa Luzia). Situa-se na costa ocidental da África, “descoberto” em 1460/62 pelos navegadores portugueses, sendo então desabitada. A primeira ilha a ser povoada foi Santiago, em 1462 (CARREIRA, 2000). Concorreram para formação da sociedade cabo-verdiana povos de dois continentes, de um lado, brancos europeus - jesuítas, aventureiros, náufragos marinheiros desertores, alguns funcionários, prostitutas, órfãs, camponeses oriundos de várias regiões de Portugal, Madeira e Açores (CARREIRA, 1983). De outro lado, negros africanos Mandingas, Balantas, Bijagós

Felupes, Beafadas e Manjacos, resgatados na maioria, na costa ocidental africana, do Rio Senegal à Serra Leoa (BRÁSIO, 1963)⁴. O contingente da África, em maior número, veio no bojo do processo do tráfico de escravos, grupo de extrema importância na formação da sociedade Cabo-verdiana.

Entendo ser pertinente tratar da escravidão, pois o arquipélago esteve no centro desse processo até a sua abolição. Cabo Verde, tendo sido descoberto “sem gente”, como já apontado, e tendo Portugal o interesse em ter um novo território em seu domínio, principalmente pela sua posição estratégica na navegação entre os três continentes, era tido como necessário e urgente seu povoamento. De difícil povoamento inicial devido a vários fatores como clima inóspido,

Cabo Verde é descrito como ‘um prolongamento do deserto de Saara’,[...] dezembro e fevereiro os meses do ano em que sopra harmatã [...], em Cabo Verde é chamado de lestada, [...] que deposita uma camada fina e ressequida de areia, que irrita os olhos e dificulta a respiração de quem não está habituado ao fenómeno. (GOMES, 2019, p.178)

Ainda a longevidade do arquipélago em relação ao reino, existência de enfermidades trazidas pelos negros africanos e a insalubridade da ilha que amadrontava os portugueses para ali se fixarem. Oficialmente iniciou-se o povoamento das ilhas em 1462 (quatro anos mais tarde ainda não havia sido efetivado esse processo). Essa fraqueza de povoamento foi relatada por alguns missionários que aportaram na ilha em 1466. Frei Rogério e Frei Mouro afirmaram ter ali encontrado, nessa altura, só os genoveses apanhando algodão. Essas observações acabam por elucidar ainda mais a certeza de que a sociedade cabo-verdiana só teve início com a carta de 1466, chamada “Carta de Privilégio”⁵ (AMARAL, 1991).

Com essa Carta efetivou-se o povoamento propriamente dito, sendo necessário a criação de estratégias e incentivos no sentido de atrair o interesse dos chamados “vizinhos, moradores”⁶ de Santiago, principalmente no comércio de escravos, que tinha maior lucro. O primeiro incentivo, e com maior efeito, foi a liberdade de comercialização na costa africana, onde se comprava o principal produto, os escravos, e ainda se mantinha privilégios fiscais. Muitos aderiram e preferiram ser “moradores”, deslocando-se para

⁴ Claudio Furtado (2013) chama a mesma região de onde vieram os primeiros escravos de “Costa de Ouro”, que se percebe compreender a mesma área que vai do Senegal ao Rio de Ouro.

⁵ O rei de Portugal D. Afonso V dá aos “moradores” o poder exclusivo de negócios nas rotas do “rio da guiné” para “resgatar” escravos e outros produtos. Além disso eles tinham benefícios fiscais.

⁶ Aquele que era natural de algum povoado, que tinha alguma dignidade, ofício régio ou senhorial que vivesse no lugar, que casasse com mulher da terra e tinha seus bens aqui, que ali tinha família e concentrasse seus bens por quatro anos.

Santiago para adquirirem esse estatuto. Com os incentivos verifica-se o início da fixação no território e o avanço no povoamento das ilhas. A aderência dos comerciantes foi tanta que ultrapassou a expectativa do Rei de Portugal, que tinha até um “certo ciúme”, devido ao enriquecimento dos moradores - por isso, a Carta vigorou por apenas seis anos. Em 1472 o rei decretou uma nova Carta, chamada de “Carta de limitação de privilégio”, isto é, tirava ou limitava novamente o acesso dos moradores à costa e ao principal produto, de maior lucro, os escravos (DOMINGUES, 1991).

Dos que chegavam a Cabo Verde, dependendo da decisão dos donos, ficavam ou eram vendidos para seguirem viagem para a Europa e América. Passavam pelo processo chamado de “ladinização”⁷, tornando mais valorizados e vendidos por maior preço, (AMARAL, 1991). Portanto, o tráfico de escravos teve um papel crucial no desenvolvimento económico do arquipélago, principalmente pela importância do porto de Ribeira Grande, durante o Século XVI, hoje de nome Cidade Velha, onde atracavam os navios. Conforme destacado por Amaral (1991, p.132),

[...] a importância do porto de Ribeira Grande é [...] bem vincada pelos oficiais da Câmara, os quais, em carta endereçada ao poder central, em 1512, afirmam que ele é ‘grande escala para os navios e naus da sua alteza [...] de S. Tome [...] e do Brasil [...] e toda parte da Guiné.

Para tal, foram criadas estruturas que davam suporte à demanda dos navios que por ali passavam. Essa posição estratégica veio beneficiar os comerciantes locais, pois tinham facilidade de trazer e levar produtos para onde quisessem e conseqüentemente tirarem melhor lucro possível, desenvolvendo assim a economia local e do país no seu todo. Cabo Verde revelou-se quase um monopólio no controle do tráfico, fazendo “ciúmes” a própria coroa - em 1512, o rei mandou mudar a rota de escravos da costa da Guiné, diretamente para o porto de Lisboa. Esta decisão trouxe descontentamento e revolta dos moradores, argumentando que a mudança da rota desencadearia a falta de tudo nas ilhas, e até chegada da fome. A mudança da rota, contudo, teve pouca influência na formação da sociedade cabo-verdiana, pois já a partir de 1466 iniciou-se sua estruturação, onde os escravos eram peça principal. Muitos, com o tempo, tiveram a liberdade, passando a ser determinantes na estrutura social, chamados de “filhos de terra” ou “brancos da terra” (AMARAL, 1991).

⁷ Batismo, catiquese e ensino de português que se fazia aos escravos. Com isso, eles eram mais valorizados e mais concorridos.

No primeiro momento do povoamento não era possível falar de uma identidade nacional cabo-verdiana. Segundo Amaral (1991), a “fusão étnica cultural” deu-se rapidamente devido a uma relação de força do dominador/colonizador sobre os dominados/colonizados. Essa “fusão étnica” foi recebida de forma passiva e nunca criticada por aqueles que se debruçam sobre a história de Cabo Verde, numa clara conformidade à base da força, critica Furtado (2012), alegando que de forma muito tímida algumas vozes se contrapunham.

A fragilidade do clima, com a pouca chuva e as características de um arquipélago montanhoso já apontam, segundo destaca Lobo (2015), para o problema da natureza aos olhos do colonizado. Trajano (2004) mostra o poder do discurso colonial em relação a Cabo Verde e seu povo, construído em cima da fragilidade, pequenez e pessimismo. Uma atitude de humildade, aceitação, resignação da sua condição, tomada como algo predestinado, que o autor aponta na formação de uma autoimagem. Trajano cita o historiador Philip Curtin (1972) que chamou de “Privação relativa – uma situação na qual a distância entre as expectativas legítimas do povo e os duros fatos da vida real produz um sentimento ubíquo de sofrimento eterno e de frustração.” (CURTIN, 1972 *apud* TRAJANO, 2004, p. 34). Um outro crítico desse conformismo afirma que,

A violência física e simbólica, que destruiu grande parte da memória étnica dos escravizados, tem sido lida pelos intelectuais cabo-verdianos como “fusão cultural de europeus e africanos”. Essa “fusão cultural” numa mestiçagem geral é percebida por uma parte de intelectuais cabo-verdianos como positiva, no sentido de que se teria constituído uma unidade nacional antes da implantação de um estado nacional. (ANJOS, 2003, p. 581).

Essa fusão baseada numa relação de força contribuiu negativamente na formação da identidade cabo-verdiana, deixando lacunas, confusão e incertezas até hoje. É notória, em muitas discussões públicas, certa crise dos cabo-verdianos em relação a sua identidade. Pelo menos muitos têm dificuldade de assumirem a africanidade. Por serem mestiços, acham que têm uma cor diferente, mais claros do que os negros do continente ou então sentem-se mais próximo de europeus. Ainda contribui o fato de que, por questões territoriais - são ilhas insulares, “descoladas” do continente africano (Cabo Verde faz parte das ilhas da Macaronésia)⁸. Enfim, são razões e complexidades que Furtado ilustra nesse trecho de seu trabalho.

⁸ Macaronésia é uma região biogeográfica, localizada no Oceano Atlântico, constituída pelos arquipélagos dos Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde. Este espaço insulano, para além de partilhar elementos da sua fauna bem como a sua origem vulcânica, partilha ainda um conjunto de laços históricos e culturais com mais de quinhentos anos de memórias.
Disponível em: <https://patrimonioculturalnamacaronesia.pt/macaranesia/>

A identidade cabo-verdiana tem sido objeto de questionamentos, dúvidas e disputas em que a condição arquipelágica, o tipo de povoamento e de colonização não são de todo alheios. Diríamos que são estruturantes nas ambiguidades, ambivalência e contradições que perpassam as múltiplas (re)produzidas, apropriadas e reapropriadas nos mais vários momentos da história de Cabo Verde, bem como das práticas que dão concretude às relações sociais entre os cabo-verdianos e entre eles e os outros particularmente os europeus e africanos continentais (FURTADO, 2013, p. 1-2).

A situação é difícil, mexe com todos os níveis sociais, desde as camadas mais baixas até aos acadêmicos e intelectuais. Em vários escritos publicados é notório uma visão ambígua sobre essa questão, isto é, controvérsias tanto em termos culturais, como de pertença territorial de Cabo Verde⁹. São especificidades étnicas cujas ambiguidades apresentam consequências sociais visíveis. Um exemplo é quando se depara com o tratamento que alguns cabo-verdianos, de forma ingênua ou propositada, dão aos imigrantes da África Continental - é comum ouvir o nome de “manjaco” usado com um pendor de racismo e de gozo, como se desse sangue ninguém fizesse parte. Como consequência, “a situação do emigrante costuma já ser dramática antes mesmo de sua partida.” (FURTADO, 2016 *apud* MARCEL, 2001, p. 242). Claudio Furtado também destaca essa tensão:

[...] a experiência recente de contatos permanentes com comunidades imigradas no espaço territorial do Estado Nacional, com particular relevância para os imigrantes [...] da África Ocidental, tem feito recrudescer essa ambiguidade identitária, tanto em termos discursivos quanto das práticas e relações sociais. (FURTADO, 2013, p. 4)

Amaral (1991) realça que no processo identitário da sociedade cabo-verdiana existem práticas culturais em que se pode observar um maior pendor africano que europeu (especificamente portuguesa), como, por exemplo, na gastronomia. Em Cabo Verde, a forma de se alimentar está muito mais ligada à África, pois desde o povoamento quem cozinhava para os brancos eram as mulheres escravizadas. Faziam tudo de acordo com seus hábitos, pois os pratos portugueses eram mais difíceis confeccionar por falta de ingredientes e por não saberem fazer.

Do lado do dominador, eles impuseram a parte imaterial da cultura, neste caso a língua e a religião, embora os escravos serviram-se do português para criarem seus signos linguísticos, dando origem à língua crioula. Mesmo assim, as marcas são tão fortes que

⁹ Como cabo-verdiana sinto um incomodo com essa ambiguidade. Minha percepção é que “paira no ar” uma ideia de que os cabo-verdianos são africanos “especiais”, ou são “quase” africanos, e “quase” europeus ou “europeus quase africanos”.

de um modo geral, pelos escritos existentes, observa-se na sociedade cabo-verdiana uma hegemonia dos traços europeus, mais do que os africanos.

Poucos são os elementos que possuímos para verificar até que ponto essa despersonalização se verifica. Todavia, avaliar pelo que hoje se conhece da cultura cabo-verdiana, onde os traços da cultura europeia (mais precisamente portuguesa) se evidencia de forma mais clara, não será de todo ousado afirmar-se que o processo aculturativo, a africana tem sofrido as maiores perdas. (AMARAL, 1991, p. 175)

Furtado (2013) também colabora nessa mesma ideia, mostrando a complexidade da questão de identidade cabo-verdiana, que é muito refletida, debatida entre os sociólogos e outros intelectuais cabo-verdianos. O debate transita entre dois pontos cruciais, aqueles que estão do lado da especificidade cultural e social cabo-verdiana, que tem como pano de fundo a criouldade e uma mistura da cultura cabo-verdiana; e o outro extremo, que defende e assume o pertencimento dos negros africanos, principalmente pela localização geográfica e cultura africana.

[...] de forma mais ou menos implícita, em ambos os casos assume-se, valorando de forma diversa, é certo, a forte ascendência da cultura ibérica na formação do homem e da cultura cabo-verdianos, sendo os aportes estritamente negro-africanos considerados como menos significativos, tendo majoritariamente sido diluídos na longa história de Cabo Verde. (FURTADO, 2013, p. 3).

Vivendo sob o domínio colonial português por quinhentos anos, o país teve um papel estratégico na ligação entre os três continentes principalmente, no tráfico de escravos, período marcante da história mundial. Com a sua localização geográfica privilegiada, o arquipélago servia como uma placa giratória do comércio triangular ou de escravos entre a Europa, África e América, acabando quase que fazer parte dos mesmos como explicita Correia e Silva (1991, p. 2): “No caso concreto, fazem parte do tabuleiro os rios da Guiné, Portugal, as ilhas atlânticas, castelã, posteriormente as suas Índias, França, Holanda, Inglaterra, Brasil, etc. Um enorme espaço envolvendo três continentes”. Alcançando sua independência em 1975, logo entrou na ditadura por 15 anos, passando ao regime democrático a partir de 1991. Hoje é politicamente estável, com um governo central e poder local que divide em Municípios ou Concelhos, num total de 22 (vinte e dois).

O processo histórico de Cabo Verde deu lugar à formação de uma nova sociedade constituída com base no factor étnico-racial, dando origem a um património cultural

material e imaterial singular. Nesta perspectiva, vale destacar as práticas e rituais de cura tradicional, onde se utiliza uma variedade de elementos, principalmente as plantas medicinais (BALENO, 1991).

Figura 2 - Mapa da divisão administrativa de Cabo Verde.



Fonte: <https://www.google.com/search?q=mapa+de+cabo>. Acesso em 6/07/2021.

Em termos climáticos, Cabo Verde está na linha do deserto de Saara, por isso, praticamente não chove, e quando chove é muito pouco, com incidência mais significativa nas ilhas de maior elevação ou relevo montanhoso.

Não são as condições térmicas, de temperaturas geralmente elevadas (acima de 21°C-22°C) em todo ano [...] São sobretudo as de precipitação que constituem o principal desafio. [...] os seus totais anuais mantem-se relativamente fracos e de distribuição muito irregulares no tempo e espaço, (AMARAL, 1991, p. 4).

Cabo Verde não apresenta as quatro estações do ano geralmente conhecidas em outros paralelos geográficos. São duas estações distintas, a estação seca, que vai de dezembro a junho; e estação das chuvas, de agosto até outubro. Os dois meses, julho e novembro são considerados meses de transição. Convém salientar que são estações muito irregulares, podendo acontecer mudanças em qualquer momento, com muita chuva ou nula. De igual modo a flora é pouco diversa, com maior concentração nas montanhas de maior precipitação, Monte Pico de Antónia, Serra Malagueta e Monte Gordo em S. Nicolau - esses dois últimos, localizam os dois parques naturais de Cabo Verde, conservadora de plantas endêmicas onde se localizam algumas plantas medicinais.

1.2. A ilha de Santiago¹⁰

A ilha de Santiago, como todas as outras, é de origem vulcânica e faz parte do grupo de Sotavento¹¹, no sul do arquipélago, cobrindo uma área total de 991 quilómetros quadrados, sendo 28,8 km em largura e 54,9 km de comprimento, de relevo montanhoso, sendo o ponto mais alto denominado de Monte Pico de Antónia, com 1.392m de altura, localizado no centro da ilha, seguido de Serra Malagueta mais ao norte, com clima tropical quente de pouca chuva. A flora é a mais diversificada do arquipélago, com 1.915 espécies no total, sendo 289 consideradas endêmicas, concentradas nas duas serras mais alta da ilha.

Santiago foi a primeira ilha a ser povoada, com início em 1462, e desempenhou papel fundamental na afirmação do país, com grande atividade dos moradores de Santiago e do porto de Ribeira Grande de Santiago, no comércio de escravos (AMARAL, 1991). A posição estratégica de Cabo Verde deve-se, sobretudo, às condições naturais da ilha e os que ali habitavam chamados “moradores” de Santiago - “O abastecimento dos mercados da América Espanhola com escravos africanos era o principal móbil comercial dos moradores de Santiago. [...] saíam de Santiago, anualmente, um número considerável de escravos originários dos rios da Guiné.” (TORRAS, 1995, p. 18).

Santiago é a ilha mais populosa de Cabo Verde, desde sua origem e povoamento. Conforme o “Boletim de propaganda e informação” (1958): “No ano de 1532 a densidade populacional era já tão importante, que houve a necessidade de ser instituído um bispado, organizando um serviço público.” Ainda, segundo a mesma fonte, no ano de 1830, a ilha tinha uma população de 30.000 habitantes, crescendo paulatinamente. Com a independência em 1975 houve uma duplicação populacional. Os dados atuais, conforme o Instituto Nacional de Estatística (INE) (2018 s/p): “O número da população residente em Cabo Verde é de 544.081 habitantes, e a ilha de Santiago, tem um total de 300.262 habitantes residente.”

A atividade econômica principal é a agricultura associada à criação de animais, praticada no interior da ilha, principal abastecedor da Cidade da Praia e da ilha em geral, estendendo a outras ilhas do arquipélago. O turismo, pesca, comércio são outras atividades de peso na economia da ilha e Cabo Verde em geral.

¹⁰ O nome de Santiago decorre da ilha ser descoberta no dia de Santiago Menor.

¹¹ É a designação geográfica atribuída às ilhas e ilheus localizadas ao sul do arquipélago (Maio, Santiago Fogo, Brava e Santamaria, Cima, Luís Carneiro e Grande).

Administrativamente, com a última atualização em 2005, a ilha ficou dividida em nove Municípios/Concelhos: Praia, capital de Cabo Verde, Tarrafal, São Salvador do Mundo, São Domingos, São Lourenço dos Órgãos, Santa Catarina, São Miguel, Ribeira Grande de Santiago e Santa Cruz, (ESTATUTO DOS MUNICÍPIOS DE CABO VERDE, 1995). Este formato de governação foi instalado pela metrópole desde muito cedo. A configuração mais próxima da atual foi revista e publicada no Diário do Governo de 22 de Novembro de 1963 (Decreto número 45/371 a 45/375), que promulgou o estatuto político-administrativo das províncias de Cabo verde, Guiné, S. Tomé e príncipe, Angola e Moçambique. Sobre Cabo Verde, lei orgânica do ultramar nº 2119, de 24 de junho de 1963, Capítulo IV, Artigo 46º “1. O território da província, divide-se em concelhos que se formam de freguesias. 2. As cidades da Praia e Mindelo pode ser dividida em Bairros.” Destaca-se o Concelho/Município da Praia, antiga Praia de Santa Maria¹² de Esperança, segunda sede da capitania do Norte em 1770, e segunda capital de Cabo Verde em 1858.

Figura 3 - Mapa administrativa de Santiago.



Fonte: <https://www.google.com/search?q=mapa+de+cabo>. Acesso em 6/07/2021.

Até chegar à categoria de cidade, Praia teve momentos importantes na história de Cabo Verde e do Atlântico, que convém ressaltar. O momento mais importante, onde ela entrou para a história foi com a decadência de Alcatrazes e Ribeira Grande, como destaca Correia e Silva (2004, p. 151): “[...] é como mera dependência portuária, primeiro do nado-morto vila de alcatrazes, depois da própria ribeira grande, que a própria se integra na história de Cabo Verde e do atlântico em construção”. Foi necessário instalar uma nova

¹² Segundo Correia e Silva (1998), o nome de Praia de Santa Maria de Boa Esperança talvez seja em razão de reunir boas condições de navegação, com bom porto, e abrigo para os navegadores, por isso, com fé, usavam nomes de santos em especial Maria mãe de cristo, para melhor proteção e sucessos em tudo, principalmente nas grandes viagens.

sede de capitania na Vila de Praia de Santa Maria, onde havia boas condições de navegação. A existência de um porto na sua proximidade foi tomando protagonismo no âmbito da capitania do sul, fator determinante para a decadência de Alcatrazes e conseqüentemente mudança da Câmara, órgão administrativo da Capitania, em 1770, para Vila da Praia, que parecia mais uma aldeia, pois tinha poucas casas e gentes, conforme destaca Amaral (1964):

[...] quando se fez a mudança definitiva da capital (1770), a praia era um aglomerado de população diminuta que vivia em casebres cobertos de palha, irregularmente dispersos numa pequena área da achada, em torno do largo onde ficava a igreja de Nossa Senhora da Graça, [...] (AMARAL, 1964, p. 328)

Praia foi se desenvolvendo e contando com a capacidade administrativa de alguns governadores, como João da Mata Chapuzes (1822-1826), que deu grande impulso à organização urbanística, com definição de ruas e recuperação das velhas casas. Esta nova visibilidade da capital fez com que atingisse a categoria de cidade, graças aos esforços do governador geral, João da Mata Chapuzet, do Juiz Gregório Freire de Andrade e o Bispo D. Jerónimo (autoridades civis, judicial e religioso respectivamente) que solicitaram ao Rei de Portugal a elevação da Praia à categoria de cidade capital de Cabo Verde e senhorio da Guiné (AMARAL, 1964).

O pedido não foi aceito de imediato; seriam necessários mais elementos que compõem as regras ou estatuto de cidade, ou seja, elementos que suportam uma cidade - destaque aqui, a população suficiente, habitação e qualidade, o nível do comércio, movimento portuário e outros aspectos determinantes. A resposta positiva só chegou muito mais tarde, em 1858, depois do fim do mandato do seu protagonista principal. O reconhecimento foi através do boletim oficial de Cabo Verde, 29/4/1858, publicado em 29 de junho do mesmo ano, “[...] assim, depois de séculos de luta e rivalidades, a praia conquista definitivamente o estatuto de capital de Cabo Verde a 29 de abril de 1858.” (CORREIA e SILVA, 2004, p. 52).

Naquela altura, Ribeira Grande, a primeira cidade portuguesa em África Ocidental, não estava a responder as necessidades da Coroa, devido a vários fatores: primeiramente Portugal estava dominado pela Espanha, enfraquecendo assim o controle nas colônias; a fraca salubridade do solo; ataques dos piratas; insuficiência do porto de navegação devido ao aumento do tráfico; a baixa pluviosidade, que mais servia ao aparecimento de lagoas e mosquitos, trazendo doenças; a evolução positiva da vila de Santa Maria de Santiago, a Vila da Praia etc. Tudo isso obrigava a tripulação dos navios

se alojarem na Praia de Santa Maria (CORREIA e SILVA, 2004). O mesmo autor cita o Alvará de 06/02 e 14/08 de 1652, assinado por D. João IV), que diz o seguinte:

[...] tendo em consideração o grande aumento que modernamente tem tido a Vila da Praia da ilha de Santiago de Cabo Verde, assim em população e em edifícios, como no desenvolvimento do seu comércio, em grande parte, resulta da produção agrícola da mesma ilha, hei por bem determinar que a mesma Vila seja elevada à categoria de Cidade, com a denominação de – CIDADE DA PRAIA DE SANTIAGO. (CORREIA e SILVA, 2004, p. 52, *apud* Alvará de 06/02 e 14/08 de 1652, assinado por D. João IV).

Inicialmente a cidade era circunscrita ao Plateau, centro histórico da Praia, que abordarei em seguida. Hoje já não se resume só a esse espaço, mas a um conjunto de bairros urbanos que o circundam. Continua sendo a cidade de maior contingente populacional do país, onde fica a sede do Governo e as principais estruturas económicas, simbólicas e patrimoniais do país, como o aeroporto internacional Nelson Mandela, Porto da Praia, Palácio de Justiça, Palácio Governo, Assembleia Nacional, Centro Histórico - Mercado Municipal da Praia, Igreja Matriz, Praça Alexandre Albuquerque, Câmara Municipal, etc. É uma cidade cosmopolita, pois nela alberga pessoas de várias nacionalidades e de diferentes partes do mundo. É notória a confluência, no espaço urbano, de diversas culturas como, na alimentação, vestuário, manifestações artísticas etc. Novas influências culturais convivem, entre os praienses, com as marcas culturais próprias, o que demonstra ao mesmo tempo resistência da sua cultura.

1.3. Plateau e o Mercado

Figura 4 - Centro Histórico da Praia



Fonte: <https://ipc.cv/patrimonio-imaterial>. Acesso a 06/07/2022.

O espaço urbano do Plateau surgiu no ano de 1615, sobre o planalto de rocha chamada de esperança, sendo o primeiro povoado da Vila da Praia de Santa Maria de

esperança, perto da praia, mar (VIEIRA, 1993, p. 26). António Correia e Silva afirma que “[...] contrariamente aos casos da Ribeira Grande, Mindelo ou Sal-rei, formações urbanas, igualmente portuárias, o burgo praiense não se localizará na beira de água, na boca do porto. Desenvolveu-se num “achada”¹³ [...]” (CORREIA e SILVA, 1998, p. 192).

Plateau constitui o núcleo, centro histórico da Cidade da Praia. Nele está sediado os principais serviços públicos administrativo, económico, cultural e político do país; os monumentos arquitetónicos mais antigos, assim como muitos anos da nossa história. É um espaço emblemático, caracterizado pela harmonia entre os espaços públicos e as obras arquitetónicas com valor histórico patrimonial, e testemunhos da vivência dos usos e costumes da antiga Vila e depois Cidade, bem como sua evolução e transformação com o tempo.

Por isso, deu origem a vários estudos (dissertações, teses, monografias) e planos urbanísticos cada vez mais modernos e voltados para sua conservação como património. Em 2013 foi reconhecido como Património Nacional de Cabo Verde¹⁴.

Se inicialmente a Cidade da Praia resumia-se ao Plateau, especialmente após a independência deu-se aquilo que Gilson Varela (2013) chama de “explosão urbana”, devido principalmente à migração interna, ao êxodo rural. A Cidade da Praia passou a exercer uma pressão atrativa sobre as outras regiões do país, aumentando a população, levando ao aparecimento de novos espaços urbanos. Hoje, Plateau acabou por se fixar como um verdadeiro centro da Cidade rodeado por vários bairros.

No sentido inverso caminha a população do Plateau. Quem vai ao Plateau no final do dia, ou logo de manhazinha, consegue observar que os residentes são em número muito baixo. Varela (2013) analisou a evolução da população do Plateau, concluindo que depois de 1975, com aumento de novos bairros urbanos na cidade, o número da população foi-se caindo gradativamente no Plateau. Em 1970 a população era de 4.357 habitantes (sendo 23.289 habitantes da Cidade da Praia). Em 1998 era de 1.200 habitantes, num total de 90.790 habitantes na Cidade. Dados do senso 2010 apontam que atualmente Plateau tem 1.019 pessoas num total de 130.271 habitantes. Na medida que cresce a cidade, a população do Plateau vai diminuindo.

Para sua conservação, Plateau esteve sempre sujeito a obras de requalificação e adaptação à novas realidades e desafios de novos tempos. Com isso, muitas características originais marcantes foram-se perdendo. Um exemplo dessa perda foi a retirada de calcetas

¹³ Refere-se a um lugar plano e alto, ou seja, é um planalto.

¹⁴ Disponível em: <https://ipc.cv/patrimonio-imaterial>. Acesso em 30/01/2022.

centenárias para dar lugar ao asfalto de alcatrão, e feitura de uma rua pedonal, dando imagem de um espaço ultramoderno misturado ao clássico.

Convém falar um pouco da rua pedonal, uma rua moderna que trouxe uma alteração acentuada à vida do Plateau e do próprio mercado, a partir da sua construção, em 2013.

Figura 5 - Rua Pedonal de Plateau, Cidade da Praia Cabo Verde



Fonte: Gilson Varela, 2013.

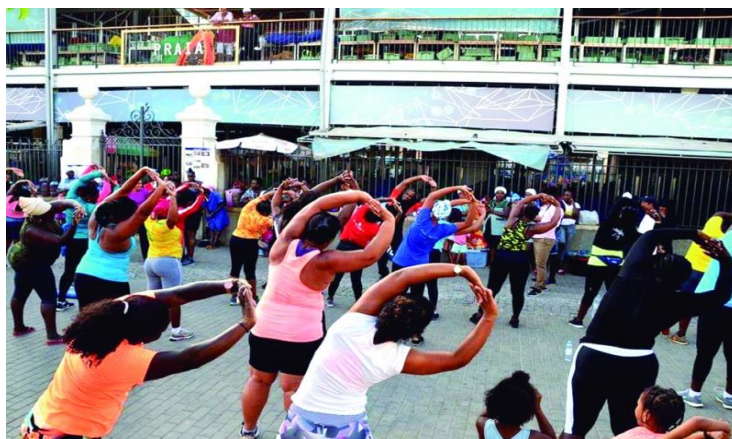
Esse pedonal localiza-se numa das ruas mais movimentadas, marcantes do Plateau, rua 5 de julho, e está servido de várias lojas, e serviços de restauração. Ali também está o museu etnográfico, onde é possível conhecer um pouco da história das ilhas. Destaca-se pela sua singularidade, pois, sendo pedonal, os visitantes circulam em condições de segurança e tranquilidade.

Varela (2013) destaca a importância da pedonalização de ruas do Plateau, afirmando que “Em Cabo Verde, mais do que em outros países a qualidade de vida passa pelas ruas, largos e praças, ou seja, pelo espaço público. Daí a importância da sua qualificação ou requalificação” (VARELA, 2013, p. 71). Com isso, banuiu-se a circulação de veículos, deixando alguns pontos estratégicos de abastecimentos dos espaços comerciais. É uma rua moderna, com forte propaganda ambiental, visível no tipo de construção, materiais usados, iluminação, ornamentação etc. Também está vocacionada para o turístico, com atrativos de artesanato, arte ao vivo, restaurantes etc. É aproveitado para grandes eventos culturais tradicionais, como festivais de música, dança, teatro etc. (GOMES, 2020).

O espaço da rua ainda é aproveitado para a atividade desportiva - marcante nessa rua pedonal é a ginástica rítmica, ministrada três vezes por semana, às 17h, na frente do

Mercado, destinada em exclusivo às vendedeiras do Mercado. É um momento muito esperado, pois, além dos utentes do mercado, muitos deslocam-se propositadamente para assistirem, vendo as vendedeiras a dançarem, cada um ao seu jeito. Não importa saber dançar, mas sim fazer movimentos do corpo.

Figura 6 - Aula de ginastica rítmica nas portas do Mercado do Plateau.



Fonte: <https://expressodasilhas.cv/pais/2019/03/17/>. Acesso: 27/03/2022.

A rua veio trazer mais tranquilidade ao Plateau e ao próprio Mercado. Os utentes, os comerciantes e as próprias vendedeiras passaram a ter um espaço mais organizado, com bom saneamento básico, ambiente, novos serviços, livre circulação, diminuindo assim o stress e fadiga. Em termos económicos, o espaço constitui um grande rendimento financeiro para os comerciantes dessa rua, vendedeiras do mercado e do próprio município.

Ainda sobre o Plateau, uma marca do passado de grande peso desse espaço é a arquitetura colonial, que vem perdendo alguma originalidade, mas continua a sinalizar e consolidar o passado histórico. Como exemplo, o Mercado do Plateau, que faz parte desse simbolismo histórico-patrimonial, infelizmente com algumas perdas patrimoniais em troca de ganhos económicos (GOMES, 2019).

Figura 7 - Mercado Municipal da Praia, atualmente.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Sobre o Mercado do Plateau¹⁵, não existem muitos escritos - o livro de Lourenço Gomes (2020) figura como obra singular que trata essa matéria de forma mais explícita. Segundo Gomes (2020), a existência de um mercado antecedeu a criação da própria Cidade da Praia, isto é, antes de 1858 ela já tinha o seu primeiro mercado, mas sem estrutura física. Embora sem precisar onde situava o espaço concretamente, presume-se que não era o mesmo de agora.

A constatação de que o espaço de mercado da Praia não existiu desde sempre no mesmo local é baseada num estudo de Casimiro Tristão [...], verificamos que o antigo pelourinho situava-se na via que ostentava o nome de Pedro Alves Cabral, que passava junto ao antigo edifício da junta de comercio e Câmara Municipal (GOMES, 2020, p. 51).

O Mercado, ou ainda tradicionalmente chamado de “pelourinho”¹⁶ da Praia, situa-se no eixo centro do planalto da Cidade, Plateau, que lhe deu o nome. Foi construído em 1924, pelo então Presidente da Câmara, Abílio Macedo. Gomes (2020), ao falar da construção, deixa entender que era uma construção original, nova. Mas ao mesmo tempo entende-se que foram introduzidas alterações significativas, afinal foi um restauro, pois existia algo antes, como já se disse. Uma das grandes marcas dessa remodelação/construção de 1924 é anexação de quatro casas laterais para venda de peixe e carne, restauro da parte central, bancadas de pedra e cobertura de telha (GOMES, 2020).

¹⁵ Doravante designado de Mercado.

¹⁶ Historicamente, pelourinho era o local onde se exercia o poder municipal, nomeadamente exposição de coimas e castigo dos prevericadores designadamente os escravos. Porém, em Cabo Verde são também chamado de pelourinho os mercados municipais antigos, que vem desde do período colonial. Presume-se pelo facto de ser um espaço onde reúne pessoas para troca, espaço que retrata o poder económico. (GOMES, 2020).

Figura 8 - Mercado Municipal da praia construído em 1924.



Fonte: Museu de Documentos Especiais, s/d *apud* GOMES, 2020, p.53.
Acessível no IAHN-CV.

É um edifício construído de parede feita de argamassa e finalizada em altura com ferro, tem cobertura de telha nas quatro casas. Tem quatro fachadas, e um total de quatro portas de entrada, uma em cada lado. Duas fachadas e suas respectivas portas são consideradas as mais importantes porque fazem fronteiras com duas ruas marcantes do núcleo histórico da praia - a atual Avenida Amílcar Cabral, antigamente Rua Sá da Bandeira; do outro lado, rua 5 de julho, nome que adquiriu após a independência - antes era rua D. Luís e Rua de República, hoje “Rua Pedonal.”¹⁷ (GOMES, 2020).

Figura 9 - Foto do mercado da Praia datada de 1907.



Fonte: Lourenço João, postais antigos de Cabo Verde *apud* Gomes, 2020, p.52.
Acessível no IAHN-CV.

Ao observar a figura 9, percebe-se que o Mercado foi desde o início lugar de grande circulação de compradores e vendedeiras, espaço de negócios e sociabilidade.

¹⁷ Todo espaço dentro de uma cidade de uso exclusivo para os piões. Apenas tem circulação à pé.

Espaço onde flui a “tradição e a cultura santiaguense”¹⁸ em relação a tudo que ali circula, humanos e não humanos. Produtos de terra, horticulturas frescos cultivados no interior da ilha e utilizados para confeccionar pratos tradicionais, venda de plantas medicinais; assim como o vestuário utilizado, a linguagem genuinamente crioula, são as marcas socioculturais que se desfruta nesse espaço - “Desenvolveu-se, tal como outros lugares, como espaço de difusão de particularidades da cultura local, associando-se a isso, a sua função de lugar público de venda de géneros alimentícios” (GRANDE DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO, 1997, p. 801-802 *apud* GOMES, 2020, p.50).

Uma outra observação de realce na figura 9 é a dominação feminina no espaço, conforme pontuado por Gomes (2020, p. 53): “A presença de mulheres sentadas a vender e homens de pé, leva a conclusão que na altura, tal como hoje, eram elas quem dominavam o espaço enquanto vendedeiras. Os homens aparecem com postura de visitantes ou compradores”. Essa dominação feminina, que persiste até os dias atuais, é mais acentuada no setor do mercado onde estão situadas as “vendedeiras”¹⁹ de plantas medicinais, pois não existem homens nessa área. A presença dos homens se dá no momento de “abastecer” as vendedeiras, os produtores. Mesmo assim, pode perceber nas visitas ao Mercado, que na maioria também são mulheres as produtoras de plantas medicinais que abastecem as vendedeiras do Mercado.

Periodicamente o Mercado vem recebendo trabalhos de requalificação e manutenção. As sucessivas autoridades patrimoniais, neste caso o Instituto do Património cultural (IPC) e a Câmara Municipal da Praia (CMP), respetivamente, tiveram a incumbência de manter a beleza, monumentalidade e traços originais conservados. Infelizmente, em relação à sua arquitetura original, a conservação das características histórico-patrimoniais do edifício estão um pouco abaladas. Mas, nas faixas frontais e laterais do térreo, ainda mantem uma certa originalidade (GOMES, 2020).

O restauro mais recente foi em 2016, isto é, 92 anos após a primeira construção oficialmente conhecida. Recomendo uma observação comparativa das duas fotos da figura 10. É notória as alterações ocorridas no edifício ao longo do tempo, concretamente na verticalidade.

¹⁸ Santiago é uma das ilhas de Cabo Verde, que assim com as outras ela tem a sua especificidade cultural só dela e que não se encontra nas outras ilhas. Pode-se dar exemplo com músicas e danças como, batuque e funana; na gastronomia temos a cachupa.

¹⁹ Designação nativa para as comerciantes de qualquer produto.

Figura 10 - Mercado Plateau Antigo e Mercado Plateau atual



Fonte: Museu de Documentos Especiais, *s/d*, *apud* GOMES, 2020, p. 53
Acessível no IAHN-CV; Arquivo da pesquisadora, 2022.

Sendo o Mercado o lócus de minha pesquisa de campo, gostaria de abordar aspectos desse último restauro ocorrido em 2016, pois contribuiu fortemente na alteração da vida das minhas principais interlocutoras, as vendedeiras de plantas medicinais.

Um dos principais polos de venda de plantas medicinais e outros produtos frescos na Cidade da Praia é o Mercado. Sua saturação, devido ao aumento de pessoas que querem vender, propicia a utilização das ruas que o cercam como extensão. Esse extravasamento do comércio nas ruas do entorno – incluindo as vendedeiras - traz constrangimentos à circulação, e desencadeia condições de trabalho precárias, principalmente no que se refere à higiene e segurança alimentar, além de ocupação de passeios, provocando bloqueios variados. Certamente esse aumento de vendedeiras e, conseqüentemente, uma maior procura de espaço para venda, é o motivo principal das profundas alterações introduzidas nessa última remodelação. O edifício atual, como se pode observar na figura 9, contrasta com o original, crescendo verticalmente, levando a uma reconfiguração total. Criou-se, mais um piso, primeiro andar, com todas as condições necessárias, igual ao térreo, para responder às demandas. É nesse novo espaço do primeiro andar, que foram realojadas as vendedeiras de plantas medicinais, como se pode ver na figura a seguir.

Figura 11 - Mercado Plateau, ganha mais um piso.



Fonte: <https://expressodasilhas.cv/pais/2019/03/17/>, acessado em 27/03/2022.

Antes da reforma do Mercado, as vendedeiras de plantas medicinais tinham o espaço de venda no térreo, que foi deixado com o início das obras, em 2015. Durante a execução das obras, os comerciantes em geral foram movidas para um espaço criado no largo da Biblioteca Nacional, no bairro da Várzea, situado em frente ao memorial Amílcar Cabral, menos de 1km do Mercado. Com o término da construção, a devolução do espaço aos comerciantes foi feita num ambiente de festa, com direito à nova inauguração.

Segundo um artigo de Sara Almeida, publicado em 17 de Março de 2019 no jornal online, Expresso das ilhas,²⁰ entende-se o motivo de uma inauguração, já que as alterações foram tão significativas que parecia tratar-se de um edifício novo. Para pessoas envolvidas com questões de património, as dúvidas de tal rearranjo são candentes, mas para as vendedeiras, a CMP e o Governo, talvez tenha sido a solução mais viável, tendo em conta as exigências do momento.

A inauguração do Mercado remodelado foi a 04/07/2016, presidida pelo Primeiro-Ministro de Cabo Verde, Ulisses Correia e Silva, que limitou suas palavras a um discurso meramente político. Classificou o restauro do Mercado como fruto de uma boa parceria entre a Câmara Municipal da Praia e o Governo, e que traduz um momento importante para Cidade da Praia, particularmente, para as vendedeiras, mulheres que labutam nesse espaço, buscando pão para suas famílias, realçando mais a importância econômica da obra.

Nós estamos a devolver à Cidade da Praia uma infraestrutura de qualidade, com padrões que nós podemos encontrar em outros países, e que não

²⁰ Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/pais/2019/03/17/mercado-do-plateau-regresso-aos-mercados/62822> . Acesso em 10/07/2022.

envergonha Cabo Verde, na apresentação de produtos, no talho e na peixaria.²¹

Ficou evidente o afastamento das questões de conservação dos traços patrimoniais da obra, pelo menos de acordo com o que está registado no site citado. É de salientar que o Mercado se destaca sobretudo pelo seu valor histórico patrimonial, além de ser também um espaço de vivência cultural santiaguense em diferentes dimensões, onde é possível ver e aproveitar de tudo que é genuinamente dessa ilha.

Por outro lado, nas palavras das vendedeiras, essas demonstram alegria e satisfação com a obra: “Ficou mais *sabi*, grande, à vontade”, fala Mizilda; “ficou mais elegante, mais bonito, mais limpo, com mais valor” gabou, Dona Lena, outra vendedeira (ALMEIDA, 2019, s/p). Elas parecem ter razões de sobra para estarem satisfeitas, pois essa reabilitação, além do aumento de espaço, torna mais aprazível e atraente para os consumidores que vão ali comprar, ao mesmo tempo que proporciona o bem-estar das que trabalham durante o dia. Ainda segundo a mesma fonte, a nova obra trouxe ordenamento urbano, fez-se um regulamento nunca existente, com normas sobre direitos e deveres de cada um.

A remodelação também trouxe outros ganhos, segundo a gestora do Mercado, na época. A preocupação com a saúde das vendedeiras levou à implementação de visitas médicas, através de feiras de saúde trimestralmente, dando mais satisfação às vendedeiras. A gestora de então, Patrícia Freire, afirma que a saúde das vendedeiras é a maior preocupação da sua gestão, pois muitas sofrem de hipertensão e diabetes, pelo que é urgente um seguimento médico para manutenção de cartão de sanidade. Além do apoio médico, a gestão preocupou-se também com a prevenção das doenças, principalmente as apontadas, através de exercício físico. Nas palavras da gestora citada por Almeida (2019, s/p): “Temos uma parceria com a polícia nacional e dispuseram treinadores profissionais seus para treinar as comerciantes. Aulas de fitness que são dadas três vezes por semana (segunda, quarta e sexta) das 17h às 18h, na rua pedonal, mesmo em frente ao Mercado.”

A alegria da vendedeira Mizilda e sua aprovação do trabalho do Presidente da CMP está nas suas palavras: “É sexta-feira, dia da mulher, e o ‘treino’ vai ter um professor especial o próprio Presidente da CMP, Oscar Santos. Mas não vai só como ‘convidado.’ Costuma ir sempre [...]” (ALMEIDA, 2019, s/p). Parece-nos que há valorização dessas

²¹ Disponível em: <https://www.governo.cv/primeiro-ministro-inaugura-mercado-municipal-do-plateau>. Acesso em 06/07/2022

novas iniciativas desportivas, pois não sendo isso, dificilmente as vendedeiras teriam tempo para o exercício físico.

A alfabetização das vendedeiras é um outro projeto de extrema importância iniciada após a remodelação. A CMP, em parceria com o Ministério da Educação, implementou a alfabetização das vendedeiras, pois, saber ler, escrever, fazer contas são bases para futuras competências no mundo de negócio, concorrendo a novas oportunidades ao nível delas. Nesse projeto educacional também estão incluídos incentivos para que os filhos das vendedeiras frequentem estabelecimentos de ensino, principalmente jardim infantil e ensino básico. Para uma maior eficiência, existe um controlo das crianças no Mercado (ALMEIDA, 2019, s/p).

Segundo Almeida (2019), outro projeto de grande repercussão na vida das vendedeiras foi a sensibilização para entrada no Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Embora sejam vendedeiras informais, a CMP, juntamente com INPS, criaram uma forma de inscrever todas as vendedeiras na Previdência Social, com o intuito de garantir segurança e proteção em caso de doenças, maternidade e reforma. Nas palavras da gestora: “Fizemos um levantamento e vimos que apenas 10 pessoas estão inscritas no INPS.” (ALMEIDA, 2019, s/p)²².

Ainda segundo Almeida (2019), a higiene e limpeza também foi melhorada. Quem visita o Mercado percebe diferenças em relação à limpeza, e na garantia de segurança alimentar dos produtos vendidos, assim como dos restaurantes existentes no interior. Faz-se a limpeza diária, e um sábado de cada mês, a partir das 16h, é feita uma limpeza detalhada, momento em que as vendedeiras retiram todos os produtos e levam para casa. No entanto, essa última medida é impopular, muito reclamada, pois elas têm de levar a mercadoria para suas casas e arcar com os gastos desse transporte, pois o Mercado carece de um espaço para armazenamento. Reclamação que a gestora refuta, argumentando que o mercado foi concebido assim, como expositor de produtos, e não de armazenamento (ALMEIDA, 2019).

Outra iniciativa de mudança foi proposta pelas próprias vendedeiras, com orientação e aprovação da gestão do mercado. Passaram a comemorar datas importantes, como Natal, Pascoa, dia das mulheres, homenagens às vendedeiras e comemoração de aniversário das mais velhas, a partir dos 70 anos de idade. Como benefício, a partir dessa

²² Alerto, no entanto, que não tenho dados atuais sobre o número das vendedeiras inscritas no INPS.

idade já não pagam imposto (para vender no Mercado), proposta prontamente aceite pela gestão do mercado (ALMEIDA, 2019).

Após a conclusão da reforma, Junho/Julho de 2016, o momento de regresso das vendedeiras para realojamento nas dependências do prédio foi um período muito conturbado. Passava na televisão, na rádio, jornais online e impresso, notícias sobre o Mercado e os constrangimentos, principalmente devido às mudanças dos setores de vendas, que não podiam ser os mesmos, com a nova arquitetura.

O mercado do Plateau está em ebulição. Não no sentido em que sempre estive – muita agitação, barulho e movimento, que aliás, de certo modo, ainda mantém – mas no conjunto de iniciativas em curso para o próprio espaço e, principalmente, para as vendedeiras (ALMEIDA, 2019, s/p).

O processo não foi fácil, até hoje é possível ouvir reivindicações, principalmente das vendedeiras de plantas medicinais, que foram para o primeiro andar, pois gostaram das condições ambientais do novo espaço, mas ao mesmo tempo perderam clientes devido à concorrência. Os contornos desse processo serão detalhados no capítulo 3.

Capítulo II

Plantas medicinais e cura tradicional

Esse capítulo aborda questões relativas à importância e desafios das plantas medicinais para a cura tradicional em Cabo Verde. Início com a questão sanitária e cura tradicional na história de Cabo Verde, particularmente da ilha de Santiago. Em seguida, a fragilidade do sistema de saúde de Cabo Verde, propiciando a discriminação racial. Adiante, abordo a política patrimonial de Cabo Verde, numa perspectiva histórica, tendo em foco a prática de uso de plantas medicinais e cura tradicional, tomando como exemplo o Brasil. Trato da OMS e a colaboração de Cabo Verde na implementação das políticas de uso dessas práticas para reforçar os sistemas de saúde, com exemplos e sugestões de medidas no sentido de valorização desses elementos patrimoniais. O capítulo aborda ainda questões sobre as condições de produção das plantas medicinais e finaliza com o uso de plantas medicinais no combate à covid-19 na ilha de Santiago.

2.1. Questão sanitária e cura tradicional na história de Santiago

A questão sanitária no arquipélago e sua assimilação como um “problema do negro” aflora na discussão de vários autores como uma das condições para o início do povoamento, funcionando como um entrave para efetivação desse processo. Os portugueses avaliavam a existência de doenças a ponto de resistirem habitar nas ilhas. “As ilhas de início tão sadias [...] mas que agora são doentias que gente só adoecer” (BRÁSIO, 1963, p. 127). Outros até achavam que muitas das doenças vinham só com os negros africanos: “Os escravos traziam doenças como boubas, grandes manchas avermelhadas e entumecidos”. (AMARAL, 1991, p.128). Além disso, segundo Carreira (1983), os escravizados trazidos viajavam em condições desumanas, apertados, uns morriam e outros chegavam maltratados e doentes: “Em 1585, seguia a Naus Santiago em viagem para a Índia, e arribou a ilha de Santiago em um de maio do mesmo anos, por falta de mantimentos e muita doença a bordo.” (VIEIRA, 1999, p. 28). Esta situação de transporte precário dos escravos, segundo Vieira (1999), chamou atenção do rei de Portugal, que proibiu o transporte de escravos nessas condições, obrigando os transportadores a criarem condições para evitar as doenças e mortes dos escravos.

As enfermidades, associadas à insalubridade das ilhas, provocavam medo aos portugueses. Aqueles que eram destacados para lá viverem, usavam como remédio sua fé nos seus devotos santos, e traziam seus medicamentos²³.

Pedro de Guimarães muito impressionado com o que se falava no reino, sobre a insalubridade do clima, ao ser enviado para Santiago como corregedor, levava na bagagem a imagem do seu Santo protetor – Santo António - para lhe ‘fazer uma ermida em que estivesse, para que com a ajuda de Deus e sua inovação e os ares mau da dita terra [...] fosse fora’ e o ‘povo deles fosse guardados.’ (AMARAL, 1991, p. 128)

Na altura da descoberta e povoamento, Cabo Verde se resumia a duas ilhas, a de Santiago e do Fogo. Santiago funcionava como entreposto de comércio de escravos. Em termos sanitários, esse privilégio de localização tornou-a vulnerável às doenças de todos que portavam à ilha, tanto africanas como europeias. Amaral (1991), por exemplo, aponta doenças de pele trazidas pelos brancos.

O principal problema residia no tratamento diferenciado que se dava a cada doente. Os escravos não tinham tratamento médico. Era necessário alguém com certa sensibilidade e algum conhecimento para tratá-los - “Havia campo próprio para o desenvolvimento do curandeirismo, como de facto aconteceu.” (VIEIRA, 1999, p. 28). Segundo Vieira (1999), o conhecimento da medicina era legado de alguns como por exemplo, o Clero, que tinha pequenos hospitais nos conventos. Mas a ação era muito restrita, só para brancos. Aqueles que mais precisavam dos cuidados de saúde não tinham a possibilidade de serem tratados. O número de médicos que existiam no Reino era insuficiente. Embora já no século XVI, em todo o Reino existisse cerca de 2000 médicos “idiotas” ou iletrados, estes não tinham licença para atuarem, principalmente nos lugares onde já havia médicos. O alvará régio de 12 de Maio de 1608 dizia o seguinte: “O Físico-Mor não possa dar licença a médicos idiotas para curarem onde há médicos letrados, graduados pela universidade de Coimbra...poderá todavia o físico-mor dar licença aos médicos idiotas para curarem em lugares onde não houver físicos letrados.” (VIEIRA, 1999, p. 19).

Esse alvará mostra as dificuldades de legitimidade para o exercício da cura tradicional pela medicina convencional. Mesmo assim houve curadores – conhecido como médicos “idiotas” - que tiveram o privilégio de ter licença para curarem, como, por exemplo, Maria Gomes, a quem “[...] foi concedida licença em 1517, para curar muitas

²³ Gaspar Frutuoso, citado por Amaral (1991) refuta a associação das ilhas às doenças, argumentando que toda a fama existente sobre as doenças no arquipélago era carregada de exagero, porque os homens viviam dentro das regras, proporcionando lhes uma boa saúde.

doenças com o sinal da cruz e com várias ervas.” (VIEIRA, 1999, p. 19). Esses “iletrados”, conforme eram conhecidos, do recuado tempo atualizam-se hoje nos curandeiros/mezinheiros²⁴ também denominados, em Santiago, de “fazedores de remédio de terra”.

Apesar do nome de “iletrados”, sublinha o mesmo autor, eles/elas conheciam os textos de Avicena, Rozes, Hipócrates, Galeno e outros, empregavam a sangria, o ópio, a cânfora etc. Também obrigavam os navios suspeitos à quarentena. Para esses curandeiros, as enfermidades eram castigos de Deus, provocados por maus olhares e que alguns elementos como folhas, água-Benta, pedra etc., eram meios para curar (Vieira, 1999)²⁵.

Várias doenças mereceram atenção especial dos médicos especialistas, com formação universitária, que eram em número reduzido, com melhores condições de atendimento para as camadas privilegiadas. Já os curandeiros/médicos iletrados eram os que chegavam à maioria da população doentia, usando espaços precários, sem condições (SENNA, 2003).

A necessidade de combater as enfermidades que vinham surgindo fez com que muitos outros se envolvessem no tratamento e cura. Segundo Vieira (1999) foi o caso dos judeus que ali viviam e os religiosos cristãos que tinham nas igrejas pequenas enfermarias ou hospitais, dando as suas contribuições na cura: “os eclesiásticos, tanto os padres seculares como os frades suprimiam muitas vezes, a falta dos físicos e dos enfermeiros” (VIEIRA, 1999, p. 29).

Segundo Vieira (1999, p. 30), além de ervas, utilizava-se produtos de origem animal para práticas de cura: “uma tradição atribui à carne de tartaruga tomada como alimento, e ao seu sangue friccionado sobre a pele, a faculdade de curar a lepra.”. O autor menciona, ainda, que os próprios colonos europeus deslocavam-se para Cabo Verde, juntamente com os seus curandeiros, caso acontecesse algum acidente durante a viagem ou qualquer doença espontânea. Ainda segundo Vieira (1999), a população da província de Cabo Verde era “mezinheiro”, isto é, possuíam minimamente saberes medicinal de muitas plantas, e muitos até têm livros de medicina tradicional.

²⁴ Curandeiros/mezinheiros, são pessoas que possuem experiências, conhecimentos ou poderes especiais sobretudo de medicina. São pessoas que exercem uma medicina “não científica”.

²⁵ Segundo Vieira (1999), a proteção dos Santos destinava-se à cura de doenças específicas: São João Baptista, para as cefalalgias; Santa Apolónia, para a cura de dores de dentes; Santa Luzia, para as doenças dos olhos; S. Brás, para as doenças das gargantas; S. Lázaro de Betânia, para a lepra. Para o tratamento da sífilis, que era muito disseminada, acreditava-se que era possível limpar essa doença de uma forma muito perigosa: “a inoculação desses vírus em mulher púbera é o único meio seguro de extinguir em si.” (VIEIRA, 1999, p. 26). Essa crença fez aumentar cada vez mais o número de infectados. Além da lepra e sífilis surgiram outras doenças, como a varíola, o tifo, a tuberculose a cólera e outras epidemias.

Segundo Rocha (2019), até o século XIX as plantas medicinais e estratos vegetais foram os recursos terapêuticos mais usados em Cabo Verde. Também para Vieira (1999) o século XIX é o período de maior incidência da cura tradicional: “Com o decreto de 1892, pela portaria provincial, nº 69, [...] havia mais venda de medicamentos nacionais em vez de farmacêuticos estrangeiros” (VIEIRA, 1999, p. 31). Além dessa portaria, também “foram criados em 1903, num laboratório química agrícola, um jardim botânico em terreno próximo da várzea da companhia.” (VIEIRA, 1999, p. 31). A medicina convencional aproveitou-se desse “jardim botânico” enviando plantas para estudos laboratoriais em Portugal. Os portugueses tinham algum interesse e motivação pelo conhecimento racional das plantas medicinais de Cabo Verde e sua aplicação terapêutica, e de certo aproveitaram para o bem da metrópole.

A partir do século XX, com o desenvolvimento da química, intensificou-se os medicamentos sintéticos. Com isso, houve uma diminuição do uso de “remédio de terra” na cura, mas não se pode falar num divórcio total da população com os farmacêuticos tradicionais, como era de esperar. A população cabo-verdiana e santiaguense em particular, sempre fez intenso uso das plantas medicinais até os dias atuais, como se pode verificar no uso de várias plantas medicinais no combate à Covid-19, como losna, erva doce, hortelã etc. Também no combate à doenças como Dengue, Zica, Hepatite, foi utilizado o “remédio de terra”.

No entanto, Cabo Verde está muito incipiente na regulamentação das práticas tradicionais se comparado a outros países. É necessário desinibir, assumir, colaborar com a OMS, que reconhece a importância do uso de fitoterápicos ou plantas medicinais para os cuidados básicos e combate a várias patologias. Esse reconhecimento foi reafirmado na Declaração de Alma-Ata, URSS, 1978, um marco sobre cuidados primários de saúde, que no seu artigo VI destaca:

Os cuidados primários de saúde são cuidados essenciais de saúde baseados em métodos e tecnologias práticas, cientificamente bem fundamentadas e socialmente aceitáveis, colocadas ao alcance universal de indivíduos e famílias da comunidade, mediante sua plena participação e a um custo que a comunidade e o país possam manter em cada fase de seu desenvolvimento, no espírito de autoconfiança e automedicação. (ALMA-ATA, 1978, p. 3)

A maioria dos países respondeu positivamente a esse desafio da OMS. Tomo o Brasil como referência nessa área. Hoje, por meio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) tem atualmente 29 Práticas Integrativas e Complementares (PICs) que integram o Sistema Único de Saúde (SUS). Mais de 90% de

brasileiros que aderem às PICs usam fitoterapia em busca da saúde (cerca de 20% das espécies do planeta estão no solo brasileiro, segundo a OMS, 2019). No continente americano, o Brasil é o segundo país com maior número de pesquisas e trabalhos publicados em nível nacional e internacional, perdendo apenas para os EUA. Apesar das dificuldades na pesquisa do princípio ativo de muitas plantas, é reconhecida uma importante ação farmacológica, que motiva o seu uso em diversas regiões (ROCHA *et al*, 2019; ABIVISA, 2007; CALIXTO, 2003).

Cabo Verde, segundo Gomes *et al.* (2018), é rica em espécies vegetais, pois está situada numa região onde existe maior variedade de plantas endêmicas e medicinais, chamado Bacia do Mediterrânea. São cerca de 740 espécies aproximadamente, sendo 92 são consideradas medicinais e aromáticas, conhecidas e memorizadas em qualquer espaço de Cabo Verde. São originais de um conjunto de regiões vizinhas como, Canárias, Madeira e Açores, os vizinhos da África, Mauritània, Gambia, Marrocos, Senegal²⁶.

O principal problema de uso de plantas medicinais hoje, para “remédio de terra” está na sua aquisição. Muitas delas são originárias de áreas de difícil acesso. Por exemplo, temos o Dragoeiro que existe hoje apenas na ilha de S. Nicolau, uma planta de grande peso na cura popular em Santiago, que tal como é salientado pelas instituições que intervêm na preservação das espécies em extinção, Ministério do Ambiente, precisa de medidas de proteção especial. Se, no passado, adquirir plantas medicinais era mais “simples” - era só ir e apanhar no campo, nas ribeiras, nas rochas etc., ou então solicitar ajuda a pessoas amigas - hoje é preciso comprar. Os principais pontos de venda são nos mercados municipais do país. É o caso do de Plateau, onde se pode encontrar uma maior variedade de plantas medicinais trazidas do interior da ilha de Santiago, pelos produtores que abastecem as “vendedeiras”.

Um aspecto importante aqui é o conhecimento do poder terapêutico dessas plantas. Faltam estudos dos mais simples aos mais aprofundados sobre as espécies para melhor conhecimento da quantidade e da qualidade das mesmas, ou seja, seus componentes ativos com efeitos na cura, para maior segurança aos curandeiros e eficácia no tratamento, evitando risco à saúde. O conhecimento empírico, as memórias deixadas pelos nossos ancestrais e pela experiência de cada um no seu dia a dia, é que vai

²⁶ Os dados de Gomes *et al.* (2018) é de difícil verificação. Podem até refletir a região, mas quando se fala só de Cabo Verde, atualmente não é possível confirmar essa riqueza vegetal, devido principalmente à baixa pluviosidade. A variedade está tornando cada vez mais difícil, pois, há praticamente quatro anos que Cabo Verde está sem chuva significativa, conseqüentemente, tem falta de água para o crescimento espontâneo e cultivo de plantas medicinais, (uma boa parte das que são hoje consideradas plantas endêmicas).

acrescentando novos elementos à prática. É claro que, infelizmente, os resultados nem sempre são satisfatórios – nem sempre é fácil controlar riscos na manipulação e administração dos remédios (ROCHA *et al.*, 2019).

Mas, apesar dos problemas, as vantagens da medicina tradicionais ou “remédio de terra” são maiores. Pode-se falar do preço que é muito mais acessível do que os medicamentos convencionais; facilidade na manipulação; não dependência; toxicidade e efeitos secundários que podem ser controlados. Existem doenças que dependem essencialmente de plantas medicinais para sua cura, embora existam medicamentos sintéticos, mas com plantas naturais a cura é mais eficaz com mais difícil retorno da doença (ROCHA *et al.*, 2019). De todo modo, as plantas medicinais na feitura de “remédio de terra” em Cabo Verde, em especial Santiago, representa um elemento complementar para o sistema de saúde, embora vista por muitos apenas como uma tradição.

Atualmente, em nível sanitário, Cabo Verde está numa posição confortável dentro da África, na avaliação de Basílio (2007, p. 4): “A evolução positiva dos indicadores de saúde testemunha os ganhos conseguidos, colocando Cabo Verde numa posição de destaque na sub-região africana e contribuindo para nossa graduação a país de desenvolvimento médio.” O país apresenta um número razoável de hospitais e serviços de saúde por todas as vilas e cidades, médicos nacionais e estrangeiros em número significativo, mais enfermeiros e outros assistentes de saúde. À primeira vista, poder-se-ia dizer que o uso de “remédio de terra” baseada nas plantas medicinais passou para segundo plano. Mas a pesquisa indica que não – a realização do trabalho de campo possibilitou observar e confirmar um aumento do uso das plantas medicinais na cura tradicional nos últimos tempos, principalmente com o aparecimento da Covid-19.

2.2. Plantas medicinais e patrimônio

Os cabo-verdianos lidam com saberes empíricos, conhecimentos intergeracionais adquiridos por meio das suas formas de viver e que a modernidade toma por “populares”, como as práticas terapêuticas, saberes e fazeres tradicionais de cura que fazem uso das plantas medicinais. Como tal, é de considerá-los não apenas como dimensões da cultura e patrimônio, mas como formas eficazes de cuidado da saúde e dos corpos (TAVARES *et al.*, 2019). Desde o povoamento destas ilhas, até hoje, essas práticas fazem parte do dia

a dia dos cabo-verdianos, e santiaguenses em particular, principalmente no passado, nas zonas rurais de difícil acesso (VIEIRA, 1999). Por isso, torna-se necessário estimular o reconhecimento e preservar da memória cultural e patrimonial de Santiago e de Cabo Verde, pois a trajetória dessas práticas na história desses povos evidencia especificidades que se traduziram numa cultura (CUNHA, 2018).

Importa aqui dizer que compreender a transmissão da memória passa, como sugere Ingold (2010, p. 23), pela atenção envolvida na experiência compartilhada: “[...] eu afirmaria agora que a recordação e o desempenho são unos e indiferenciáveis: que assobiar uma melodia é recordá-la.” É essa memória, ao mesmo tempo mental e experiencial, coletiva e individual, que acaba por fazer parte do patrimônio cultural imaterial e material de Santiago e conseqüentemente de Cabo Verde. Segundo Tavares *et al.* (2015, p. 9): “Patrimônio cultural de uma sociedade são as diferentes formas de expressões culturais produzidas e articuladas por suas comunidades locais, possibilitando identificações contínuo da tradição e um potencial de criatividade cultural e inovação.”

Infelizmente em Cabo Verde temos falta de políticas públicas de reconhecimento e valorização dessas práticas. Segundo Tavares *et al.* (2019), no caso brasileiro, políticas públicas de atenção básica, como a Estratégia Saúde da Família (ESF) e a PNPIC, possibilitam experiências, ainda que pontuais (e controversas), de cooperação entre os profissionais de saúde e terapeutas tradicionais. Cabo Verde ainda carece de políticas similares para essas práticas, concretamente através do Ministério de Saúde e Ministério da Cultura. Meyer (2018) chama de “políticas de autenticidade” as políticas que têm como objetivo a descrição e análise dos processos sociais complexos e multifacetados implicados na ideia de autenticidade, princípio fundamental do patrimônio²⁷. Em Cabo Verde não há reconhecimento social oficial em relação ao uso das plantas medicinais e cura tradicional. A falta de políticas públicas - com regras de identificação, proteção, licenciamento etc. dificulta a visibilidade social das plantas medicinais como patrimônio e apoio às políticas públicas de saúde em Cabo Verde. Ainda hoje, alguns curandeiros, os mais idosos, escondem os seus saberes de cura, não ensinando qualquer um. O motivo dessa atitude está na existência do “pensamento”, de que “quem ensina os segredos da

²⁷ O interesse de Meyer (2018) nessa questão de patrimonialização marcou, em 2018, a liderança num projeto sobre dinâmicas do patrimônio, políticas de autenticidade, no Brasil, Gana, África do sul e Holanda, sendo o foco principal do projeto as diferentes políticas e atitudes relacionadas com a questão do patrimônio material e imaterial adotado por esses países.

cura terá uma vida mais curta”²⁸, o que faz com que tenhamos que ter atenção para os dilemas implicados nas formas de transmissão, que apresenta especificidades, se comparado ao Brasil, por exemplo, com capitalização das práticas terapêuticas para além dos “especialistas” tradicionais, como nas comunidades quilombolas do Recôncavo Baiano estudadas por Tavares *et al.* (2019). Essa atitude dos mais velhos já não se verifica nos meus entrevistados que são mais jovens. A maioria afirma querer ensinar os filhos.

Por outro lado, em Cabo Verde as plantas medicinais ocupam um espaço privilegiado nos fazeres e saberes de cura tradicional ou “remédio de terra”. Segundo site da Ordem Farmacêutica de Cabo Verde (OFCV),²⁹

Em cabo verde, a medicina tradicional está baseada maioritariamente na utilização de plantas medicinais. É comum encontrar no quintal das casas ou no seu redor, uma pequena horta ou, se não, um vaso com alguma erva medicinal. Nos principais mercados do país, também é possível encontrar diversos produtos utilizados na medicina tradicional. As plantas medicinais constituem um componente fundamental do sistema de saúde, principalmente para as comunidades rurais onde a assistência farmacêutica ainda é limitada.³⁰

Além da produção para o autoconsumo, as pessoas fazem das suas relações com as plantas medicinais uma forma de rentabilidade económica e financeira para o sustento das famílias³¹.

Informações extraídas do sítio eletrónico do IPC³² referem que foi a partir de 1975, com a independência de Cabo Verde, que o Estado foi-se percebendo da necessidade de criação de espaços dedicados ao tratamento das questões culturais. Foram criados vários serviços, com carácter evolutivo de acordo com exigências de cada momento.

²⁸ Diz-se que quem ensina os saberes e fazeres de cura tradicional, vive pouco tempo. Esse pensamento provoca medo em alguns e, parece-me, pode servir de entrave à continuidade dessa prática cultural, sendo, atualmente, poucos os curandeiros atuantes em Santiago. Uma compreensão usual do provérbio indica que pessoas com dotes reconhecidos de curandeiro, depois da sua morte, dificilmente são “substituídos” e que por isso são sempre lembrados. A memória oral cabo-verdiana é rica em provérbios deste tipo que, infelizmente, não foram ainda devidamente registados.

²⁹ A Ordem dos Farmacêuticos de Cabo Verde (OFCV) é a associação pública profissional que abrange e representa os Farmacêuticos que exercem a profissão em território nacional, independente do seu regime de trabalho. Sediada na cidade da Praia, a OFCV exerce as suas atribuições e competências assinaladas pela legislação e os seus Estatutos, publicados na Lei 87/VIII/2015. É uma instituição independente, sendo livre e autónoma nas suas regras e relaciona-se com o Estado a partir do membro do Governo responsável pelo setor da saúde.

³⁰ Disponível em: <https://ofcv.cv/index.php/others-ofcv/252-medicina-tradicional-em-cabo-verde>, acesso em 23/05/2022.

³² Disponível em: <https://ipc.cv/> . Acesso em: 18/04/2022.

Assim, em 1976 foi criada a Direção Nacional do Artesanato; em 1977, o Instituto Cabo-verdiano do livro e Instituto Cabo-verdiano do Cinema. Em 1978 foi criada a Comissão Nacional, que tinha como função promover o restauro, reabilitação, defesa e a conservação dos monumentos nacionais e de outros valores do património artístico, cultural nacional. Os serviços foram adotando novas nomeações, mas sempre focado nos cuidados culturais e patrimoniais do país. Atualmente a denominação do órgão é Instituto do Património Cultural (IPC). É uma instituição pública que tem como finalidade identificar, investigar, salvaguardar, defender e divulgar os valores culturais, o património móvel e imóvel, material e imaterial do povo cabo-verdiano, seguindo as diretrizes internacionais da UNESCO, um órgão com responsabilidade de orientar todos os países nesse sentido, Património Cultural Imaterial, (PCI), espaço esse que agrega,

[...] conjunto de práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas junto com instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados, e que são reconhecidos pelas comunidades, os grupos e indivíduos, como parte integrante de seu património.³³

A colaboração de Cabo Verde com a UNESCO sinaliza maior atenção a esses aspectos, mas persiste ainda algumas lacunas, como a exclusão de algumas práticas culturais importantes sem nenhuma visibilidade. É o caso de uso de plantas medicinais e cura tradicional. É necessário maior inclusão, promoção e salvaguarda.

A maioria dos países são reconhecidos nessas práticas pela OMS, que tem criado vários projetos, realização de conferências, atualização de normas, no sentido de cada vez mais renovar o seu compromisso com todos nessa matéria, reforçando saúde básica para todos. A OMS lançou um projeto sobre uso de Plantas Medicinais e Medicina Tradicional (2015 a 2018), desafiando os países a adotarem políticas em relação à medicina complementar, seguindo suas diretrizes.

A national policy on T&CM will contain guiding principles on policy, planning or future direction of T&CM, and will be created by the relevant government authority of the country. It may be a policy designed exclusively for T&CM, or it may be integrated into other national policies such as the national medicines policy or trade policy. In general, the national policy should include a definition of the role of the government in the development of T&CM in the health care delivery system [...]³⁴

³³ Disponível em: <https://ipc.cv/patrimonio-imaterial> . Acesso em: 18/04/2022.

³⁴ Uma política nacional de medicina tradicional e complementar conterá princípios orientadores sobre política, planeamento ou direção futura de medicina tradicional complementar, e será criado pela autoridade governamental relevante do país. Pode ser uma política projetada exclusivamente para medicina tradicional e complementar, ou pode ser integrado a outras políticas nacionais, como a política nacional de medicamentos ou política comercial. Em geral, a política nacional deve incluir uma definição do papel do governo no desenvolvimento de medicina tradicional complementar no sistema de prestação de cuidados de saúde [...]. Tradução nossa.

(WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2019, p. 15).

Em África, a OMS implementou a Política de Plantas Medicinais e Fitoterápicos para todos os países (PINTO *et. al.*, 2002). Na Cimeira Africana de 2001 e no quinquagésimo sétimo Comité Regional Africano da OMS, em 2007, declararam a investigação sobre Plantas Medicinais e Medicina Tradicional em África, como prioridades (OMS, 2011).

Essas estratégias deu resultado, pois em 2003 chefes de Estados de vários países africanos elaboraram um plano de ação, pondo em prática as exigências da OMS, e declararam o período de (2001-2010) como década da Medicina Tradicional Africana. Consta-se que alguns países conseguiram uma Política Nacional de Medicina Tradicional e Fitoterápicos, com leis, regulamentação e práticas. Cabo Verde, Guiné Bissau e Libéria são os que não corresponderam à OMS, que fez um apelo aos três países para se juntarem aos outros e desenvolverem seus setores de medicina tradicional e fitoterápicos (WHO, 2019).

Em 2019 a OMS fez avaliação das suas ações nessa matéria, em relação aos países africanos, e publicou um relatório global onde os pontos ressaltados foram: Política Nacional sobre Medicina Tradicional (leis, regulamentos, programa nacional, instituição de pesquisa); regulamentação de medicamentos fitoterápicos; práticas. Segundo dados da mesma fonte, vários países africanos, estados membros da OMS, responderam positivamente; reconheceram o uso dessas práticas de medicina tradicional e fitoterápicos; participaram no projeto e foram avaliados por aquilo que apresentaram, como S. Tomé e Príncipe, Guiné Bissau, Benin, Burkina Faso, Burundi, entre outros. Cabo Verde, mais uma vez, não figura na lista: “41 of the 47 Member States in the Who African Region (87%) formally acknowledged the use of T&CM by their populations, similar to the global percentage.”³⁵ (WHO, 2019, p. 59)

O jornal online “Expresso das ilhas” de 17 de Maio de 2019, trata de um acordo de cooperação assinado entre Cabo Verde e Macau, que abre caminho de entrada da Medicina Tradicional Chinesa em Cabo Verde³⁶. Também o site da rádio e televisão de Cabo Verde, informa que no dia 18 de Julho de 2019 realizou-se na Cidade da Praia uma formação sobre terapias da medicina tradicional chinesa, onde o Ministro de Saúde

³⁵ 41 dos 47 Estados Membros da Região Africana da OMS (87%) reconheceram formalmente o uso de Medicina Tradicional e Complementar pelas suas populações, semelhante à percentagem global.

³⁶ Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/pais/2019/05/17/cabo-verde-assina-acordo-com-parque-cientifico-de-medicina-tradicional-chinesa/>. Acesso em 10/07/2022.

Arlindo do Rosário, durante a cerimónia de encerramento, assegura que esta prática está de acordo com o Serviço de Saúde de Cabo Verde e com as recomendações da OMS. E afirma que “quer conhecer a experiência dos países que já integraram a medicina tradicional nos seus sistemas de saúde e reforçar a cooperação com o parque industrial e tecnológico de Macau [...]”³⁷ Nesse mesmo encontro ele deixou entender que para inclusão da medicina tradicional no serviço nacional de saúde, é preciso percorrer algumas etapas.

Outros dados do “Expresso das ilhas online”, de 25/09/2019, informa que em setembro de 2019, o Ministro de Saúde, Arlindo do Rosário participou num fórum em Macau, e no seu discurso afirmou que o Governo de Cabo Verde está disponível para criação de um Centro Africano de Medicina Tradicional Chinesa em Cabo Verde. Justifica a sua ideia tendo em conta os benefícios para saúde e turismo. “Será de facto, uma mais valia, não só para Cabo Verde, mas também para a própria China e Macau, ter um ponto em África, num país que é estável, [...] uma plataforma de entrada para continente africano.” Ele aponta a razão de apostar nesse Centro, “uma oportunidade que se oferece a Cabo Verde para o seu setor farmacêutico, não só a nível da medicina convencional, mas tradicional também. [...] A intenção é por um lado recuperar a medicina tradicional cabo-verdiana e, por outro, introduzir a Medicina Tradicional Chinesa.”³⁸ Essas afirmações são animadoras, mas em termos práticos não é visível nenhuma ação semelhante ao que se fez com Medicina Tradicional Chinesa, uma aproximação para nossa cura tradicional.

Uma outra experiência que pode ser aproveitada é o caso do Brasil, que fez a inserção das plantas medicinais como “fitoterapia” no Sistema SUS valorizando os profissionais ligados a essa prática (CARVALHO *et al.*, 2008). Em 2006 foi aprovada a PNPIC no SUS e aprovou-se a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF). Além disso, o Brasil, através da Portaria Interministerial n. 2960, de 9 de dezembro de 2008, criou um Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos que tem a função de gerir, fiscalizar e controlar a produção de medicamentos naturais.

Diferentemente do empenho em normatizar a fitoterapia na saúde, no nível do património, no Brasil o reconhecimento dos bens imateriais é um assunto mais recente. Em 1988, com a nova Constituição deu-se atenção para além do património material. Tal

³⁷ Disponível em: <https://www.rtc.cv/noticia/noticia-details/2449>. Acesso em 23/06/2022.

³⁸ Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/politica/2019/09/25/cabo-verde-disponivel-para-criar-centro-de-medicina-tradicional-chinesa/65829>. Acessado em 23/06/2022.

conceito foi ampliado para os bens de natureza imaterial, ficando ambos reconhecidos como patrimônio cultural pelo artigo 216 da Constituição brasileira.

Art. 216 constituem o patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade Brasileira, nos quais se incluem. (Constituição do Brasil, 1988).

Outro êxito do Brasil é política de educação patrimonial lançada em 2009, através do Decreto n. 6844, garantindo assim um envolvimento da sociedade na promoção e valorização do patrimônio. Assim é possível envolver a comunidade na inventariação, por meio de levantamento e valorização dos bens culturais - tradições como festas populares, oralidades, danças, saberes e fazeres (FLORENCIO, 2019). Todas as medidas, tanto ao nível da saúde como do patrimônio, em especial, onde se inclui as plantas medicinais e fitoterapia, evidencia o processo de valorização em curso no Brasil.

Cabo Verde pode seguir este caminho inspirando-se na experiência brasileira. É necessário políticas não apenas de regulação medicamentosa das plantas medicinais, mas principalmente de valorização da diversidade dos usos tradicionais das plantas medicinais: no conhecimento das plantas, nos processos de feitura dos “remédios de terra” e de cura, nas pessoas (vendedeiras, curadores etc.) que atualizam esses saberes. É certo que é um trabalho que exige uma ampla e contínua colaboração de várias agências, governamentais, universitárias, comunitárias, ONGs etc.

Na minha opinião e das constatações feitas juntos aos meus entrevistados, é urgente a introdução de um debate abertamente em Cabo Verde para ampliar o valor e a importância do nosso patrimônio imaterial para o desenvolvimento local. É necessário o aumento da responsabilidade da instituição, neste caso, IPC, em salvaguardar e proteger esses bens através de uma educação patrimonial, de acordo com as particularidades e características do patrimônio cultural imaterial.

Cabo Verde precisa valorizar sua “tradição de terra,”³⁹ a prática de uso de plantas medicinais e cura tradicional. Mais uma vez, refiro-me comparativamente à patrimonialização no Brasil, que pode servir de exemplo, incentivo e orientação para Cabo Verde⁴⁰. As normativas aqui apontadas poderão servir de orientação para o processo de valorização enquanto políticas públicas dessas práticas em Cabo Verde, assim como o

³⁹ Expressão do senso comum muito usado em Cabo Verde para designar as práticas tradicionais..

⁴⁰ Minha intenção não é comparar Cabo Verde e Brasil, em se tratando de países muito diferentes, embora ambos tenham expressiva prática de curas com plantas medicinais.

seu não reconhecimento como patrimônio favorece sua desvalorização e até risco de extinção desses saberes.

Em Cabo Verde, o INIDA tem trabalhado na pesquisa, investigação e inventariação de plantas medicinais, também direcionado ao impacto na saúde, associado a uma política de conservação dessas espécies nas áreas protegidas de Cabo Verde, Parques Naturais da Serra Malagueta, na ilha de Santiago, e do Monte Gordo, na ilha de São Nicolau. Os motivos para a conservação dessas áreas são justamente a preservação das espécies endêmicas e com potencial de reconhecido valor terapêutico, e ao mesmo tempo preservar o patrimônio natural e material de Cabo Verde. Sobre este propósito, importa realçar a consagração de um regime jurídico fixado para as áreas protegidas de Cabo Verde, como se pode constatar no decreto-lei n. 3/2003 (Boletim Oficial de Cabo Verde n. 5-I série de 24 de fevereiro: 52). Esta lei refere que tais áreas são hoje reconhecidas em nível mundial, como instrumentos que dão um contributo vital para a conservação dos recursos naturais e culturais do planeta. As áreas protegidas são detentoras de uma diversidade bastante considerável de plantas, algumas com valor terapêutico.

As medidas já apontadas foram antecedidas de outras de extrema importância, principalmente a políticas de conservação ambiental pós-independência, apontadas por Lobo (2015). Segundo a autora, com a Independência, Cabo Verde passou a receber ajuda externa para implementação de políticas de luta contra pobreza. Paralelamente a essa luta, o Estado implementou estratégias de salvaguarda ambiental, pois percebeu que qualquer desenvolvimento social podia se constituir em importante ativo para alavancar um desenvolvimento sustentável, que veio ajudar a conseguir financiamentos para proteção do patrimônio natural cabo-verdiano, que seguramente inclui as plantas medicinais. Foram vários programas implementadas pelo governo de Cabo Verde conjuntamente com os organismos internacionais europeus: o Programa de Reflorestação, implementado em todas as ilhas agrícolas; o Programa de Ação Nacional de luta contra a desertificação e de mitigação dos efeitos da seca (PAN), nos anos 1990; o Plano de ação sobre Biodiversidade.

Ainda segundo Lobo (2015), apesar dos problemas de clima e geografia de Cabo Verde a estratégia de política de desenvolvimento adotada, conseguiu justificar investimentos na educação ambiental da população. Isto é, essas fragilidades físicas de Cabo Verde que eram apresentadas como entrave ao desenvolvimento, foi motor de convencimento para financiamento em projetos ambientais: “Meu argumento é de que no

período pós-independência, essa autoimagem de fragilidade é incorporada pelo Estado para ‘vender’ e justificar a posição de Cabo Verde no mercado mundial.” (LOBO, 2015, p. 143). Ainda, Trajano Filho, citado por Lobo afirma que o “Estado cabo-verdiano atraiu uma série de investimentos dos programas de ajuda externa aos países carenciados, bem como conquistou seu lugar, ainda que periférico, na economia mundial: o de um país pequeno, mas honrado (TRAJANO FILHO, 2000 *apud* LOBO, 2015, p. 143).

Foram essas medidas iniciais, conectadas com as mais atuais que me possibilitaram conhecer várias plantas medicinais durante meu trabalho de campo. Apresento abaixo um pequeno inventário das plantas medicinais utilizadas para “remédio de terra” em Santiago, organizado a partir da pesquisa no Site do INIDA, conjuntamente com os dados recolhidos no trabalho de campo.

HORTELÃ – muito usada para “remédio de terra” em Santiago, está presente em todas as mesas das vendeiras de plantas medicinais do Plateau. É usada em forma de chã para vários efeitos como, na digestão, gripe, dores de estômago, prisão de ventre, cólica, mau hálito, perda de peso. É um dos chãs preferidos dos santiaguenses, segundo informações dadas pelas vendeiras.

Figura 12 – Hortelã



Fonte: <https://ofcv.cv/index.php/others-ofcv/252-medicina-tradicional-em-cabo-verde>.
Acesso em 22/06/2022.

XALI – é uma planta medicinal já estudada em Cabo Verde, comprovado seu valor terapêutico na cura de cólicas menstruais e intestinais, hipertensão, febre, insónia, flatulência, gases ou flato (GOMES, 2015). Usada em forma de chá, praticamente para os mesmos efeitos estudados e comprovados cientificamente, acrescentando ainda o uso no combate à gripe, tomando quente misturado com “aguardente (Grogue)”⁴¹, à noite antes de deitar-se. Ainda segundo uma das vendeiras Lulucha, na sua linguagem

⁴¹ Tradicional Bebida alcoólica de Cabo Verde, feita de cana de açúcar, pode ser equiparada à cachaça do Brasil.

genuinamente “crioula”⁴² afirma: “Xali pa omi go N nanse, N atxa ta fladu me ka bon. Ta bira ka ta sirbi.”⁴³

Figura 13 - Xali



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

ALECRIM/ALICRIM – é uma das plantas medicinais de que todos os interlocutores falam, sendo presente em todas as mesas de venda. Tem um uso popular em Santiago para os recém-nascidos, em forma de chá, em pouca quantidade, três colherinhas, para tirar resto de água do parto, denominado tradicionalmente de “basgas”. Segundo a curandeira Neca, “Oxi ka ta kre dadu mininu mas, pamodi ospital ta fla me ka bon, ma ta faze mal, purisu bu ta atxa mininu xei di ronku na petu, petu fitxadu, ta gripa txeu, mas inda ten algen ki ta da. E bon dimas.”⁴⁴ João, grande produtor de alecrim, disse que “minino ki dadu xa di likrin ta tem juis, ta ser intilijenti, ta prende bem na skola”⁴⁵. Além disso, usa-se para curar dores de estômago e gripe.

⁴² Doravante todas as expressões em crioulo serão referenciadas nas notas de pé de página, com tradução para português.

⁴³ Para os homens não é recomendado, nasci e ouvi dizer que provoca a impotência sexual.

⁴⁴ Hoje não se usa muito, porque hospital aconselha para não uso e que faz mal a criança. Por isso muitas crianças tem ronquidão no peito, peito fechado, sempre gripada, mas ainda tem pessoas que usam e é muito bom.

⁴⁵ Criança que tomou chá de alecrim terá muito juízo, será inteligente e aprende bem na escola, diz o ditado popular.

Figura 14 - Alecrim



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

AGRIÃO – existe em Santiago, mas não é abundante. Diferente do Brasil, que tem uso predominantemente gastronômico quando vendida *in natura*, em Cabo Verde é vendida no Mercado como planta medicinal. Das visitas que fiz ao Mercado, sempre as vendedeiras têm dificuldades de satisfazer os clientes. Quase sempre falta, e quando tem, o preço é alto. Segundo o produtor João, é uma planta que precisa de muita água, por isso, é escassa. Tradicionalmente usa-se em forma de suco para doenças respiratórias e pulmonares, como tuberculose e tosse em geral. Também serve para curar lesões nos ossos, bebendo o suco ou também feito cataplasma ou comendo na salada

Figura 15 – Agrião⁴⁶



Fonte: <https://www.google.com/search?q=Agri%C3%A3o,+planta+medicinal&sxsrf>.

BABOSA – existe em todo país e se adapta muito bem ao clima, suportando a seca. Tradicionalmente, a ceiva é usada na cura de pequenas pancadas, feridas, e faz secar rapidamente. Na forma de capsula caseira, chamadas de “pila babosa”⁴⁷, para combater a

⁴⁶ Diferente do Brasil, que o agrião é um alimento, e não faz parte de plantas medicinais, aqui em Santiago só é encontrado no espaço de venda de “remédio de terra”, embora seja também usado restritamente, por algumas pessoas em saladas, mas sempre com intensão de curar algumas das doenças apontas.

⁴⁷ Remédio tradicional feito de mistura da ceiva de óleo vera com farinha de milho ou trigo, rolado em forma e tamanho de uma cápsula.

diabetes, colesterol e parasitas intestinais. É um remédio muito procurado, por isso, não falta nas mesas das vendedeiras. Também, com a sua ceiva faz-se tratamento e lavagem de cabelo, combatendo sarnes, caspas, piolhos e queda, tornando-o mais forte.

É uma planta também de uso religioso, em Santiago, tendo poder de proteger as pessoas, principalmente crianças, bens materiais (moveis e imóveis), dos maus olhares. Por isso, é usado, fazendo sinal da cruz nas costas ou pata dos pés das crianças, protegendo a sua beleza, cabelos longos ou outras características. É visível constantemente um pezinho ou ramo por cima de uma porta, nos carros, nas lojas ou lugares de venda.

Figura 16 – Babosa



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

ARRUDA – em Santiago, segundo meus interlocutores, é usado no tratamento de problemas ligados ao aparelho reprodutor feminino. Palavras de produtor João, “arruda e pa duensa di mudjer”⁴⁸. Segundo o mesmo, é um remédio que exige muita atenção dos usuários, pois o excesso pode trazer risco para a saúde. Ela está presente em todas as mesas das vendedeiras do Mercado. Também é usado para afastar “feiticeiras”⁴⁹.

⁴⁸ Arruda é para doença de mulher.

⁴⁹ São mulheres de poderes mágicos que provocam o mal às pessoas que tem algum poder económico, bens materiais, que provoca ódio, inveja.

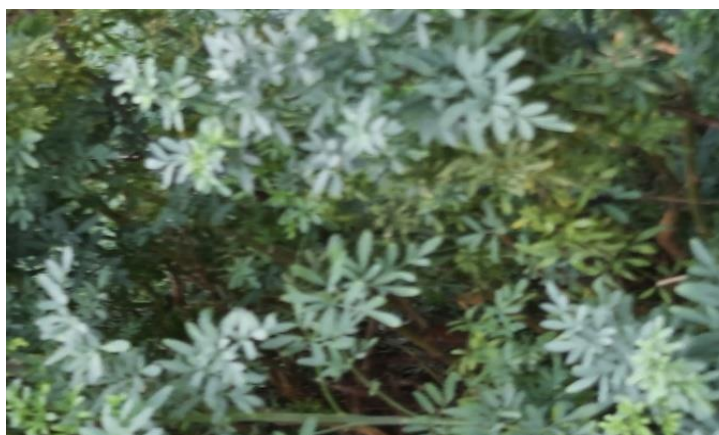


Figura 17 - Arruda

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

MALVA – Tradicionalmente é indicada para o tratamento de tosse, “petu fitxadu”⁵⁰ nas crianças. Tomada em forma de chá, em pouca quantidade. Cozinha-se e adiciona-se manteiga de terra, sem sal. Também no caso de dores de garganta pode-se fazer gargarejos. Ainda, segundo as vendedeiras, é usado para tratar infecções genitais.

Figura 18 – Malva



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

ERVA-DOCE – Existe em Santiago, sendo muito procurada e consumida. Presente em todas as mesas das vendedeiras, é tradicionalmente usada em forma de chá. Usa-se muito para digestão, combate a gases, dores de cabeça e febre. Também é muito usada como condimento na confecção de alimentos que supostamente provocam gases, como por exemplo, carne de cabra. No início da pandemia de covid-19 correu rumores sobre o poder dessa planta em atenuar os sintomas da doença. Foi desmentida pelo serviço de saúde mas mesmo assim houve um aumento da procura e do consumo, tornando-a

⁵⁰ Doença de Asma.

escassa. Segundo a vendedeira Bebe, “Kenha ki staba li ta bende na duensa covid, faze dinheru ku erva dosi”⁵¹. Com a diminuição da pandemia a oferta e demanda estão equilibradas.

Figura 19 - Erva Doce



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

GENGIBRE – No mercado só é vendida a folha do gengibre cultivada em Santiago. Não se vende a raiz, pois esta é importada, e o custo muito elevado. Só se vende nos grandes supermercados. Usa-se em forma de chã para dieta e perda de peso, para digestão após as refeições, para dores no estômago, febre, reumatismo.

Figura 20 - Gengibre



Fonte: <https://www.google.com/search?q=Planta+gingibre&sxsrf>.

EUCALIPTO CHEIROSA – É muito usado em Santiago, embora já não exista em grande quantidade. Usa-se para combater gripe, asma, e outros problemas no aparelho respiratório fazendo vapor, banho para reduzir o calor da febre, coloca-se dentro da casa como aroma e para desinfetar o ar. Também seu óleo não falta nas mesas das vendedeiras,

⁵¹ Quem estava aqui, vendendo no tempo de covid, fez dinheiro com erva doce.

usado para doenças de pele, dores de ossos, problemas de articulação, principalmente nas pessoas que sofreram Acidente Vascular Cerebral (AVC) e também para cabelo.

Figura 21 - Óleo de Eucalipto



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

PURGUEIRA – do seu fruto, tira-se a semente que é cozinhada para extrair o azeite, chamado “azeti de purga”, muito usado em Santiago, para mulheres no parto e nos recém-nascidos. Segundo a curandeira Neca “Tenpu antigu era ku seti purga ki ta djudada mudjer ten fidju. Ta untadu na bariga, ta pari mas faxi”.⁵² Ela acrescenta que nos recém-nascidos era usado para curar umbigo e modelar algumas partes do rosto como, nariz e órgãos genitais, depois de aquecido num pano.

Figura 22 – Azeito de Purga



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

LOSNA – uma planta de muito uso em Santiago. É usado para tratamento de problema respiratório. No início da pandemia foi muito procurada, pois acreditou-se no seu poder de ajudar na cura. É muito amarga, por isso exige muita cautela no seu consumo em chá, principalmente na mulher grávida ou que amamenta.

⁵² No passado usava-se azeite de Purgueira para ajudar as mulheres no parto mais rápido.

Figura 23 – Losna, Planta Medicinal



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

CHÁ OU TCHAI DE RUBERA – Muito usada em Santiago. Não falta em nenhuma mesa das vendedeiras. Serve para banho no caso de febre constipação, gripe. Também é tomada em forma de chá para os mesmos sintomas. Serve ainda para cura de lesões nos ossos, em forma de cataplasma. Misturada com outras ervas medicinais usa-se para fazer fumador dentro de casas.

Figura 24 – Tchai de Rubera



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

2.3. Produtores e condições de produção

A circulação de plantas medicinais depende principalmente das boas condições de produção. No Mercado conheci duas produtoras de “remédio de terra” cada uma com sua especificidade.

Maria Antónia mora no interior da ilha, na localidade de “Picos Acima”, Município/Concelho de São Salvador do Mundo, que distancia 32,5Km da Cidade da Praia. Diz cultivar Arruda, Alecrim, Xali, Salsa, Coentro, e também faz coleta de algumas

plantas medicinais mais escassas como “Ratxa Pedra”⁵³, “Funtxu”⁵⁴, “Padja Purga Seco”⁵⁵, entre outras, nas rochas e outros lugares de difícil acesso.

Segundo ela relata, a principal dificuldade que sente é a falta de água para irrigar as suas plantas. Reclama de apoio financeiro das autoridades municipais e nacionais, principalmente na obtenção de mais água. Mesmo com essas dificuldades, ela afirma que pretende continuar com a sua atividade, pois ali está o seu sustento da família. Desafia que é preciso mais valorização da sua atividade, porque acredita também que está contribuindo muito para saúde e tradição dos santiaguense.

Nelita, é produtora de um remédio de nome “Pila Babosa”, mencionado anteriormente. Ela é a principal abastecedora desse remédio às vendedeiras do Mercado. Antes, ela vivia no interior da ilha, hoje reside em Eugénio Lima, um dos bairros da Cidade da Praia. Segundo a mesma, não cultiva a Babosa. Nos anos de boa chuva, ela apanha da seiva da planta nas localidades perto da Cidade da Praia e no interior da ilha para sua produção caseira de “Pila Babosa”. Afirma que antes era a irmã que produzia, e que aprendeu com ela. Por motivos de saúde da irmã, ela passou a substituí-la na tarefa, pois ali está o sustento económico da família. Por isso, afirma que todos em casa já sabem fazer. Declara enfrentar dificuldades na obtenção da matéria prima, devido à fraca chuva nesses últimos anos. E para evitar ruptura de fornecimento diz fazer longas caminhadas, com muito sacrifício, para conseguir a planta. Ainda confessa que várias vezes invadiu os espaços verdes do Município da Praia em busca da seiva da babosa, informação que surpreendeu a vendedeira Lulucha, que presenciou a entrevista, dizendo que nunca pensou que ela usava Babosa da Cidade, porque é impura⁵⁶.

Afirma ter muitas encomendas, tanto das vendedeiras do Mercado, como de outras pessoas, principalmente emigrantes cabo-verdianos. Por isso, acredita que tem dado grande contribuição na cura de doenças, principalmente diabete. Reclama apoio e atenção das autoridades competentes, para que cada vez mais ela consiga responder as demandas e ajudar na saúde e conservação da tradição.

⁵³ Nome da planta tradicionalmente conhecida em Santiago.

⁵⁴ Nome da planta tradicionalmente conhecida em Santiago.

⁵⁵ Folhas secas de Purgueira.

⁵⁶ Tradicionalmente, segundo o senso comum, não se usa Babosas dos centro urbanos como a Cidade da Praia ou as que ficam à beira das estradas, pois devido à dióxido de carbono dos carros e fábricas industriais tornam a babosa toxica e imprópria para consumo.

Figura 25 – Pila Babosa



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Também fiz uma visita ao produtor João no seu campo de cultivo, típico produtor de plantas medicinais da ilha de Santiago, cujo relato da visita apresento a seguir. No dia 19 de Dezembro de 2021, 7h30, munida do caderno de campo, gravador, água e frutas, peguei uma viatura de transporte público, que me levou até São Jorge, Cidade de S. Lourenço, cerca de 25km da Cidade da Praia. Dali, tinha que pegar uma nova viatura. Depois de 3 horas de espera, consegui alugar uma viatura, *Picape*, que me levou até o último ponto da estrada. Desci e segui uma longa caminhada, subidas de caminhos difíceis, de aproximadamente 1 hora e meia. Cheguei ao sítio do produtor João às 14h30 aproximadamente. Fica localizado no Concelho São Lourenço dos Órgãos, Freguesia de S. Jorge, concretamente zona de Longueira/Matão, no sopé do ponto mais alto da ilha, Monte Pico de Antónia. Lugar com poucas casas, de clima ameno, com chuveiro regular, principalmente de manhã e no final da tarde, em todas as épocas do ano.

Figura 26 – Localidade de S. Jorge dos Órgãos, campo de cultivo de João



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Encontrei o produtor João cuidando dos animais e esperando horário para regar as plantações. Sua simpatia e a forma como me recebeu, o cheiro aromático que contagiava

o lugar, foi um anúncio de que o meu tempo seria bem aproveitado. Foi nesse ambiente que desenrolou a nossa conversa.

Conversamos informalmente, e ao mesmo tempo seguindo questões estruturadas, procurando entender alguns aspectos da sua atividade e de interesse na minha pesquisa como, a motivação em relação às plantas medicinais que cultiva, condições de produção, dificuldades, conhecimentos terapêuticos, entre outros assuntos.

João tem 60 anos de idade, casado e chefe de família, pai de sete filhos, de profissão agricultor. Ele cultiva produtos alimentícios, como milho, feijão, batata, mandioca etc. Também é produtor de plantas medicinais, sendo uma parte do seu terreno dedicado exclusivamente a esse cultivo.

Segundo o mesmo, existem outros produtores na sua localidade, mas de baixa dimensão, ou seja, cultivam menos produtos e não têm terreno exclusivo para esse fim. Declara não ter relação de cooperação entre eles, nem são organizados em grupos ou sindicatos. Que cada um trabalha individualmente. Em relação aos tipos de plantas medicinais que cada um cultiva, afirma que são os mesmos que ele cultiva, porque são os mais procurados. Embora reconheça a possibilidade de alguma diferença, como não frequenta os outros cultivos, não pode confirmar que, do modo geral, sejam as mesmas plantas.

Figura 27 – João, no seu campo de produção de plantas medicinais



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Questionado sobre o principal motivo dessa prática, ele afirma que é uma atividade herdada dos seus pais, que cultivava principalmente o Alecrim, e aponta uma delas (planta) que é centenária. Segundo conta, sempre seguiu os princípios dos pais, por isso sente bem em manter aquilo que eles gostavam de fazer e procura passar aos filhos.

Como afirma, “N ta gostaba pa nhas fidjus fazeba sima mi, mas kon muita pena, so un des ki N sta odja ku vontadi di prende i faze mesmu kuza”⁵⁷.

Outro motivo para essa dedicação é que o principal sustento da sua família está nas plantas medicinais - a produção é contínua, sem rupturas, durante todo ano. Todos os dias ele “faz algum dinheiro”, afirma. Conta que antes da pandemia ele ia ao Mercado três a quatro vezes por semana abastecer as vendedeiras, ganhando muito mais. Mas sendo uma pessoa com idade de risco, preferiu ganhar menos e vender no local, às vendedeiras intermédias, que levam depois ao Mercado. Segundo o mesmo, a maior venda e procura é de Alecrim, sua principal produção. Aliás, ele afirma ser um especialista em produzir Alecrim.

São matos de Alecrim, em diferentes fases de crescimento, que ressaltou à vista logo na minha chegada, com um aroma contagiante que derrama no ambiente.

Figura 28 – Matos de Alecrim no campo de Senhor João



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

João também cultiva Arruda, Xali, Losna, Abacateiro, Pinhão, Hortelã, Agrião, Malva e os temperos como Salsa e Coentro, que são também medicinais. Segundo ele, são plantas que exigem muito cuidado.

De modo geral, quando se fala do cultivo de qualquer produto agrícola, a irrigação é um dos cuidados primários a levar em consideração para o sucesso da produção, embora hoje existam sistemas de irrigação que rentabilizam muita água.

⁵⁷ Gostaria que os filhos também fizessem o mesmo, mas infelizmente sinto que apenas um deles tem simpatia para cultivar Plantas Medicinais.

Figura 29 – Arruda, Xali e Alecrim no campo de João



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Segundo João, são três etapas de “saberes” que devem ser bem percorridas: saber plantar, saber regar/cuidar e saber colher. Mas ele reconhece que o mais difícil, no momento, é precisamente a irrigação. Algumas plantas até precisam estar em corrente d’água ou muito próxima, caso do Agrião, Hortelã, Malva, ressalva João. Por isso, ele lamenta não poder produzir na quantidade que gostaria. Acrescenta que a situação só não ficou pior, graças à boa condição do solo, muito fértil, e o clima de montanha, que ajudam muito a minimizar a fraca existência de água.

Em relação à primeira etapa, saber plantar, segundo ele, é preciso o conhecimento do melhor momento da lua (lua nova), considerada como momento bom para plantação. Também, que o preparo do terreno exige um pouco de esforço, mas como é terreno de uso antigo, e ainda com ajuda dos filhos, fica menos difícil. Sobre a colheita, também ele afirma que tem horário:

Kolheta debe ser antes di naxser di sol, logu di palmanhan o na fin di tardi, dipos di por di sol [...] E ka akonselhavel panha duranti dia, na sol, pamodi e momentu ki planta ta perde konsentrason di si benefísiu medisinal i tanbe ta frakise si propi planta-mai, ki txeu bes ta kaba pa mori. Midjor inda e rega planta antes di panha.⁵⁸

Embora ele não faça “remédio de terra”, demonstrou ter conhecimento terapêutico de todas as plantas medicinais que cultiva. Ele acredita que as plantas medicinais são

⁵⁸ A colheita deve ser antes do nascer do sol, logo de manhãzinha ou no final da tarde, depois do pôr do sol [...] Não é aconselhável apanha durante o dia, ao sol, porque é o momento que a planta perde a concentração dos seus benefícios medicinais e também enfraquece a própria planta mãe, que muitas vezes acaba por morrer. Melhor ainda é regar a planta antes da apanha.

melhores remédios que os de hospital: “Diferença e ki keli e un ramedí natural ki kura, mas ka ta dadu valor go. Di ospital ta kura tanbi. Kada un ten si ifeitu, mas e ka natural”⁵⁹. Sobre a sua atividade, ele acredita que faz algo importante para cultura e saúde da sociedade, mas que não é valorizado. “N ta atxa ma e kultura sin. N atxa nha pai ku nha mai kol. Kes bes ramedí ospital era mutu poku, ramedí tera ki ta kuraba. Oxi ten txeu ramedí ospital, mas ten txeu algen ki inda ta bai ospital ka ta midjora, dipos e ta volta pa ramedí tera”⁶⁰. Reclama apoio das autoridades locais e nacionais, um reconhecimento sobre o trabalho que ele faz, e declara que “Si algen dexa di faze produson di planta medisinal, tradison kultural pode kaba.”⁶¹ Por isso, ele afirma estar contente com a minha visita, pois foi a primeira vez que recebeu alguém no seu campo para falar do seu trabalho. Mostra-se esperançoso de que seja um início de valorização do trabalho dele: “N ta spera ki bu ta faze algun kuza pa mi, pa n konsigi algun apoiu, prinsipalmenti pa kapitason di agu di txuba pa rega na tenpu seku.”⁶²

Sobre as vantagens do seu trabalho, João afirma que consegue ter a sua situação financeira resolvida, usa chás para sua saúde e da família, ajuda outras pessoas que precisam fazer remédio, e apoia a tradição. Por isso, sente-se alegre com desejo de fazer mais.

Como desvantagem, ele aponta o gasto de água, embora tenha instalado um sistema de irrigação chamada de “rega gota a gota”⁶³. Também explica que as pragas invadem a plantação, muitas vezes sem forma de combater. Afirma nunca tratar as plantas medicinais com produtos químicos. Usa a técnica tradicional de limpeza e rega mais frequente.

Questionado sobre a doença da covid-19, ele afirma ter tido muita procura de Losna durante esse período. Lamentou não ter satisfeito plenamente a demanda dessa planta medicinal nos primeiros tempos da covid-19. Sente-se triste e com saudades das suas clientes do Mercado do Plateau, por não poder se deslocar à Cidade da Praia já há

⁵⁹A diferença é que plantas medicinais é remédio natural e cura mesmo, mas não é valorizado. Remédio de hospital também tem seu efeito de cura, mas não é natural.

⁶⁰Acho que é cultura, encontrei-a com os meus pais, no passado remédio de hospital era pouco, remédio de terra que curava. Hoje há muito remédio hospitalar, mas muitas pessoas vão lá não sentem melhoras e voltam para “remédio de terra”.

⁶¹se alguém deixar de fazer produção de plantas medicinais a tradição cultural pode acabar.

⁶²Espero que faça algo para mim, para conseguir algum apoio, principalmente para captação de água das chuvas para rega no tempo seco.

⁶³Sistema de irrigação que controla com muita eficiência a gestão de água, evitando desperdício. Disponível em: <https://marketingagricola.pt/sistema-de-rega-gota-a-gota-vantagens-e-desvantagens/>. Acesso em 07/07/2022.

quase dois anos. No entanto, mostra-se esperançoso pelo fim da pandemia, quando ele voltará a circular, levando os seus produtos à Cidade da Praia.

2.4. Plantas Medicinais, cura tradicional e a Covid-19

A rápida capacidade de propagação da covid-19 foi o anúncio de que nenhum país ficaria de fora do problema. O Governo de Cabo Verde seguiu as recomendações da OMS, tomando todas as medidas que se impunham para impedir a entrada e propagação do vírus da Covid-19, tarefa impossível. A pandemia do novo coronavírus chegou a Cabo Verde no dia 19 de março, na ilha turística de Boa Vista, por meio de um cidadão de nacionalidade inglesa, 62 anos, que tinha chegado a Cabo Verde no dia 09 do mesmo mês, numa visita turística⁶⁴. Sendo Cabo Verde um arquipélago de intensa economia turística praiana (DEUTSCHE WELLE, 2020, s/p), essas condições favorecem o luxo de pessoas de vários países do mundo, principalmente da Europa, tornando o país vulnerável à pandemia. Por isso, logo depois desse primeiro caso, o Governo fechou as fronteiras e paralisou todos os voos comerciais, medida que se tivesse sido tomada antes da entrada do primeiro caso, a história da covid-19 em Cabo Verde poderia ser outra. Uma medida jamais vista em Cabo Verde foi a declaração de estado de emergência pelo Presidente da República Jorge Carlos Fonseca:

[...] após profunda reflexão, da auscultação de amplos sectores da sociedade, de consultar o Conselho da República e de , como determina a Constituição da República, ouvir o Governo e obter a autorização da Assembleia Nacional, na qualidade de Presidente da República, tomei, em consciência e com pleno sentido das responsabilidades, a decisão de declarar o Estado de Emergência em todo o território nacional, que vigorará pelo período de vinte dias, a partir das zero horas do dia 29, com o objetivo de defender valores e interesses fundamentais do país.⁶⁵ (Jorge Carlos Fonseca, 2020, s/p).⁶⁶

O estado de emergência foi declarado em todo o mundo, que praticamente parou. Contudo, pesquisadoras(es) tiveram que trabalhar aceleradamente para obter medicamentos e vacinas para lidar com esse cenário pandêmico, condições essas que Cabo Verde sozinho não podia ter. Inicialmente, os testes eram feitos em Portugal, com

⁶⁴ Sete dias depois, ele começou a sentir alguns sintomas e acabou por testar positivo pela covid-19.

⁶⁵ Vale ressaltar que a medida não conteve a covid-19. Após 20 dias, acabou por ser prorrogado o estado de emergência por dois meses aproximadamente.

⁶⁶ Disponível em: <https://covid19.cv/declaracao-de-estado-de-emergencia-pelo-presidente-da-republica-cabo-verde>. Acesso em 20/01/2021

avultados custos. Depois do primeiro caso, rapidamente foi montado o primeiro laboratório de teste de covid-19 no Hospital Agostinho Neto, na Cidade da Praia.

Conforme o site do Governo de Cabo Verde “o laboratório de virologia do Hospital Agostinho Neto, na Cidade da Praia, foi aberto na última semana no âmbito da implementação de medidas para a prevenção e controlo do novo coronavírus”⁶⁷. Segundo a mesma fonte, para melhor segurança do laboratório, desenvolveu-se um protocolo de articulação permanente com o Instituto Pasteur em Dakar, no sentido de apoiar para maior confiança em caso de dúvida ou diagnóstico inconclusivo.

Um dos aspectos marcantes dessa pandemia foi a cooperação de alguns países mais ricos com mais pobres. Cabo Verde recebeu muitos apoios e saiu-se relativamente bem no combate à doença, pois até este momento os dados existentes de números de infetados e de óbitos são relativamente baixos, o que demonstra um forte engajamento da população, desde o Governo até a sociedade civil. Segundo dados oficiais, até 04/05/2022 o total de caso positivos era de 56.031 e o total de óbitos, 401.⁶⁸

Dados esses que podem ser justificados devido a boa aceitação das primeiras medidas de proteção, uso de máscaras, álcool gel, isolamento, e fundamentalmente o sucesso na vacinação. Resultado esse que fez com que Cabo Verde fosse considerado um sucesso no combate a covid-19 em nível internacional. Segundo dados do site do Ministério de Saúde de Cabo Verde, no dia 28 de abril de 2022, o Ministro de Saúde foi convidado para um evento de alto nível, juntamente com a UNICEF, OMS, entre outros, para partilhar a experiência de vacinação em Cabo Verde com outros países de menor sucesso. Segundo palavras do Ministro Arlindo Rosário “Cabo Verde fez um trabalho impressionante na vacinação contra a covid19, com mais de 70% da população adulta, totalmente vacinada, o que contrasta com os 12% para a África Subsaariana”, um resultado satisfatório num país que tem cerca de meio milhão de população residente (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 2010). Dessa percentagem inicialmente a ilha de Santiago não esteve tão bem representada nesse todo. Segundo site Observador.pt,⁶⁹ “[...] em Santiago, a ilha mais populosa do país, a taxa de vacinação é ainda muito inferior, o que influencia o objetivo do governo em atingir a imunidade do grupo nacional e permitir a recuperação económica”. Situação que preocupou o Primeiro-

⁶⁷ Disponível em: <https://www.governo.cv/presidente-da-republica-satisfeito-por-cabo-verde-ter-num-tempo-bastante>. Acesso em 10/07/2022.

⁶⁸ <https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19> . Acesso em 04/05/2022.

⁶⁹ Disponível em: <https://observador.pt/2021/08/04/ilha-de-santo-antao-lidera-cobertura-da-vacinacao-em-cabo-verde/>. Acesso em 20/06/2022.

Ministro de Cabo Verde, que afirmou: “temos de incentivar o processo de vacinação nos concelhos de Santiago”⁷⁰.

Inicialmente o que se escutava sobre a covid-19 é de que não existia remédio para cura: “Não há vacina e não há medicação de cura. O que tem são pesquisas aceleradas para produção de uma vacina em tempo recorde. As medicações promissoras, até o momento, são experimentos [...] que não garantem a segurança no tratamento.” (LIMA, 2020, p. 9).

A OMS não recomenda a automedicação com quaisquer medicamentos, incluindo antibióticos, como forma de prevenção ou cura da covid-19. Só mais tarde foi se indicando alguns medicamentos que atenuam a gravidade da doença. Informações essas, que serviram de incentivos aos santiagoenses para recorrerem àquilo que sempre fizeram, buscar cura nas plantas medicinais. Uma das primeiras plantas que começaram a ser usadas foi a Erva-Doce, influenciada pelas informações nas redes sociais, supostamente vindas do Brasil.

Um infectologista brasileiro recomenda tomar de 12 em 12 horas o chá de erva-doce, pois, ele, alegadamente mata o vírus de influenza, e contém o tamiflu, o remédio, alegadamente, usado para tratar a gripe A-H1N1, o coronavírus, que se alastra pelo mundo a partir de China.⁷¹

A televisão de Cabo Verde noticiou a 30 de janeiro de 2020, muito antes da chegada da covid-19 em Cabo Verde, com o título “Venda da Erva-doce dispara nos mercados da Praia e Mindelo,⁷² porque supostamente previne o coronavírus.” Foram entrevistadas as vendedeiras de plantas medicinais no Mercado, que confirmaram uma alta procura de Erva-doce obrigando-as a encomendarem maior quantidade aos produtores/fornecedores.⁷³

Segundo o jornal online “Expresso das Ilhas”, essas informações nas redes sociais foram desmentidas através do jornal folha de S. Paulo (Brasil) em que as instituições mencionadas – Hospital das Clínicas, e Hospital de S. Domingos, ambos em S. Paulo, afirmaram que ninguém das suas equipas falaram isso, e que não existia prova científica de que Erva-doce curava a H1N1 e que nenhum chá deveria ser usado para cura de covid-19.

⁷⁰ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/covid-19-em-cabo-verde-governo-e-partidos-apelam>. Acesso em 27/06/2022.

⁷¹ Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/pais/2020/01/29>. Acesso em 27/06/2022.

⁷² Mindelo é capital de São Vicente, uma das ilhas de Cabo Verde.

⁷³ Disponível em: <https://www.rtc.cv/noticia/noticia-details>. Acesso em 20/06/2022.

Essas informações não serviram para diminuir a procura e o uso dessa planta medicinal. Ao longo do trabalho de campo observei que, embora em menor número, no Mercado as pessoas continuavam comprando Erva-doce para prevenção da covid-19.

Outra planta de muito uso em Santiago no combate à covid-19 é a Losna, de nome científico *Artemísia Absinthium*. Também esse uso não foi por acaso. Circularam informações em vários órgãos de comunicação social, principalmente na África, de que *Artemísia* teria valor terapêutico no combate à covid-19. Segundo o site online de “Deutsche Welle (DW)” (em 14/05/2020), foi o Presidente de Madagascar, Andry Rajoelina, que informou ao mundo, no final de Abril de 2020, de que essa erva estava a curar a covid-19, despertando interesse dos outros governantes africanos. Dizia a mesma fonte que “alguns políticos africanos afirmam que um chá à base de uma erva [...] serve de medicamento contra covid-19.”

O Site “Deutsche Welle” (14/05/2020) também fala de alguns países que iniciaram os estudos científicos para comprovar a eficácia da planta. A Argélia, de forma mais célere, chegou a testar a *Artemísia* e concluiu que era mais eficaz do que remédios sintéticos que estavam sendo utilizados no combate à covid-19, como a hidroxicloroquina, considerada por alguns cientistas como um potencial remédio contra a doença (constatação que foi descartada mais tarde com estudos mais aprofundados). Segundo essa fonte, a *Artemísia* teria poder terapêutico em várias doenças, como por exemplo: “há relatos de que a *Artemísia* é eficaz contra o primeiro coronavírus SARS-CoV.” (Deutsche Welle, 2020). Ainda essa mesma fonte alerta que o Gabinete Regional Africano da OMS recomendou muita prudência com *Artemísia*, por falta de provas científicas em relação ao atual coronavírus, embora acredite que é possível uma solução da doença através da medicina tradicional - “Mas estes medicamentos devem ser utilizados com cautela, porque não há provas. Não sabemos até que ponto estes medicamentos tradicionais, para os quais existem recomendações de países ou autoridades são realmente eficazes e se são seguros para a saúde humana.”⁷⁴

Segundo a mesma fonte, essa atitude da OMS causou descontentamento do Presidente de Madagascar afirmando que “[...] a eficácia do medicamento só está a ser questionada porque originou num país insular da África Oriental e não na Europa, [...]. O mundo nunca seria capaz de admitir que um país como Madagáscar tenha desenvolvido uma fórmula capaz de salvar o mundo.” Até certo ponto é compreensível o

⁷⁴ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/artem%C3%ADsia-a-alegada-cura-milagrosa-para-a-covid-19/a-53435446>. Acesso em 20/06/2022.

comportamento do Presidente de Madagascar, pois a África continua sofrer com a dominação em todos os domínios, principalmente na ciência, embora seja necessário também muito cuidado nos estudos, principalmente quando mexe com a saúde humana.

Segundo jornal online “Onda Krioula”, na sua página do *Face book*,⁷⁵ Andry Rajoelina não parou com a sua descoberta. Fiel à sua crença fez circular esse remédio pelos países da África, em especial os da CEDEAO, incluindo Cabo Verde. Sobre a posição do Governo de Cabo Verde, se recebeu ou não o presente do Presidente de Madagascar, a fonte consultada não informa, não se tem nenhum pronunciamento, mas as autoridades sanitárias, através de uma comunicação na rádio e televisão, mostraram-se duvidosas sobre o efeito desse remédio, que podia ser um risco, porque nem o Centro Africano para Controle de Doenças nem OMS pronunciaram sobre essa descoberta.

Mas os santiaguenses não se intimidaram. Acreditaram no poder de Losna, e usaram no combate à covid-19. Não há estudos que expliquem a baixa taxa de morte em Cabo Verde. Durante as minhas visitas no Mercado, é visível a procura de Losna. As vendedeiras confirmam que ainda muitas pessoas vão à procura de Losna para combater a covid-19 e ter em casa para prevenção, algo que também verifiquei nas conversas com clientes. Soraia, uma cliente do Mercado, afirma que “N ben kunpra pa N tene na kasa. Fladu me ta kura covid 19. Mi N ta kridita txeu na poder di planta”⁷⁶.

Segundo as vendedeiras, a procura de Losna para covid-19 foi intensa ao longo da pandemia, que houve momentos de escassez, que vendiam a planta mesmo seca, sem problemas. Mas que com a queda dos casos de covid-19, a procura já não é tanta, mas as pessoas ainda compram para guardarem em casa.

⁷⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/onda.kriolu/posts/3398746140137403/>. Acesso em 12/07/2022.

⁷⁶ Eu vim comprar para ter sempre em casa, dizem que cura covid-19, eu sempre acreditei na cura com plantas medicinais. Se alguém disse é porque sabe que cura.

Capítulo III

As vendedeiras do Mercado de Plateau

Como indiquei no capítulo 1, o Mercado teve a sua última remodelação em 2015/2016, em que se acrescentou mais um andar, onde passou a ser o lugar autorizado para fixação das vendedeiras das plantas medicinais. Mas há muitas outras pessoas que vendem esses produtos fora do espaço autorizado: as vendedeiras de frutas no primeiro andar, vendedeiras no térreo, vendedeiras ambulantes nas ruas que contornam o mercado, enfim, pode-se dizer que em todas as partes do Mercado, exceto na peixaria e matadouro. Essa transgressão está trazendo descontentamento e reclamação por parte das vendedeiras que têm autorização para venda desse produto, situação que, na visão delas, deve ser combatida. Por outro lado, esse espraiamento indica uma forte dinâmica da venda de plantas medicinais, afirmado, cada vez mais, o Mercado como principal espaço da cidade onde circulam as plantas medicinais e, como tal, desempenha um papel fundamental na promoção de uso delas na cura tradicional em toda ilha de Santiago. Também retrata e confirma a importância do uso de plantas medicinais em Santiago. Obviamente que se tem muitas pessoas a venderem, é porque também tem muita procura.

3.1. O Mercado e as plantas medicinais

Fazer trabalho de campo no Mercado me proporcionou vários momentos que podem ser mais bem compreendidos em registos fotográficos, porque a dinâmica dos acontecimentos não facilita um relato escrito apenas. Recorri, portanto, a uma narrativa baseada em imagens para apresentar esse espaço e toda a sua dinâmica, principalmente para retratar a circulação de plantas medicinais. Usei fotografias de minha autoria como instrumento principal, numa abordagem de foto-etnografia. Novaes (1998 *apud* BONI et al, 2007) defende que a fotografia deve ser usada como elemento de conexão com os dados orais e memoriais do grupo em estudo.

[...] um dos objetivos mais cara da Antropologia sempre foi o de contribuir para uma melhor comunicação intercultural, o uso de imagens, muito mais do que palavras, contribui para essa meta, ao permitir captar e transmitir o que é imediatamente transmissível no plano linguístico.” (NOVAES, 1998, p. 116, *apud* BONI, et al, 2017, p. 154).

Assim como o registro escrito, o registro fotográfico tem sua linguagem (BONI *et al.*, 2007). Através das imagens vamos visitar o Mercado, conhecer onde estão as vendedeiras e as plantas medicinais.

Figura 30 - Entrada do lado da Avenida Amílcar Cabral e Escada de acesso ao Primeiro piso



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Na imagem acima vemos uma das entradas do Mercado, do lado da avenida Amílcar Cabral. Fica numa das arestas do Mercado retangular, fazendo com que, ao entrar, se obtenha uma visão panorâmica de grande área do térreo. Ali fica a maioria das vendedeiras de produtos alimentícios como, hortaliças frescos, cereais, legumes etc. Do lado direito da porta de entrada estão os seguintes locais: uma escada, que dá acesso ao primeiro andar; peixarias na extremidade, e um açougue/matadouro à frente, do lado oposto da peixaria; gabinete do gestor do Mercado; banheiros; elevador; e espaço de venda de linguiça caseira e ovos. Do lado esquerdo temos uma escada da mesma dimensão que acessa o primeiro andar; um açougue/matadouro na extremidade e uma peixaria no seu oposto; espaço reservado ao pessoal de limpeza; e restaurantes. Na parte de fora, do lado direito está o espaço da venda de plantas de ornamentação conjuntamente com algumas plantas medicinais, plantadas nos vasos, para quem precisar de fazer sua produção.

Figura 31- Espaço de venda de plantas de ornamentação



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Para quem vai ao primeiro andar comprar plantas medicinais, a melhor opção é pegar a escada do lado direito (figura 30). Ao subir, no último degrau, já no primeiro andar estão as vendeiras de frutas. Mas, como já mencionei, e como mostra a figura 32, elas também vendem plantas medicinais, infringindo as regras do funcionamento que define o espaço para cada produto.

Figura 32 - Final da escada, primeiro andar, vendeiras de frutas e plantas medicinais



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Ao terminar essa escada, vira-se à esquerda, no corredor que dá acesso ao espaço autorizado para venda de plantas medicinais, conforme mostra a figura 33.

Figura 33 – Corredor que dá acesso às vendeiras de plantas medicinais



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Seguindo nesse corredor chega-se ao espaço da venda de plantas medicinais, como mostra a figura 34.

Figura 34 - Espaço de venda de Plantas Medicinais



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

O local abriga dez mesas destinadas às dez vendeiras atualmente, dispostas em fileira, uma ao lado da outra. As mesas são uniformes, de metal, com cestos de plásticos para colocação das plantas. Mas cada uma as utiliza da sua maneira, arrumando ao seu jeito para melhor atrair clientes.

Figura 35 – Organização do espaço, arrumação das mesas e disposição das vendeiras.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 36 – Organização do espaço, das mesas e disposição das vendeiras



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Ainda no primeiro andar, há um espaço cultural de que falarei mais à frente, e espaços livres, onde as produtoras de plantas medicinais que abastecem as vendeiras, instalam-se diariamente de forma aleatória. Elas tem lugar fixo.

Figura 37– Primeiro andar, (espaço cerimonial, culturais e cobertura do Mercado)



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Para melhor compreender essas e outras questões, busquei conversar com pessoa responsável pela gestão do Mercado, Felisberto Monteiro⁷⁷ e seu adjunto, Cesar Gomes.⁷⁸ É bom sublinhar que o Mercado é propriedade da CMP, e recentemente teve mudança na sua gestão devido à mudança na governação do próprio Município. A nova equipa, na altura da nossa conversa, em janeiro de 2022, só tinha três meses de gestão. Por esse motivo, logo no início da entrevista, o coordenador Felisberto alertou que algumas questões podiam não ser bem esclarecidas, pois ele ainda estava no conhecimento da casa. Por isso, tive que resumir a conversa em alguns aspectos que entendi serem mais pertinentes: o espaço reservado para as vendedeiras de plantas medicinais; o funcionamento do Mercado; o contributo do Mercado na continuidade e valorização dessa prática tradicional de cura na ilha de Santiago, o que se tem feito na questão de conservação e higiene das plantas medicinais e sua circulação, contribuindo na saúde e cultura; medidas para melhoria de prestação do mercado.

Sobre o funcionamento, ele explica que o Mercado está aberto de segunda a sábado, das 6h às 19h. Às 5h30 aproximadamente se inicia o movimento, com a chegada dos produtos do interior da ilha, alojados nas ruas circundantes do Mercado⁷⁹ - é o momento de abastecimento, que vai até as 9h. Após esse horário todas as vendas são concentradas dentro do Mercado, evitando concorrência entre os abastecedores e comerciantes do Mercado. Acrescenta ainda que ele e a sua equipa é responsável pela

⁷⁷ Felisberto, tem 48 anos, solteiro, residente na Cidade da Praia. Ele prefere ser chamado de Coordenador do Mercado do Plateau, e não Gestor. Tem Ensino médio, formação na área de fiscalização municipal, com experiência de trabalho nos Mercados Municipais da Praia desde 2007, antes como fiscal, depois supervisor e agora coordenador, chefe máximo no Mercado.

⁷⁸ Cesar tem 51 anos, casado, mora em Calabaceira, bairro da cidade da praia, tem Ensino Médio, e é Fiscal Municipal. Nesse momento desempenha função de gestor adjunto no Mercado.

⁷⁹As plantas medicinais são o único produto que tem espaço de abastecimento no primeiro andar.

fiscalização interna do Mercado e que a parte externa está a cargo da equipa da Guarda Municipal⁸⁰.

No que se refere à organização do espaço das vendas e respectivos produtos, Felisberto explica que os produtos estão divididos por “lotes”, identificadas por letras, de A à Y, alojadas nos dois pisos, sendo que o piso térreo está totalmente cheio, reservado às vendedeiras de hortaliças, legumes, cereais, carne, peixe, restaurantes etc. Já o primeiro andar foi destinado inicialmente para venda de frutas e plantas medicinais, como já abordado anteriormente. Ele ainda informou que as plantas medicinais fazem parte dos produtos que ainda não tem letra de identificação, justificando que sua dimensão quantitativa é pequena e fácil de controle. Por isso, o Mercado está aberto para receber mais vendedeiras de plantas medicinais e que o processo para obtenção de espaço ou mesa para venda de plantas medicinais (ou qualquer outro produto) é bem simples: basta levar um documento de identificação e fazer registo grátis na secretaria/gabinete de gestão. No mesmo dia terá direito ao espaço e respetiva mesa disponível. Ele explicou que a forma de pagamento do imposto é mensal⁸¹, no valor de quinhentos e cinquenta escudos (550\$00).⁸²

Em termos de circulação de pessoas, ele afirma que diariamente o Mercado recebe cerca de 800 a 1000 comerciantes e 3000 a 4000 visitantes, dados que, de acordo com a minha observação, podem ser realistas, mas não de uma forma constante: provavelmente seja certo nos dias de maior movimentação no mercado, nomeadamente dias de sábado, segunda-feira, e nos dias de saída de barcos levando produtos frescos para outras ilhas. Em outras ocasiões, a meu ver, dificilmente se chega a 4000 pessoas visitando o mercado diariamente. O período de maior movimentação é de manhã, até às 11h30. Ao meio-dia já fica um pouco parado, voltando a fluir a movimentação depois das 15h. No período quente/verão, de Julho a Setembro, é notória uma diminuição da frequência ao Mercado. Pode-se justificar por ser período de férias escolares, quando muitas famílias deixam a Cidade da Praia e vão para interior, ou viajam para fora da ilha ou do país.

Os turistas, normalmente, visitam Cabo Verde e Cidade da Praia entre os meses de Novembro a Fevereiro, período de frio na Europa.

Cabo Verde se apresenta ao turista, mais como um destino *sea, sun and sand*, ilhas com praias paradisíacas, de extensões intermináveis, deserta

⁸⁰ Ele coordenar uma equipa de quarenta e três pessoas, divididas em seis áreas de trabalho, (limpeza, vigilância, cobrança, supervisão, higiene e qualidade, coordenação adjunta). O gestor é adjuvado por Cesar, com quem também tive oportunidade de dialogar.

⁸¹ Antes o pagamento era feito diariamente, no valor de (110 \$00), cerca de cinco reais (\$5).

⁸² Corresponde a vinte e cinco reais (\$25).

e inexploradas e, claro, prontas para ser descobertas [...] um povo descrito como pacato, hospitaleiro, com a marca da tranquilidade e da abertura a amizade, “tão típica dos locais”. Tudo isso com uma pitada de exotismo, pois aqui também há cultura, uma cultura mestiça, mas com “raízes autenticamente africanas” que se revelam no artesanato, na dança, na música e nos corpos dos ilhéus. (LOBO, 2018, p. 946).

A Cidade da Praia nesse período está bem fresca, com um clima contagiante que os satisfaz. O Mercado é um dos roteiros obrigatório nas visitas turísticas, e faz parte das suas preferências de visita o espaço da venda de plantas medicinais. Embora Lobo (2018) apresente os atrativos naturais e o artesanato como os mais procurados pelos turistas, dados desta pesquisa também apontaram o interesse dos turistas por produtos como os “remédio de terra”, concretamente óleo de eucalipto. Além disso, gostam de levar recordações fotográficas junto das plantas medicinais e com as próprias vendedeiras de plantas medicinais.

Em relação ao primeiro andar, Felisberto afirma que inicialmente era destinado só para as vendedeiras de plantas medicinais e de frutas. Embora não tenha sido na sua gestão, ele entende ser uma medida viável, pois supostamente no térreo ninguém vendia esses produtos. Assim, qualquer um que precise de plantas medicinais tem que subir e comprar no primeiro andar. Mas declara que nem tudo ficou como planejado, justificando que, devido a uma contínua procura de espaços para venda, hoje são alojadas no mesmo espaço do primeiro andar as vendedeiras de produtos autorizados no térreo, como apontado anteriormente. Afirma que essa coabitação está trazendo alguma “crispação” (conflito), pois todas passaram a vender plantas medicinais, incluindo as do térreo e as vendedeiras ambulantes, nas ruas do Mercado.

Figura 38 – Vendedeiras ambulantes em torno do Mercado



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Ele reconhece ter conhecimento de reclamações das vendedeiras de plantas medicinais, e declara: “Elas [as vendedeiras de plantas medicinais, no primeiro andar]

reivindicam legitimamente. Temos tomado medidas com as que vendem plantas medicinais no térreo e outros espaços aqui em baixo. Pouco a pouco vamos resolver. A gestão anterior não tomou medidas e agora está difícil.”

O argumento do Gestor não corresponde a real situação, pois independentemente de ser ele ou não quem esteve à frente no realojamento das vendedeiras, o importante é que o Mercado esteja mais bem organizado com as vendedeiras bem localizadas, incluindo-se as vendedeiras ambulantes. Isso pode incluir o deslocamento das vendedeiras de “remédio de terra” para o térreo.

Não obstante o comprometimento de organizar melhor, respondendo às reclamações, até o meu último dia de trabalho de campo (15/07/2022) tive oportunidade de observar que a situação continuava do mesmo jeito. Ainda não se vê nenhuma ação para pôr cobro à situação. Por isso, as reclamações continuam se agravando a cada dia.⁸³ A figura que se segue mostra a “mistura” das plantas medicinais com outros produtos vendidos.

Figura 39 - Venda de Plantas Medicinais em espaço não autorizado



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Sobre as vantagens com a venda de plantas medicinais e com as próprias vendedeiras, Felisberto afirma que tem ajudado no aumento das receitas da Câmara Municipal, com o aumento da circulação de pessoas, tanto nacionais como turistas, e melhoria da economia de todos os envolvidos, desde os produtores aos clientes. Outra vantagem que ele apresenta é de ser um incentivo à continuidade da tradição: “não existe melhor espaço para transmissão da cultura do que nesse Mercado.”

Segundo Cesar, gestor adjunto, as plantas medicinais ajudam na saúde de todos que circulam no Mercado, incluindo as vendedeiras em geral, pois trata-se de um espaço de muito barulho e *stress*; e que, para essas mulheres, muitas idosas, que estão ali todos

⁸³A dinâmica do mercado ficou muito concentrada no raiz do chão. A circulação de pessoas no primeiro andar é muito menor.

os dias, ainda é mais complicado. Por isso, essas plantas medicinais ajudam muito, principalmente em forma de chá, prevenindo hipertensão.

Convém salientar que o Mercado, por iniciativa das vendedeiras em geral, ou da Câmara Municipal, organiza atividades que aliviam o stress, principalmente nas datas nacionais ou locais, aniversários das vendedeiras etc. Nessa última remodelação foi concebido um espaço multiuso, na área central do primeiro andar destinado às atividades culturais e cerimoniais, em frente ao espaço de “remédio de terra”, como se pode observar na figura 40. Tem forma retangular, construído de argamassa, madeira e metal; no meio tem uma elevação com informações escritas sobre o responsável pela obra e o tempo de construção, conforme apresentado no primeiro capítulo.

Figura 40 - Espaço cultural do Mercado do Plateau, inaugurado em 2016



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Em relação ao papel do Mercado na valorização e promoção da circulação e uso das plantas medicinais, o gestor se comprometeu a dar mais atenção ao trabalho das vendedeiras, para melhor conservação e tratamento dos seus produtos, facilitando assim sua circulação⁸⁴.

3.2. As vendedeiras

Considerando os limites desta pesquisa, concentrei esforços nas vendedeiras situadas dentro do Mercado, agentes centrais do processo de circulação e promoção das plantas medicinais. Identifiquei dez vendedeiras de plantas medicinais no Mercado, aquelas que só vendem produtos para cura tradicional, com maior predominância de

⁸⁴ O Coordenador lançou-me um desafio de conjuntamente, no futuro breve, de traçarmos um projeto com o objetivo de tornar o Mercado do Plateau num espaço de promoção e valorização das plantas medicinais, cura tradicional e das próprias vendedeiras.

plantas medicinais⁸⁵. Dessas, oito aceitaram partilhar as suas experiências por meio de entrevista e mantendo um diálogo livre em todas as minhas visitas.

Fiz entrevistas semiestruturadas abarcando com cerca de 22 pontos, divididos em três módulos: identificação das vendedeiras, história de vida e dinâmica do Mercado. Paralelamente desenvolvi observação participante durante, aproximadamente, três meses, possibilitando assim registo de muitos aspectos importantes que complementaram os dados da entrevista.

Quadro 1 - Vendedeiras de Plantas Medicinais do Mercado do Plateau

Nº	Nome	Idade	Morada	Escolaridade	Estado Civil	Filhos
1	Joana	67	Safende, Bairro da Cidade da Praia	Sem escolaridade	Casada	1
2	Lulucha	67	Praia Formosa, Concelho de S. Domingos, 21km da Cidade da Praia	Sem escolaridade	Solteira ⁸⁶	4
3	Bebe	62	Achadinha, Bairro da Cidade da Praia	4ª Classe - Escola primária ⁸⁷	Casada ⁸⁸	5
4	Mãezinha	52	Santa Cruz, Concelho de Santa Cruz, 56km da Cidade da Praia	4ª Classe - Escola primária	Casada	6
5	Janira	39	Monte Negro, Concelho de Santa Cruz, 56km da Cidade da Praia	6º Ano - Ensino Básico Integrado ⁸⁹	Solteira	3
6	Salomé	35	Praia Formosa Concelho de S. Domingos, 21km da Cidade da Praia	6º Ano - Ensino Básico Integrado	Solteira	3
7	Lenira	34	Achada Limpo, Bairro da Cidade da Praia.	10º Ano – Ensino Secundário ⁹⁰	Solteira	2
8	Elcy	33	Praia Formosa Concelho de S. Domingos, 21km da Cidade da Praia	12º Ano – Ensino secundário ⁹¹	Solteira	1

Fonte: Entrevistas realizadas pela autora, em 2021/2022.

⁸⁵As vendedeiras do Mercado de Plateau forma minhas principais interlocutoras. Conforme apresentado anteriormente, para complementaridade do meu trabalho, visitei locais de produção e conservação de plantas medicinais como INIDA e sítio do João, na localidade de São Jorge, e Parque Natural de Serra Malagueta. Também visitei uma curandeira do interior da ilha de santiagono, Concelho são Salvador do Mundo. Conversei, ainda, com duas produtoras de plantas medicinais que conheci no Mercado.

⁸⁶ A cinco vendedeiras solteiras declaram que elas são também chefe de família, pois o pai das crianças não tem uma vida comum com elas. Normalmente eles tem uma outra família e essas são amantes.

⁸⁷ No sistema brasileiro faz parte de Educação Básica - Ensino fundamental.

⁸⁸ Bebe é casada mas já não vive com o marido, pois segundo ela ele foi embora viver com amante.

⁸⁹ No sistema brasileiro faz parte de Educação Básica - Ensino fundamental.

⁹⁰ No sistema brasileiro faz parte de Educação Básica - Ensino Médio.

⁹¹ No sistema brasileiro faz parte de Educação Básica - Ensino Médio.

As oito interlocutoras apresentam variação de idade entre 33 e 67 anos. Todas tem a venda de plantas medicinais como profissão. Na maioria são solteiras, mas também há mães e chefes de família. Cinco residem no interior da ilha de Santiago, cerca de 45 minutos a 1 hora de viagem (de carro) até o Mercado. As três restantes, embora atualmente residam nos arredores da Cidade da Praia, nasceram no interior. Quanto ao nível de escolaridade verifica-se que é muito baixo, pois apenas a mais jovem, Elcy terminou o Ensino Secundário (12º Ano), e Lenira, que fez 10º ano do Ensino Secundário. Em relação às demais, a falta de escolaridade não permitiu escolhas em termos profissionais. Quase todas, as mais jovens(5), iniciaram nessa atividade muito jovens, com 18 a 22 anos. As mais idosas (3) iniciaram na idade adulta.

A questão financeira e a responsabilidade de sustentar a família é o primeiro motivo apontado por todas quando questionadas sobre como chegaram a vender plantas medicinais. A maioria delas, cinco, declaram que são mães solteiras e chefes de família e que, por isso, têm de lutar pelo pão dos filhos. Esta é uma situação recorrente em Cabo Verde, particularmente em Santiago. Existe uma poligamia não oficial, mas aceita socialmente com toda naturalidade. Dificilmente um homem vive com uma única mulher - há aquela que é considerada mulher, com que se casou, mas ele tem amante(s) que visita regular ou irregularmente, conforme o nível de compromisso. Um dilema sentimental e social que abarca filhas e filhos, além das mulheres, apelidadas tradicionalmente de “kumbossa”⁹² em busca de relação conjugal estável. Lobo (2016) traz três aspectos fundamentais no processo de estabilidade conjugal: afetividade, formas possíveis de conjugalidade e o dilema do homem e mulher nessa construção. O desequilíbrio desses fatores fazem com que exista uma ambiguidade na definição de família e responsabilidade de cada dos pais. Segundo a autora, a relação familiar cabo-verdiana mostra a responsabilidade mista, isto é, por um lado um sistema patriarcado instituído, e por outro lado uma mulher que está no centro, que cuida dos filhos em todos os aspectos, na maioria das vezes sozinha: “o laço afetivo fundamental nesse contexto seria aquele estabelecido entre mãe e filho(a)” (LOBO, 2016, p.13). As palavras da entrevistada de Lobo, de nome D. Fatima, são semelhantes às vendedeiras de plantas medicinais, e realça bem a luta da mulher cabo-verdiana como chefe de família: “E assim eu vim criando meus filhos, porque homem não, eles vão arranjando outras mulheres... e nos todas passávamos

⁹² Nome do senso comum santiaguense atribuída às mulheres que vivem com o mesmo homem, sendo uma delas casada ou não.

sacrifícios para criar nossos filhos, trabalhava duro para criar os filhos porque *pai-de-fidju* não ajudava grandes coisas na criação de filhos [...]” (LOBO, 2016, p.16).

Um segundo motivo do ofício, apontado pela maioria (as cinco mais jovens), é por que a mãe, a avó, ou tia vendiam, configurando uma influência para serem vendedeiras de plantas medicinais. As mais idosas também têm alguma influência de familiares ou vizinhos, mas o principal motivo apresentado por aquelas para a venda de plantas medicinais no Mercado é a fraca venda dos outros produtos. Segundo elas, antes vendiam alimentos frescos de hortaliça no mesmo espaço de venda de plantas medicinais, mas não tinham bons resultados de venda. Nas palavras de Lulucha, uma das vendedeiras mais idosas: “N ta bendeba verdura la di baxu, mas na meu gentis di Padja Xa, N bira ka ta bende i ta perde dinheru, dja mi tanbe N disidi bende padja xa”⁹³. Assim, ela entrou na venda de plantas medicinais e outros elementos usados na feitura de “remédio de terra”.

Figura 41 – Vendedeira Lulucha



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Os conhecimentos que elas têm sobre as diversidades de plantas medicinais e “remédio de terra”, estão intimamente ligadas às suas origens e influências familiares, nomeadamente de avós, pais, tias, vizinhos, colegas do mercado e dos próprios clientes. Segundo palavras de Joana “Ami N prende ku kolegas li na merkadu, mas nha avo tanbe era partera. E ta fazeba ramedí tera.”⁹⁴

⁹³ Eu vendia verdura na raiz do chão, mas no meio de pessoas que vende palha chá e não vendia, perdendo só dinheiro, então decidi vender palha de chá também.

⁹⁴ Eu aprendi com as colegas aqui no Mercado, mas a minha avó também era parteira e fazia “remédio da terra”.

Figura 42 - Vendedeira Joana



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Pude verificar que há uma concordância entre elas em relação às Plantas Medicinais mais procuradas e de maior uso em Santiago, que são Alecrim, Arruda, Losna, Eucalipto cheirosa, Hortelã, Xali, Malva, dentre outras. Todas afirmam serem apenas vendedeiras, embora conheçam e fazem alguns “remédios da terra”, quando solicitados com antecedência. Lenira afirma: “Ami e bendera padja xa, mas algun ramedí N sabi faze. Izenplu ramedí di friesa ki N ta mustura seti purga ku oliu di kalipi, kanfru, adju tera i simenti di mustarda, N ta ferga na dor tudu noti, antis di durmi. Tanbi N sabi faze ramedí di trisa”⁹⁵.

Figura 43 - Vendedeira Lenira



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Do diálogo e das observações feitas, percebo que a vida das vendedeiras de plantas medicinais é recheada de momentos prazerosos, mas também de grandes desafios. Uma

⁹⁵Eu sou vendedeira de Plantas Medicinais, mas alguns “remédio da terra” sei fazer. Por exemplo, remédio para dores provocadas por frio. Misturo azeite de purga, oleo de eucalipto, canfro, “alho da terra” e semente de mostarda. Faz-se esfregação todas as noites antes de dormir. Tambem faço remédio de hepatite.

das dificuldades apontadas por todas as vendedeiras é a mudança do espaço de venda - anteriormente vendiam na raiz do chão (térreo) – e que com a remodelação em 2016 passaram para o primeiro andar. Segundo elas, não obstante as melhores condições do novo espaço, essa mudança enfraqueceu a venda devido à concorrência desleal feita por outras vendedeiras de outros produtos. Elas responsabilizam a gestão do mercado que não toma medidas para pôr cobro à situação.

Segundo as vendedeiras, antes do regresso ao Mercado (após a qualificação) foi feita uma reunião entre elas e a equipe que geria o Mercado naquele momento. Afirmam que o combinado é que teriam um novo espaço no primeiro andar, juntamente com as vendedeiras de frutas, e que apenas elas estariam autorizadas a vender plantas medicinais e outros produtos para cura tradicional. Assim, obrigava-se a todos que precisassem de “remédio da terra”, em especial das plantas medicinais, que subissem até ao primeiro andar, pois não seria possível encontrar em outros espaços. Segundo as mesmas, o que se constata é que não foi cumprido o combinado. Acusam a gestão do Mercado de nada fazer para controlar os espaços e produtos destinados a outras vendedeiras, contribuindo assim para uma concorrência desleal. Janira observa com certa mágoa que “Ten otus ta bende pa ladu la. Era so li, mas kezotu odja ma nu sa ta bende dretu, es pega nel tanbi. Es ta bende fruta i es ta bende padja xa. La baxu la es ta bende tanbi”⁹⁶.

Figura 44 - Vendedeira Janira



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Para elas, essa situação de concorrência, com muitas pessoas a venderem o mesmo produto, traz outro problema: a sobra de plantas medicinais diariamente. Para evitar a perda total, fazem a dissecação das plantas, mas que de todo modo acabam por perder

⁹⁶ Tem outras a venderem do outro lado. Se calhar, viram que estávamos vendendo muito, resolveram vender também. Vendem fruta e vendem palha de chá. Na raiz de chão também vendem.

algum dinheiro, pois quando o produto é seco o preço é menor e ainda devem aumentar a quantidade até satisfazer os clientes. A vendedeira Bebe afirma: “O ki nu kunpra ki nu ka bende, ta straga. Purisu, nu ta seka. Mas seku dja ka ta bende na mesmu presu. Purisu, nu ta perde nos dinheru.”⁹⁷

Figura 45 – Vendedeira Bebe



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Outro aspecto criticado pela vendedeira Lenira são as condições de acessibilidade ao primeiro andar do Mercado. Segundo ela, os deficientes cegos e mancos são excluídos do acesso a esse espaço, embora exista elevador: “Li ten elevador, mas nunca ka ta funciona. Asi dja mankus ku segus ka ta konsigi txiga li faxi, es meste apoiu”⁹⁸.

Elas reclamam maior atenção e valorização das suas atividades. Todas afirmam que se fala muito pouco de plantas medicinais e cura tradicional no rádio e televisão, como se fala de outras práticas semelhantes, como música e dança, por exemplo. Em geral, afirmam nunca receberem visita de pessoas ligadas aos Serviços de Saúde nem de Cultura e Património, nem dos governantes. Vendedeira Maizinha afirma que “Eles só passam aqui tempo de campanha, buscando votos.” Que os seus principais visitantes são seus clientes. Pessoas que acreditam e usam plantas medicinais para cura das suas doenças.

Elas têm consciência da importância do seu trabalho na saúde e cultura no seio dos santiaguenses, mas que não são reconhecidas no nível oficial e que não recebem nenhuma assistência para as encorajar. Elcy, a mais jovem vendedeira, aponta como necessidade a formação para melhor conhecimento das plantas medicinais, valor

⁹⁷ Quando não conseguimos vende verde, estraga-se. Por isso, secamos ao sol, mas o preço é menos, então perdemos dinheiro.

⁹⁸ Tem elevador aqui, mas nunca funcionou bem, por isso, os mancos e cegos não conseguem subir até aqui com facilidade sem um apoio maior.

terapêutico, manuseamento, conservação, como usar no “remédio de terra” etc. Diz que se sente triste, como jovem que estudou, sem um apoio para dar continuidade de forma mais rentável a sua atividade. Continua, desabafando: “Nha atividad i inportanti pa saudi i tradison, e ta djuda pa kultura ka kaba, mas es ka ta da-l valor. Sima N prende ku nha pais i avós, N ta nxina nhas fidjus.”⁹⁹ Ainda ela afirma que talvez não dêem tanto valor, porque é planta medicinal que não dá para cantar e dançar como morna, batuque.¹⁰⁰ Continua Elcy: “Nes momentu es sta rikupera um strumentu musical ki txoma simboa. Dje skeseda de-l, mas gosi es sta papia de-l txeu. E keli kes meste faze ku planta medisinal i cura tradicional. Txeu algen ta kridita fielmente na ramed i de terá, mas hospital ka ta kridita.”¹⁰¹

Figura 46 - Vendedeira Elcy



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Questionadas sobre as condições do Mercado para a prática das suas atividades, foram unânimes em caracterizar o espaço como fresco, acolhedor e de grande importância na vida delas, onde conseguem o sustento da família ou “ganha pão”. Reconhecem ainda que o Mercado as proporcionou aquisição de novos conhecimentos sobre plantas medicinais, permitiu conhecer novas pessoas e fazer amizades, muitas vezes ultrapassando as fronteiras nacionais, especialmente com os emigrantes cabo-verdianos e turistas que as visitam.

Segundo a vendedeira Bebe, é uma satisfação grande quando consegue ajudar uma pessoa a melhorar seu problema de saúde “Anos o ki ben algen ki ka konxe ramed i, basta

⁹⁹ a minha atividade é importante para saúde e tradição, ajuda para cultura não acabar, mas não dão valor. Assim como aprendi com os meus pais, avós, vou ensinar meus filhos

¹⁰⁰ São dois gênero musical cabo-verdiano, hoje patrimonio da humanidade.

¹⁰¹ Neste momento estão a recuperar um instrumento musical de nome Cimboa. Já estava esquecida, mas agora falam muito dela. É isso que devem fazer com plantas medicinais e Cura Tradicional. Muitas pessoas acreditam fielmente em “remédio de terra”, mas hospital não acredita.

e flanu si duensa nu ta indika-l kal ke padja i modi ke ta faze ramedí, nu ta da-l tudu informason. E nos trabadju i nu ta xinti dretu”¹⁰². Também a vendedeira Joana afirma que melhor ganho dela é quando alguém volta para informar que o remédio foi bom e que ficou curada: “O ki es fla-m mes kura, N ta fika kontenti ki nen si kau sta mau, sen benda, mas N ta fika kontenti duranti dia”¹⁰³.

O espírito de entreajuda e boa convivência entre elas é notório. Segundo as mesmas, sempre que chega um cliente e qualquer uma delas tem falta de um produto, é só tomar com outras colegas. A vendedeira Janira afirma que se alguém precisa de sair, vai com tranquilidade, porque sabe que as colegas responsabilizam, vendem e guardam dinheiro, o que revela alta confiança entre elas - “Ami ten tres dia di simana ki N ka ta ben, mas N ta arma nha mesa N ta dexa. Es ta bende, es ta guarda-m dinheru o ki N ben”¹⁰⁴.

Sustentadas nos seus conhecimentos empíricos, compreendem as plantas medicinais de diferentes maneiras: “remédio de terra”, remédio natural, remédio melhor do que de hospital; é aquele que nascemos e encontramos em casa. Para Joana, “Ami N ka ta fla ma ramedí tera e mas bon ki di ospital, mas go e bon tanbi”¹⁰⁵.

Questionadas do significado das plantas medicinais na vida delas, a principal resposta é o sustento da família. Essa justificção é recorrente nas conversas, pois a preocupação é a garantia de necessidades básicas para as suas famílias. Segundo a vendedeira Janira, planta medicinal significa vida, saúde, tudo para ela. E que nela está toda a esperança de sobreviver com a sua família.

A maioria delas afirma que dificilmente vão ao hospital. Nem elas, nem seus familiares, pois tomam chás diariamente que combate e previne muitas doenças. Joana conta ter feito “remédio de terra” de acidente vascular cerebral (AVC) para sua mãe, que tinha saído do hospital sem esperança de se recuperar e que ela melhorou e está bem até hoje.

A satisfação pessoal por ajudarem os clientes a conseguirem tratamento, receber elogios, presentes, e fazer novas amizades são outros ganhos apontados. Declara a

¹⁰² Quando vem pessoas que não tem conhecimento de que planta ou remédio precisa, é só dizer que doença, nos damos todas as informações. É nosso trabalho, sentimos bem.

¹⁰³ Quando me falam isso fico contente dia todo, mês sem vender nada.

¹⁰⁴ Eu tenho três dias de semana que só venho arrumar a mesa, mas elas vendem e guardam-me dinheiro.

¹⁰⁵ Eu não digo que remédio de terra é melhor que de hospital, mas sei que é bom também.

vendedeira Salomé, “Ten un kazal di Purtugezis ki ben, nu da amigu, es bai nha kaza, es da-m(traze-m) prizenti”¹⁰⁶.

Figura 47 - Vendedeira Salomé



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Financeiramente elas se queixam da falta de capital para negócio. Segundo Salomé, tem dias que elas não conseguem vender o suficiente para a compra do almoço, e pagar a viagem de regresso à casa; que o preço dos produtos é baixo, cinquenta a cem escudos cada quantia ou “molho” de plantas (que é a medida local); que para fazer bom dinheiro precisam vender grande quantidade. Declaram unanimemente que nunca receberam apoio de instituições do Estado ou qualquer organização.

Segundo as mesmas, a importância das plantas medicinais para o povo santiaguense é grande. Comparando esse uso entre as pessoas do interior da ilha e as da Cidade da Praia, a maioria afirma que hoje há um equilíbrio, pois o uso de plantas medicinais já não é uma dádiva do campo como em tempos passados (VIERA, 1999). A vendedeira Mãezinha vai mais longe, apontado a Cidade da Praia como lugar de maior uso: “Gentis di Praia ta toma ta toma xa mas ki gentis di fora”¹⁰⁷.

¹⁰⁶ Fiz amizade com um casal de portugueses, foram para minha casa, deram-me presentes.

¹⁰⁷ Pessoas de cidade da Praia bebem chá mais do que pessoas do interior de Santiago.

Figura 48 - Vendedeira Mãezinha



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Mãezinha justifica o maior uso das plantas medicinais na cidade devido ao custo que é menor do que a cura no hospital, além de ser natural e não fazer mal para saúde e que muitos que vão ao hospital e não conseguem curar, chegam no mercado e encontram cura nas plantas medicinais. Esse argumento é compartilhado por todas.

As vendedeiras afirmam que as plantas medicinais têm grande significado para o Mercado do Plateau, principalmente no rendimento económico, pois mensalmente pagam imposto de quinhentos e dez escudos (510\$00)¹⁰⁸ para poderem ali vender - um “produto” que aumenta a capacidade de oferta aos utentes do mercado, e que serve de atrativo para os turistas nacionais e estrangeiros. Segundo a vendedeira Salomé: “Txeu turista ki ta txiga merkadu, e prisizamenti pa vizita nos spasu i pa kunpra oliu di kalipi.”¹⁰⁹ A vendedeira Lulucha afirma que a foto dela está na Inglaterra. Para a vendedeira Lucy, as plantas medicinais embelezam o Mercado, dão um cheiro aromático ao ambiente e cria uma espécie de espaço verde.

Em relação à importância das plantas medicinais na feitura de “remédio terra”, a maioria delas entende que o Governo é quem ganha mais. Justificam que quem usa plantas medicinais como remédio, dificilmente tem necessidade de ir ao hospital, assim alivia serviços de saúde pública. Apontam que, por meio do seu trabalho, os produtores e curandeiros ganham vida - o Governo não tem preocupação de emprego para elas, já que são autônomas. Segundo curandeira Neca, “Governu ta popa txeu dinheru ku pesoas ki ta

¹⁰⁸ No câmbio do Brasil são 25 reais.

¹⁰⁹ Muitos turistas que chegam ao mercado é precisamente para visitarem o nosso espaço e comprarem óleo de Eucalipto.

uza planta medisinal. Aes kuazi es ka ten prublema di saudi. Si nu tenba mas apoiu i orientason, mas benefisiu Governu podi traba di nos atividadu.”¹¹⁰

Convém pontuar aqui que na circulação das plantas medicinais, desde a produção até ao seu consumo final como “remédio de terra”, temos a centralidade feminina. Embora tenha conhecido um produtor (homem), pelos dados recolhidos no trabalho de campo, pude identificar que são elas majoritariamente que vendem, produzem, compram, usam plantas medicinais. Seria mais justo falar de vendedeiras, produtoras, consumidoras, curandeiras, ou de modo geral, mediadoras ou interlocutoras.

3.3. A clientela

Vale a pena reafirmar aqui a dimensão dominante da mulher na sustentação do circuito de “remédio de terra”. A clientela das plantas medicinais é também na maioria mulheres; raramente um homem sobe ao espaço para comprar plantas medicinais. Consta-se que são mulheres de todas as faixas etária, com uma ligeira tendência para senhoras, donas de casa que também são as mais assíduas. É notória a presença dos visitantes emigrantes cabo-verdianos que vão em busca de remédio de terra para usarem e levarem para o estrangeiro. A maioria dos clientes sabem o que querem comprar, mas muitos também vão pedir apoio nas vendedeiras, que prontamente ajudam. Os turistas, como já se falou aqui, não compram muito; querem mais conhecer a nossa cultura. Por isso vão acompanhados de guia turístico para melhor questionarem e conhecerem. O único produto que levam é o óleo de eucalipto.

As plantas mais procuradas são Alecrim, Arruda, Losna, Eucalipto cheirosa, Hortelã, Erva doce, Xali, pila babosa, Malva, folha de Abacate, óleo de Eucalipto, Azeite de Purga. Preferencialmente os clientes desejam plantas frescas, verdes. Na impossibilidade de encontrarem frescas, então aderem às secas. O preço aplicado está entre cinquenta escudos (50\$00)¹¹¹ a cem escudos (100\$00)¹¹² para cada “molho.”¹¹³

¹¹⁰ o Governo poupa muito dinheiro com pessoas que usam plantas medicinais, essas quase não tem problemas de saúde. Se tínhamos mais apoio e orientação mais benefício o Governo podia tirar dessa nossa atividade

¹¹¹ Cerca de 2 reais, na moeda brasileira.

¹¹² Cerca de 5 reais, na moeda brasileira.

¹¹³ Nome tradicional que refere ao padrão usado por elas, sem qualquer qualquer medida convencional.

O fluxo de venda está intimamente ligada ao fluxo de circulação no Mercado normalmente. Mas quando há surtos de gripes e outras doenças, como a covid-19, a venda aumenta.

Conversei com duas clientes assíduas que adquirem plantas medicinais no Mercado. Mónica, 52 anos, mora no Concelho de Santa Cruz, 56km da Cidade da Praia, aposentada, estudou até o ensino médio, usuária de plantas medicinais para chás, vapor, fumador e outras formas de uso para o bem da sua saúde. Afirma ter aprendido a usar plantas medicinais como “remédio de terra” por experiência e conhecimentos que adquiriu ao longo da vida, mas também que cresceu numa família que fazia chás diariamente. Justifica o uso de chás porque sabe que é natural, mas que toma com cautela porque o exagero pode trazer outros problemas: “N gosta di faze Xa. N ta bebe tudu dia diferentis padja. Xa di ortelan pa perde pezu, alikrin pa mimoria, jinjibri pa stomagu, mas N ta toma-l ku moderason pamodi ta subi tenson.”¹¹⁴

Mónica define plantas medicinais como uma “mais valia,” que é “remédio de terra”, natural, sem químicos laboratoriais, que se for bem tomado a pessoa fica bem, pois, que é necessário saber fazer chás, que ferver demasiado não é bom. Segundo a mesma, antes dela tomar paracetamol, prefere chá. Ao comparar os dois remédios, de hospital e “de terra,” ela afirma que “Kada un ten si valor. Ninhun ka ta subistitui kelotu, na nha manera di odja”¹¹⁵. Por outro lado, afirma que o custo das plantas medicinais é menor, por isso, as pessoas do campo usam mais, evitando principalmente os custos de deslocação. Ao questionada sobre usos de chás no combate à covid-19, se tem algum conhecimento, ela destacou que mais se preocupou em fortalecer sua imunidade: “Sobri covid 19, fladu txeu Xa, mas ami N uza adju, limon pa maior imunidadi.”¹¹⁶

Mónica reconhece vantagens no uso de plantas medicinais: “Ajuda en termus ikonomiku, ta ivita stress di ospital, e relaxanti i natural.”¹¹⁷ Sobre as desvantagens, confessa sentir algum receio do risco que pode correr no doseamento, mas que de um modo geral não consegue ver outras desvantagens. É de opinião que é necessário falar mais das plantas medicinais, ajudar essas vendedeiras a terem mais conhecimentos sobre o que vendem. Afirma que existe um déficit de informação nas mídias sobre essa matéria, “Poku bes N obi i sukuta notisia sobri planta medisinal, kura tradisional o algen ki ta

¹¹⁴ Eu gosto de fazer diferentes tipos de chás e tomo diariamente. Tomo chá de Hortelã para perda de peso, Alecrim para memória, Gengibre para estômago, mas tomo moderado porque altera a pressão arterial.

¹¹⁵ A meu ver cada um tem a sua importância, nenhum substitui o outro.

¹¹⁶ Sobre a covid19 falaram de chás, mas eu só precepei em reforçar a minha imunidade, com limão, alho.

¹¹⁷ ajuda em termos econômico, evita stress do hospital, é relaxante e natural.

labuta nes aria, sima es senhoras.”¹¹⁸ Afirma ter feito o papel dela, com seus filhos, ensinando-os o pouco que sabe, para saúde e continuidade da tradição, “N ta faze pa mi i pa nhas familia na kaza. N ta inxina nhas fidjus”¹¹⁹.

Para Mónica, o Mercado é um bom espaço, fresco, higiênico. Como tal, sente confiança e vem semanalmente comprar remédios nessas vendedeiras. Declara ser cliente assídua, mas que muitas vezes ela encontra na rua do Mercado pessoas a venderem plantas medicinais em maior quantidade e mais barato, embora reconheça que é uma concorrência que ela se beneficia. Reclama que quem de direito precisa combater.

Figura 49 - Regina Pereira, cliente assídua na compra de Plantas Medicinais



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Regina, outra cliente e usuária com quem conversei, usa plantas medicinais para saúde dela e da família. Tem 65 anos de idade, viúva, professora do ensino médio, aposentada. Mestre em Química, natural do Concelho de Santa Catarina, 47 km da Cidade da Praia, onde reside atualmente.¹²⁰

Ela afirma usar plantas medicinais principalmente para chás porque encontrou esse costume na sua casa. “Sempre aprendi isso com os meus pais. Também com a minha investigação fiquei com mais conhecimento. “Remédio de terra” é mais saudável para saúde, tem menos química laboratorial, é mais orgânico.” Afirma usar plantas medicinais para vários efeitos: “Uso Xali quando comer algo gorduroso, Alecrim para prevenir Alzheimer, uso Eucalipto mais para gripe, fazendo vapor, banho; Erva doce para gases, hortelã para dores de barriga, estômago”. Acredita que as plantas medicinais têm poder de cura, mas também respeita o hospital: “evidentemente não deixo de ir ao médico

¹¹⁸ poucas vezes tenho visto e escutado notícias sobre plantas medicinais, cura tradicional ou pessoas que labutam nessa área, como essas senhoras

¹¹⁹ Eu faço para mim e minha família, ensino meus filhos.

¹²⁰ A entrevista com Regina decorreu totalmente em Português.

quando o assunto é persistente.” Mas, ressalta, ainda, que muitas vezes as pessoas preferem “remédio de terra” porque não conseguiram resultado no hospital: “Não generalizo, mas às vezes os médicos não estudam bem a doença passam medicamentos que não respondem. E às vezes o doente toma um chá e resolve.”

Sendo a entrevistada formada em química, afirma que “remédio de terra” e de hospital são diferentes, que “chás e outros remédios tradicionais de plantas não tem substâncias químicas laboratoriais, e que o de hospital tem química laboratorial, que é menos saudável. Disse, ainda, que qualquer um pode ter efeitos secundários. No caso de chás, se for fervido em demorado, pode tornar veneno. E explica: “Melhor forma de fazer chá é infusão, assim aprendi com os meus pais”.

Questionada sobre compartilhar conhecimentos que tem nessa área, ela mostra algum cuidado, justificando que não é curandeira. “Por enquanto dou informações a pessoas familiares, meus filhos, pessoas íntimas que me perguntam sobre como fazer chá. Acredito que estou contribuindo para saúde e continuidade da prática”. Na sua opinião, há um alto consumo de plantas medicinais: “antes no interior usavam mais, mas hoje só com uma investigação para saber. Certo é que há mais pessoas a venderem chás, é porque aumentou a procura.” Por isso, alerta pela necessidade de maior valorização das vendedeiras de plantas medicinais: “acho que está faltar algo para orientação dessas senhoras, dar formações e tirar informações delas, pois estão cheias de saberes”. Acrescenta que o espaço onde estão é confortável, mas que é necessário mais cuidado com as plantas medicinais, principalmente na higiene.

Questionada sobre a gestão do Mercado em relação à organização de espaços de venda de plantas medicinais, ela é crítica, afirmando que algo deve ser feito para melhor organizar, não prejudicando as vendedeiras fixas, que pagam imposto. Que por todo lado tem alguém a vender plantas medicinais. Apela à CMP para melhorias.

Em termos de valorização patrimonial das plantas medicinais e cura tradicional, ela é de opinião que se deve dar mais visibilidade, pois pouca coisa se fala. Reconhece muitas vantagens nas plantas medicinais: “são menos caras que comprimidos, por isso, ajuda financeiramente, são mais orgânicas e conseqüentemente tem menos efeitos secundário se for bem usada. Também é saboroso e dá prazer de tomar.” Faz, ainda, alerta do risco de sobre dosagem como uma desvantagem.

Também conversei com uma cliente eventual, a curandeira Neca, 46 anos de idade, natural do Concelho/Município de São Salvador do Mundo, Leitãozinho, que distancia 32 km da Cidade da Praia, casada e mãe três filhos. Ela afirma que começou a

conhecer plantas medicinais aos 25 anos, com a sua sogra: “N prende a faze “ramedi tera” ku nha sogra, mai di nha maridu. Senpri ke ta fazeba ramede, e ta nxinaba mi. Ku idadi i duensa, N pasa N ta faze ku si orientason.”¹²¹ Após o falecimento da sogra, ela deu continuidade, pois considera uma herança que quer honrar. “E ta apoiaba mi pa N pode prendeba faze”¹²². Questionada se tem passado esses conhecimentos a outras pessoas ela responde: “Nau, ningen ka mostra-m interesi na prende, si purgunta-m N ta nxina pamodi mi tanbe N nxinadu, N debe nxina otu pa djuda algen ku doensa. Nhas fidjus es ka liga prende, mas esta toma ramede senpri ki N da-s”¹²³.

Devido ao distanciamento e às condições favoráveis de produção, conta que adquire sua matéria-prima nos produtores locais e por meio de sua própria produção, só recorrendo ao Mercado quando falta algum produto.

Ela acredita no poder de cura das plantas medicinais: “Planta medisinal ten poder di kura, sin. Senpri ki N ta faze ramede, algen ta fika kuradu. Kes ki ka fika ben kuaradu e pamodi es ka sigi nhas instruson, o nton es ka informa-m di sintoma di duensa.”¹²⁴ Ela exemplifica com a doença “trissa”¹²⁵, em que o doente não pode comer carnes e certos peixes, devendo seguir o horário de medicação, “e sima ramede di ospital. “Ten ki kunpri preskrison di dottor. Senpri ken ki toma dretu, e ta kura. Ami txeu algen ta kura, ta ben agradese-m”¹²⁶. Explica, ainda, que sempre orienta seus clientes a não tomarem “remédio de terra” ao mesmo tempo que remédio de hospital, cada um deve ser tomado isolado. Para cura de “trissa”, que é a sua especialidade, ela usa as seguintes plantas medicinais: “casca de Calbicerca”¹²⁷, “padja abacati”¹²⁸, “padja de pinhão”¹²⁹, “padja de oliveira”¹³⁰, misturado a outros produtos de origem vegetal e mineral, como vinho, pedra ume etc. Além disso, ela afirma fazer remédio para anemia, regador ou limpeza intestinal e lavagem de útero, ajudando na fertilidade. Sobre a covid-19, ela diz não conhecer

¹²¹ Aprendi a fazer “remédio terra” com minha sogra, mãe do meu marido. Sempre que ela fazia remédio, ela me ensinava. Depois com a idade e doença, passei a fazer sob sua orientação.

¹²² Ela me apoiava, para que eu pudesse aprender.

¹²³ Não, ninguém mostrou interesse em aprender, mas se querem eu ensino, porque eu também alguém me ensinou, por isso, devo ensinar aos outros para apoiarem na saúde. Meus filhos não querem aprender, mas acreditam na cura e tomam remédio sempre que dou.

¹²⁴ as plantas medicinais têm poder de cura sim. Sempre que faço remédio as pessoas ficaram curadas. As que não ficaram bem curadas é porque não seguiram as minhas instruções, ou então não informaram-me bem dos sintomas da doença.

¹²⁵ Corresponde à Hepatite.

¹²⁶ É como remédio de hospital, tem que seguir a prescrição médica. Se cumprir, cura. Muita gente que faz o que eu mandar, fica curada e me agradece.

¹²⁷ Casca da fava de Calabaceira. Sem correspondência de nome científico.

¹²⁸ Folha de Abacateiro.

¹²⁹ Folha de pinheiro.

¹³⁰ Folha de oliveira.

remédio, porque é uma doença recente, ainda não tem conhecimento sobre como combater. Diz ter ouvido de algumas plantas que foram usadas, mas que não tem fundamento e não recomenda a ninguém.

Ao comparar remédio de hospital com o dela (“remédio de terra”), ela declara respeitar muito remédio de hospital e os médicos, mas sente que o trabalho dela também é muito procurado devido aos bons resultados. “Ramedi di ospital ta kura, mas un monti di algen ka ta konsigi kura ku ramedi di ospital, ta ben na mi, N ta kura-s. Epatiti B ki nu ta fla Trisa, ospital ka ta kura”¹³¹.

Avaliando sua atividade hoje em Santiago, ela afirma que houve aumento da procura, principalmente das pessoas da Cidade da Praia e emigrantes. “N ta faze ramedi inkomendadu pa algen ki ta vive na stranjeru, prinsipalmenti ramedi pa trisa.”¹³². Afirma que faz remédio para fora de Cabo Verde, que lhe dá muita satisfação, alegria e valor. Sente que o trabalho dela é confiável: “Senpri es ta fla-m mes kura, N ta xinti alegri”¹³³. Questionada sobre algum apoio ou orientação das autoridades de saúde, declara nunca ter recebido. Em meio a risadas, ela afirma: “Es ka sabe si N izisti.”¹³⁴ Mas lembra que a sogra costumava participar em formações de Parteiras, e que tinha um *kit* de UNICEF com utensílios e medicamentos para atuar caso necessário. Em relação ao Ministério de Cultura e Câmara Municipal, afirma que nunca foi contatada. “Ami ki N ten e so nha klientis. Otus N ka konxe”¹³⁵. Ela é convicta de que com a sua atividade ela está ajudando as pessoas a terem mais saúde e ao próprio Governo. Afirma que nem sempre faz trabalho de cura por dinheiro, mas sim por gosto. “N djuda txeu algen ki ka pode paga i N sta orgulhozu pamodi N djuda-s. Txeu bes N prende otu segredu di kura ku nha propi pasienti, N ta konsidera ganhus tanbe, non nisisariamenti resebe dinheru.”¹³⁶ Essa troca de conhecimentos, segundo ela, não existe entre colegas curandeiros, cada um trabalha individualmente. O motivo mais provável, segundo ela, é o medo de concorrência e perda de clientes.

Sobre a continuidade da sua atividade, ela reclama da falta de apoio, de formação para mais conhecimento, para que se possa dar maior e melhor contribuição para bem do

¹³¹ Remédio de hospital cura, mas muitas pessoas não conseguem cura no hospital e vem procurar a cura em mim. Hepatite não cura só no hospital.

¹³² Faço remédio encomendado por pessoas que vivem no estrangeiro, principalmente remédio para hepatite

¹³³ Sempre que me falarem que estão curados, sinto alegre.

¹³⁴ Eles não sabem se existo.

¹³⁵ Eu tenho apenas meus clientes, outras pessoas não conheço.

¹³⁶ Ajudo muitas pessoas que não podem pagar, e sinto orgulhosa por ter ajudado. Muitas vezes aprendi outros segredos de cura com meus próprios pacientes, e considero ganhos também, não necessariamente receber dinheiro

seu país. Quer ser vista e ouvida na televisão e rádio sobre o trabalho dela, para ser conhecida na sociedade, e ter mais clientes. Reconhece vantagem financeira, mas sobretudo a alegria que sente em ajudar as pessoas a terem mais saúde.

CONCLUSÃO

Conforme aponte na Introdução, sobre a importância dos mediadores, nesta conclusão gostaria de vincar que as mediações fazem parte de toda a vida social das plantas medicinais em Santiago, conforme aponta Appadurai (2010), formando uma cadeia operatória que inicia na produção e termina seu consumo na cura tradicional – processo que pode ser reunido na categoria nativa denominada de “remédio de terra.”

O trabalho que hora concluo, foi baseada em pesquisa bibliográfica e trabalho de campo que permitiu-me perceber as condições de circulação das plantas medicinais e “remédio de terra” ou cura tradicional no seio da população santiaguense, no patrimonio cultural cabo-verdiano, no Mercado, bem como do modo como certos profissionais lidam mais diretamente com elas, as vendedeiras, produtores, curandeiros e usuarios/clientes em geral.

O uso de plantas medicinais no “remédio de terra” faz parte da formação da sociedade cabo-verdiana, possibilitando uma forma de cura acessível para todos, assim como uma manifestação cultural de Cabo Verde em geral e de Santiago em particular, visto que se relaciona com tradição, hábitos, costume e formas de vida enraizadas no dia dia dos santiaguenses. Continua sendo um conhecimento empírico, passando de geração em geração, mantendo sempre viva na memória desse povo.

Várias razões estão na origem dessa importância que nasceu e se desenvolveu com esse povo. Desde o início do povoamento, o sistema sanitário da ilha era muito frágil, sem meios humanos nem materiais para enfrentar os problemas de saúde, e o uso das plantas medicinais na cura era a única forma de tratamento que chegava à toda classe populacional, marcando assim a história sanitária de Santiago e Cabo Verde em geral; a própria configuração geográfica da ilha; o custo de transporte para as pessoas do meio rural, que dificultava de acessibilidade aos centros de saúde, que quando existiam estavam na maior parte dos casos longe da população que mais necessitava;¹³⁷ o surgimento de muitas patologias nos últimos anos, como por exemplo a Covid-19, empurrando as pessoas para uso tradicional de cura com plantas medicinais; também por ser muito mais económico, natural, mais saudável, sem químicos laboratorial, evitando efeitos secundários negativos na saúde das pessoas. Enfim essa prática funcionou como uma alternativa à cura convencional no passa até hoje.

¹³⁷ Ainda hoje, embora com melhorias no sistema de saúde, é evidente que nem sempre os serviços de saúde estão próximo de toda a população, quanto mais no passado, nos momentos em que se vivia os primeiros passos de serviços de saúde.

Comparando o uso de “remédio de terra”, no passado e na atualidade, em Santiago, pelas mudanças positivas acontecidas no sistema de saúde cabo-verdiano, presume-se que houve momentos de baixa procura e prática. Mas atualmente percebo que grande franja da população de Santiago consome plantas medicinais na cura e prevenção das doenças.

Ficou evidente também que essa forma tradicional de cura não continuou enraizada no meio rural; já não é uma dádiva do campo ou do passado, como afirma Vieira (1999). A pesquisa sugere que o uso está equilibrado entre pessoas do interior de Santiago e as da Cidade da Praia, neste caso concreto. Ambos são grandes usuários de plantas medicinais na cura de várias patologias, consumindo principalmente em forma de chá, tanto para cura como para prevenção. Além de chá, são usadas de outras formas como, fumador para purificação do ar, banho, suador, cataplasma, aromatização das casas, fricção, infusão e suco.

Para que as plantas medicinais cheguem a todos é necessário que haja pessoas interessadas nessa área de atividade. Trabalhei com vários mediadores, sendo de forma mais direta com as vendedeiras de plantas medicinais no Mercado, pessoas que de uma forma mais expressiva diariamente fazem com que as plantas medicinais circulem em toda ilha.

Constatei que as plantas medicinais são a principal fonte de rendimento económico na vida dessas mulheres, na maioria solteiras e chefes de família. Este é o principal motivo para estarem nessa atividade. Mas, associada a questão financeira, está o gosto, a vontade de seguir o legado dos seus familiares, principalmente das avós, já falecidas, doentes ou velhas, com quem a maioria delas aprenderam sobre essa atividade, conhecendo as plantas medicinais e seu poder de cura. Assim, seguiram o mesmo caminho, ocupando seus espaços de venda no Mercado, que acaba por ser um espaço pertencente a famílias que vão se perpetuando no Mercado. Um outro impacto é na saúde delas e de suas famílias. Não são curandeiras por opção, mas conhecem o poder das plantas medicinais para cada sintoma de doença. Elas não são frequentadoras de hospitais, pois curam com plantas medicinais, e em muitos casos ensinam os seu clientes como fazer.

É de anotar que as vendedeiras de plantas medicinais do Mercado têm consciência do papel que elas desempenham na saúde e na conservação da tradição cultural santiaguense, mantendo-a viva. Mas elas estão no anonimato. Não existem políticas públicas que as valorizem. Elas precisam ser vistas e ouvidas, através dos meios de comunicação social, para serem mais conhecidas e valorizadas, pois, são pessoas com

conhecimentos que devem ser valorizados. É uma atividade que carece de um suporte financeiro, pois, o preço aplicado é baixo, e com muitas perdas de produto diariamente.

Verifica-se que as plantas medicinais têm um papel muito positivo dentro do Mercado, constituindo uma das fontes principais de receita. Além disso, é um atrativo de turístico, trazendo benefícios económicos. Ainda, as plantas medicinais contribuem para um ambiente saudável no Mercado, criando espaços verdes e saudáveis com mistura de aromas que contagia qualquer visitante. Acima de tudo, as plantas medicinais transformam o Mercado num espaço de dinamismo da cura tradicional, funcionando como um hospital tradicional/popular, onde as vendedeiras de plantas medicinais são verdadeiras médicas.

Da mesma forma, conclui-se que o Mercado é um dos principais espaços de circulação de plantas medicinais dentro da ilha de Santiago, e acaba por ter um papel importantíssimo tanto na saúde desse povo como também em manter essa tradição. Não existe melhor espaço para trocas culturais do que nos mercados ou espaços de venda, principalmente com características desse Mercado, pela variedade de produtos ali vendidos, pelas pessoas que ali circulam, isto é, povos de várias regiões do país e do mundo.

O uso de plantas medicinais na feitura de “remédio de terra” em Santiago revela ser uma prática importante e valorizada pelas pessoas em comum, como uma forma de cura e como uma prática cultural. Em termos oficiais, não existe um reconhecimento e valorização dessa prática, nem ao nível da saúde nem ao nível patrimonial.

Cabo Verde, através do Ministério de Saúde, precisa de políticas públicas que reconheçam e valorizem essa prática, que possibilitem experiências, ainda que pontuais, de cooperação entre os profissionais de saúde e os curandeiros ou terapeutas tradicionais. Existe uma resistência do sistema de saúde Cabo-verdiano, dos médicos principalmente, em aceitar “remédio de terra” como meio de tratamento de doenças várias enquanto o Governo reconhece a medicina tradicional chinesa, abrindo portas para sua prática no país. É evidente que a medicina tradicional chinesa está em nível avançado, sem comparação com a de Cabo Verde. Mas tudo porque os chineses valorizaram e desenvolveram o que é deles e hoje estão internacionalmente dando cartas com as suas práticas tradicionais de cura. Minha crítica não é de ser contra essa cooperação, acho até muito bom, se Cabo Verde souber aproveitar para desenvolver a sua. Cada um tem que valorizar aquilo que tem.

A OMS vem alertando a todos os seus membros para que valorizem o uso de plantas medicinais na cura tradicional, reforçando a saúde básica. Dos países africanos, Cabo Verde faz parte de um pequeno grupo que nunca respondeu a OMS de forma positiva nessa matéria. Recomendamos que Cabo Verde siga exemplo de outros países, além da China. O Brasil é um dos fortes nessa área, onde a tradição popular de cura está integrado dentro do SUS.

Cabo Verde necessita dar os primeiros passos nessa direção. Estudar as plantas medicinais que existem em Santiago, valorizar o potencial terapêutico, cooperar com todas as agências que efetivam seu uso, principalmente as vendedeiras e curandeiros, dando formações e orientações para que esses funcionem como colaboradores no sistema de saúde nas suas localidades, e no Mercado, funcionando como um complemento e alívio do serviço de saúde convencional (hospital).

Sendo as plantas medicinais e a cura tradicional, indiscutivelmente, parte da tradição terapêutica e cultural santiaguense, o Ministério da Cultura, através do IPC, teria um papel importante no reconhecimento patrimonial desses bens, através de uma “política de autenticidade” (MEYER, 2019) que valorizasse os processos sociais complexos e multifacetados, princípio fundamental do patrimônio. Seria necessário políticas de reconhecimento baseadas em normas regulamentadas, dando uma visibilidade social às plantas medicinais e à cura tradicional como patrimônio e apoio à saúde dos santiaguenses.

Dado as dificuldades encontradas em contatar a Diretora responsável pela área, no IPC, não foi possível trazer uma posição da Instituição nessa matéria de patrimonialização. Foram vários pedidos de audiência, foram tantos e-mails enviados, tantos telefonemas, deslocamentos até à sede, mas sem sucesso, pelo que sugiro uma maior abertura dos responsáveis do IPC, pois o patrimônio é de todos, e da responsabilidade de todos. É uma área que exige pessoas comprometidas e sensíveis à causa, que escuta as pessoas, principalmente os investigadores, que certamente só trazem contribuições e enriquecimento. Pelo acontecido, torna-se evidente que as plantas medicinais e “remédio de terra” ou cura tradicional ainda não estão na agenda de patrimonialização, pelo IPC. Pelas consultas feitas no site dessa Instituição, até o fecho dessa conclusão não encontrei nada sobre essa matéria.

É necessário mais inclusão, assim como acontece com outras tradições culturais, como a música e a dança. Por exemplo a “Morna” e o “Batuque” hoje são patrimônios da humanidade. Embora sejam práticas culturais de características e dinâmicas diferentes, as

plantas medicinais e cura tradicional também tem um espaço que lhe deve ser atribuído dentro do património, podendo ser nacional ou local, neste caso de Santiago.

Fica o meu comprometimento de, em outros momentos, trazer a versão dos responsáveis do IPC sobre esse assunto, pois a minha intenção é de continuar essa investigação e provocar uma mudança de atitude perante um bem tão importante para a saúde e património santiaguense e de Cabo Verde em geral.

A promoção de um debate aberto sobre a questão faz-se necessário para ampliar o nosso património imaterial, incentivando as instituições responsáveis nessa área, neste caso, o IPC, para salvaguardar e proteger essa prática, usando melhor estratégia. Uma educação patrimonial, com colaboração de todos aqueles que estão mais envolvidos, como as comunidades, sociedade civil organizada, ONGs, poderes locais, universidades etc.

No nível da investigação académica, existem poucos trabalhos sobre esse tema. Algumas monografias, dissertações, artigos, mas voltadas para parte botânica, medicinal, e menos para as práticas terapêuticas e culturais. Também o IPC, em colaboração com as Universidades de Cabo Verde, pode criar incentivos, para mais investigações nessa área cultural e patrimonial, permitindo que a prática de cura tradicional com plantas medicinais permaneça viva na memória desse povo.

Evidentemente, existe grande constrangimento do uso de plantas medicinais e cura tradicional, num país de fraca chuva como Cabo Verde, tanto na obtenção de qualidade como em quantidade adequadas. Existem momentos de escassez desses bens, dificultando a vida de muitos produtores, vendedeiras, curandeiros e usuarios santiaguenses de um modo geral. As autoridades cabo-verdianas, através do INIDA, vem desencadeando mecanismo da sua preservação e protecção. Para tal, foram criadas as chamadas áreas protegidas, como exemplo Parque Natural de Serra Malagueta como se pode constatar no decreto-lei N°3/2003, (Direcção Geral do ambiente, 2005), que incluem as deferentes espécies passíveis de serem preservadas para cura tradicional, incluindo as plantas endémicas.

Essas acções desenvolvidas pelo Estado visam a preservação dos recursos ambientais com valor patrimonial, como é o caso das plantas medicinais, mas é importante também na preservação desse aspecto da cultura cabo-verdiana, que é o uso de plantas medicinais na cura tradicional, objecto deste trabalho. O sucesso dessas acções só tem um verdadeiro impacto se for acompanhado duma educação ambiental e conscientização das pessoas.

Concluindo, plantas medicinais e “remédio de terra” constituem uma prática que revela ser vantajosa para os santiaguenses, por estar mais próxima das pessoas, menos gastos financeiro, menos *stress* e fadiga nas fileiras hospitalares: “Essa herança recebida deve ser salvaguardada par que a diversidade cultural do planeta se mantenha”. (CORREIA E SILVA, 2005, p. 370).

REFERÊNCIAS

- AGRIÃO, PLANTA MEDICINAL. Disponível em:
<https://www.google.com/search?q=Agri%C3%A3o,+planta+medicinal&sxsrf>. Acesso em 10/07/2022
- ALMEIDA, S. **Mercado do Plateau: Regresso aos Mercados**. País. Praia. N 902. 13 março, 2019. Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/pais/2019/03/17/>. Acesso em 20/01/2022.
- AMARAL, Ilídio. Introdução Geográfica. In ALBUQUERQUE, Luís e SANTOS, Emília (Coordenação) - **História Geral de Cabo Verde**. Vol. I, Lisboa/Praia: Instituto de Investigação Científica e Tropical de Portugal/Instituto nacional da cultura de Cabo Verde, Imprensa de Coimbra, Lda. Lisboa, 1991.
- AMARAL, Ilídio. **Santiago de Cabo Verde: A terra e os homens**. Lisboa. Memória da junta de investimento do ultramar. 2 serie. N 48. 1964.
- ANJOS, José Carlos. “**Elites intelectuais e a conformação da identidade nacional em Cabo Verde**”, **Estudos Afro-asiáticos**, ano 25, n.3, 2003.
- APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas – As Mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Edição portuguesa, 2010.
- BALENO, Ilídio. Povoamento e formação de sociedade. In SANTOS, Maria Emília Madeira e Albuquerque Luís de (Coordenação) – **História Geral de Cabo Verde Vol. I** Lisboa/Cidade da Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical de Portugal /Instituto de Investigação Cultural de Cabo Verde, p. 125, 2001.
- BELLO, C. M; MONTANHA, J. A; SCHENKEL, E. P. **Análise das bulas de medicamentos fitoterápicos comercializados em Porto Alegre, RS, Brasil**. Com o objetivo de avaliar a qualidade dos medicamentos fitoterápicos em relação à presença das frases obrigatórias, bem como as instruções específicas por lei. Revista Brasileira. SciELO Brasil, 2002.
- BIOGRÁFICOS DE ANTÓNIA ARAUJO. Disponível em:
https://www.pensador.com/autor/antonia_vicentina_de_araujo. Acesso em 26/06/2022.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil (1988). **Artigos relativos à preservação de Bens Culturais e Ambientais. Brasília, Senado, 1988**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647933/artigo-> Acesso em 14/03/2022.
- BRASIL. **Portaria Interministerial, Número 2960, de 9 de dezembro de 2008**. Disponível em:
https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/pri2960_09_12_2008.html. Acesso a 14/01/2022
- BONI, Paulo César; MORESCHI, Maria Bruno. **Foto etnografia: Importância da fotografia para o resgate da etnografia**. Universidade estadual de Londrina, 2007.

BRÁSIO, António. **Monumento missionária africana: África ocidental 1500...1568**. Vol. II. 2a série. Lisboa: Agencia geral do ultramar, p.88, 1963.

CABO VERDE. Primeiro-Ministro Inaugura Mercado Municipal do Plateau. 2016. Disponível em:<https://www.governo.cv/primeiro-ministro-inaugura-mercado-municipal-doplateau/>. Acesso em 09/04/2022

CABO VERDE. Ministério de Saúde. Dados de vacinação contra covid-19. Disponível em:<https://www.minsaude.gov.cv/index.php/rss-noticias/1425-ministro-da-saude-partilha-experiencia-de-cabo-verde-na-vacinacao-contra-covid19-num-evento-de-alto-nivel-sobre-a-> Acesso em 10/05/2022.

CABO VERDE. Decreto número 20377 de 8 de setembro de 1931. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20377-8-setembro>. Acesso em 14/03/2022.

CABO VERDE. Decreto número 2055 de 19 dezembro de 1957. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-2055-19-dezembro>. Acesso em 14/03/2022.

CABO VERDE. Estatuto dos Municípios de Cabo Verde. Lei n.º 134/IV/95, de 03 de Julho. Criação dos Municípios de Cabo Verde. Assembleia Nacional. Praia, 1995.
CABO VERDE. Folheto informativo “**Protegi, Nós Serra! Protegi, nós terra!**” Direcção Geral do Ambiente. Praia, S/D.

CALIXTO, J. B. Medicamento fitoterápico no Brasil: produção indiscriminada sem o cumprimento da lei, 2003. Disponível em: <http://www.conteudoexpresso.com.br> Acesso em 13/12/2021

CARREIRA, António. **Cabo Verde: Classes sociais, estrutura familiar, migrações**. Lisboa: Biblioteca Ulmeiro nº 9, 1977.

CARREIRA, António. **Migrações nas Ilhas de Cabo Verde**. Praia. Instituto Cabo-Verdiano do Livro, 1983.

CARREIRA, António. **Cabo Verde: Formação e extinção duma sociedade escravocrata**. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro, 1993.

CARVALHO, A.C.B; BABINA, E.E; MACIEL, A; PERFEITO, J.P.S. Situação do registo de medicamentos fitoterápicos no Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. Periódico online. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbfar/>. Acesso em 21/01/2022.

CORREIA E SILVA, António. Cabo Verde e a Geopolítica do Atlântico. In SANTOS, Maria Emília; (Coordenação). **História Geral de Cabo Verde**. Vol. II, Lisboa/Praia: Instituto de Investigação Científica/Instituto Nacional da Cultura de Cabo Verde, Imprensa de Coimbra, Lda, Lisboa, 1995.

- CORREIA E SILVA. António Leão: **A lenta emergência de uma capital**. In: Investigação cultural e pensamento. Número 2/Julho. 1998.p.192.
- CORREIA e SILVA António Leão. **Combates pela história**. Spleen-edições. Praia, 2004.
- CORREIA E SILVA, Filinto Elisio. **Cabo Verde 30 Anos de Cultura, 1975-2005**. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. Praia. 2005. p. 370.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.
- DIREÇÃO GERAL DO AMBIENTE. **O regime jurídico dos espaços naturais**. Praia: Ministério do Ambiente e Agricultura, 2005.
- Direção Geral do Ambiente – Delimitação do porquê natural da Serra Malagueta. Praia, Ministério do Ambiente e Agricultura SD.
- DECLARAÇÃO DE ALMA-ATA, **Conferencias internacionais sobre cuidados primários de saúde**, URSS, 6-8 Setembro de 1978.
Disponível em: <https://bioeticaediplomacia.org/wp-content/uploads/2013/10/alma-ata.pdf>. Acesso em 21/06/2022
- DEUTSCHE WELLE. 2020. Covid- 19: Turismo em Cabo Verde. Praia. In: <https://www.dw.com/pt-002/turismo-em-cabo-verde/t-17426719>. Acessado no dia: 18/7//08/2020.
- DEUTSCHE WELLE. 2020. Covid- 19: Cabo Verde confirma o primeiro caso. Praia. In: <https://www.dw.com/pt-002/covid-19-cabo-verde-confirma-primeiro-caso/a-52851337>. Acessado no dia: 02/8//08/2020.
- FURTADO, Claudio Alves. **A Raça, Classe e Etnia. Nos estudos sobre e em Cabo Verde**: As Marcas do Silêncio. Afro-Ásia, 45, 2012, 147-171.
- FURTADO, Cláudio Alves. **Cabo Verde: dilemas étnico-identitário num território fluido**. Ciências Sociais Unisinos, v. 49, n. 1, p. 2-11, 2013.
- FURTADO, Clementina. Imigrantes continentais em Cabo Verde. Orgs. Andea Lobo e Julian Broz Dias. **O mundo em circulação**: Perspectivas sobre Cabo Verde, 2016.
- FGV CPOC. **A Era Vargas: dos anos 20 a 1945**. Diretrizes do estado novo (1937-1945). Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37>. Acesso a 20/03/2022.
- FLORENCIO, S. R. Política de Educação patrimonial no IPHAN: Diretrizes conceituais e Ações Estratégicas. **RV. CPC**. São Paulo, N 27 especial, p.55-89, Jan/Jul. 2019.
- GOMES, Lourenço. **Monumentos História e interpretação**: Zona histórica da Praia (centro/Norte de 1778 até hoje). Cidade da Praia: Editora Fundação João Lopes, 2020.

GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*, Volume I, Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GOVERNO DE CABO VERDE. Ministério de Saúde Partilha experiência de Cabo Verde na Vacinação contra Covid-19. 28/04/2022. Disponível em: <https://www.governo.cv/ministro-da-saude-partilha-experiencia-de-cabo-verde-na->. Acesso a 27/06/2022.

GOVERNO DE CABO VERDE. Presidente da República “satisfeito” por Cabo Verde ter num tempo bastante razoável conseguir as condições para fazer testes do Covid-19 no Laboratório de Virologia. 19/03/2020. Disponível em: <https://www.governo.cv/presidente-da-republica-satisfeito-por-cabo-verde-ter-num-tempo-bastante-razoavel-conseguido-criar-as-condicoes-para-fazer-testes-do-covid-19->. Acesso em 27/06/22.

GOVERNO DE CABO VERDE. Laboratório de virologia com maior capacidade de testagem. Covid-19. Praia, 04/01/2021. Disponível em: <https://www.governo.cv/covid-19-laboratorios-de-virologia-com-maior-capacidade-de-testagem>. Acesso em 12/07/2022.

INGOLD, Tim. **Da transmissão de representações à educação da atenção**. Educação, v. 33, n. 1, 2010.

Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologias. **Chá ou fitoterápico: Um resgate histórico de como a legislação sanitária encara a planta medicinal desde o Brasil Colônia**. Rio de Janeiro, Perspectiva da ciência e tecnologia. V.2, n ½, 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Segundo Inquérito Demográfico e de Saúde Reprodutiva Cabo Verde**. Praia: IDSR-II. Ministério de Saúde, 2005.

JORNAL EXPRESSO DAS ILHAS. **Cabo Verde disponibiliza para criar centro de medicina tradicional chinesa**. Praia, 25/09/2019. Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/politica/2019/09/25/>. Acessado em 23/06/2022.

JORNAL EXPRESSO DAS ILHAS. **Cabo verde assina acordo de cooperação com medicina tradicional chinesa**. Praia, 17/05/2019. Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/pais/2019/05/17/cabo-verde-assina-acordo-com-parque-cientifico-de-medicina-tradicional-chinesa/>. Acesso em 10/07/2022.

JORNAL “ONDA KRIOULA”. **Madagascar Produz Tónico a Base de Losna e Exporta para Países Africanos como Cura para Covid-19**. 05/05/2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/onda.kriolu/posts/3398746140137403/>. Acesso em 12/07/2022.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social: Uma Introdução à teoria do Ator-rede**. Salvador: Edufba, 2012.

LIMA, Amanda Rafael Ferreira de. Covid-19: Manual de recomendações. Areia, 2020. MEYER, Birgit (Org.). **Como as coisas importam: uma abordagem material de religião “textos de Birgit Meyer”**. Rio Grande do Sul: Editora UFRGS, 2018.

LOBO, A. Constituído Paisagens e Pessoas: colonização espaço e identidade em Cabo Verde. **Anuário Antropológico**, UnB, v.40 n.2, p.121-150, Dez. 2015.

_____. Sobre mulheres fortes homens ausentes? Pensando a conjugalidade como processo em Cabo Verde. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.19, n.2, p.13-25, jul./dez.2016.

_____. África ... Não Muito! Turismo e Africanidade em Cabo Verde. **Sociol. Antropol**, Rio de Janeiro, vol.8 n.3, p. 943-972, Sept. /Dec.2018.

LUPANOTICIA. **É falso que chá de erva-doce pode ser usado como tratamento contra o novo coronavírus**. 01/02/2020.

Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/02/01/verificamos-coronavirus-erva-doce/>. Acesso a 26/06/2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Ciências, Tecnologia e Insumos Estrangeiros. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos**. Departamento de Assistência Farmacêutica. -Brasília, 2006.

MONTEIRO, Júlio. Ribeira Grande a cidade que desapareceu. **Boletim de Cabo Verde de propaganda e informação**. Janeiro/1950. n4. p. 7-8.

OBSERVADOR. Ilha de Santo Antão lidera taxa de vacinação em Cabo Verde. 04/08/2021. Disponível em: <https://observador.pt/2021/08/04/ilha-de-santo-antao-lidera-cobertura-da-vacinacao-em-cabo-verde/>. Acesso em 27/06/2022.

ORDEM FARMACÊUTICA DE CABO VERDE. **“Medicina tradicional em cabo verde”** (s. l.), 20 abr. 2021. Disponível em: <https://ofcv.cv/index.php/others-ofcv/252-medicina-tradicional-em-cabo-verde>. Acessado a 20 de abril de 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, **Década da Medicina Tradicional na Região Africana: Relatório dos Progressos**. Comité Regional Africano, 2011.

PATRIMÓNIO CULTURAL MACARONÉSIA. Disponível em: <https://patrimonioculturalnamacaronesia.pt/macaronesia>. Acesso a 26/06/2022.

PINTO, A. C.; SILVA, D. H. S.; e BONZANI, V. da S; LOPES, N.P.; EPIFÂNIO. R. de A. Produtos naturais: **Atualidade, Desafios e Perspectivas**. Revista química nova. V.25, supl. 1:p.45-61, 2002.

RAMOS, Basílio. **Políticas Nacional de Saúde: reformar para uma melhor saúde**. Ministério de Saúde da República de Cabo Verde, Cidade da Praia, 2007.

Ministério do Ultramar – Gabinete do Ministro, Diário do governo n 274/1963, 1 suplemento, Série I de 1963 – 11-22, páginas 1801.

ROCHA, K. D; DUARTE, J.U; LUZ, E.D; DELGADO, M; FERNANDES, E; GOMES, G; GOMES, S; PIRES, A; RAMOS, M; ROCHA, Z; SANTOS, M. A **importância de Plantas medicinais em Cabo Verde. Estudo do Caso:**

Conhecimento Tradicional das Plantas Medicinais de S. Vicente, meio urbano versus rural. Faculdade da Educação e desporto da Universidade de Cabo Verde em Mindelo- Escola de Formação de professores. Instituto universitário de Educação (EFP, IUE), Centro de química e bioquímica, faculdade de ciências (CQB, FC), 2019.

ROSA, C. da; CÂMARA, S. G; BÉRIA, J. U. Representação, e intenção de uso da fitoterapia na atenção Básica à Saúde. **Ciência e Saúde coletiva.** V 16, n1, p. 311-318, 2011.

SENNA, Barcellos. **Subsídios para a história de Cabo Verde Guine.** Notas e comentários de Daniel Pereira volume IV parte VI, Praia. Editora instituto da biblioteca Nacional, 2003.

TAVARES, Fátima; Francesca Bassi (Org.). **Festas na Baía de Todos os Santos: visibilizando diversidades, territórios, sociabilidades.** Salvador: EDUFBA, 2015.

TAVARES, Fátima; Carlos Caroso, Francesca Bassi e Thais Penaforte Fernando Morais. **Saberes e Fazeres Terapêuticos Quilombolas Cachoeira.** 2a edição. Salvador: EDUFBA, 2019.

TORRES, Maria Manuela. Rotas Comerciais, agentes económicos, meios de pagamento. In SANTOS, Emília (Coordenação). **História Geral de Cabo Verde.** Vol. II, Lisboa/Praia: Instituto de Investigação Científica/Instituto Nacional da Cultura de Cabo Verde, Imprensa de Coimbra, Lda, Lisboa, 1995.

TRAJANO FILHO, Wilson. A constituição de um olhar fragilizado: notas sobre o colonialismo português em África. **A persistência da História. Passado e contemporaneidade em África.** Lisboa, ICS, p. 21-59, 2004.

VIEIRA, Henrique Santa Rita. **História da Medicina em Cabo Verde.** Praia: Ministério da Saúde de Cabo Verde e Sociedade Cabo-Verdiana de Tabacos, Lda, 1999.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global Report on Traditional And Complementary Medicine,** 2019. Disponível em: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/igo>. Acessado em 30 de Março de 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **African Traditional Medicine Day.** The African Health Monitor, Special Issue, 31 August 2010. Disponível em: <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/> - Acessado 30 de Março de 2022.